



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – PSTO

Laboratório de Psicologia Ambiental – LPA

**A CONGRUÊNCIA ENTRE A PESSOA E O AMBIENTE RESIDENCIAL NA
PERSPECTIVA DE CRIANÇAS E IDOSOS**

Dayse da Silva Albuquerque

Brasília – DF

2019



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – PSTO

Laboratório de Psicologia Ambiental – LPA

**A CONGRUÊNCIA ENTRE A PESSOA E O AMBIENTE RESIDENCIAL NA
PERSPECTIVA DE CRIANÇAS E IDOSOS**

Dayse da Silva Albuquerque

Orientadora: Prof.^a Dra. Isolda de Araújo Günther

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Doutora na linha de pesquisa de Psicologia Ambiental.

Brasília – DF

2019

**A CONGRUÊNCIA ENTRE A PESSOA E O AMBIENTE RESIDENCIAL NA
PERSPECTIVA DE CRIANÇAS E IDOSOS**

Esta tese foi avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dra. Isolda de Araújo Günther (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações
Universidade de Brasília – UnB

Prof.^a Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi (Membro Externo)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof.^a Dra. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali (Membro Externo)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Dr. Alexander Hochdorn (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações
Universidade de Brasília – UnB

Prof.^a Dra. Elaine Rabelo Neiva (Membro Suplente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações
Universidade de Brasília – UnB

AGRADECIMENTOS

Dedico esses agradecimentos primeiramente aos participantes dessa pesquisa que permitiram a construção da tese a partir de suas histórias, relações e disponibilidade em contribuir. Aos idosos que abriram a porta de suas casas para me receber e conversar sobre seus cotidianos e às crianças que tornaram essa jornada mais leve por meio de seus relatos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília pelo apoio ao longo dos anos de doutorado e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo provimento da bolsa de pesquisa ao longo desses quase 48 meses.

Sou muito grata à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Isolda de Araújo Günther, que me acolheu desde o primeiro momento e sempre se manteve presente e disposta a dialogar. Sua amorosidade permitiu a construção de uma relação pautada na cumplicidade e confiança, de modo que essa tese reflete a minha aproximação com o campo da gerontologia e o reconhecimento do meu envolvimento cada vez mais sólido na interlocução entre psicologia ambiental e psicologia do desenvolvimento.

Ao Laboratório de Psicologia Ambiental (LPA-UnB), que na figura do Prof. Dr. Hartmut Günther, reflete todo o potencial dos estudos pessoa-ambiente e todo o carinho de uma equipe que busca ser plena em suas pesquisas e em suas relações interpessoais. Agradeço por cada momento de reflexão dentro e fora de sala de aula e ao apoio dessa equipe: Ingrid, Alexandre, Carol, Lucas, e principalmente, Natália e Fernandinha, que foram minhas companheiras de jornada e que me proporcionaram risos e compartilhamentos nos momentos de estresse e sofrimento. Esses encontros sempre nos fortalecem.

Aos membros da banca de qualificação e defesa de tese: Prof. Dr. Alexander Hochdorn, Prof.^a Dra. Juliana Porto, Prof.^a Dra. Gleice Elali e Prof.^a Dra. Maria Inês Higuchi. Por todas as colaborações e pelo modo gentil e cordial de transmitir suas críticas em relação ao trabalho desenvolvido. Agradeço especialmente à professora Gleice pela presença nos dois momentos de avaliação e por ter me permitido desfrutar de sua companhia, sempre tão sorridente, deixando o espaço aberto para pensarmos em futuras parcerias, e claro, à professora Maria Inês, que sempre se manteve presente ao longo desses anos, desde a graduação, acompanhando essa minha jornada acadêmica e prestando o apoio necessário para que eu mantivesse o foco e a dedicação.

À Associação Brasileira de Psicologia Ambiental e Relações Pessoa-Ambiente (ABRAPA), recém-formada, mas que já tem rendido bons frutos, e tem me auxiliado a estreitar laços com os pesquisadores da área e que tem nos fortalecido enquanto grupo para que possamos pensar em ações futuras. Agradeço os encontros realizados esse ano, desejando que os próximos sigam frutíferos.

Agradeço ainda aos meus familiares que acompanharam à distância esses acontecimentos, mas que se mantiveram na torcida pela sua concretização. Em especial, um agradecimento à minha amada mãe, Ocirene, por ter superado seu medo de viajar de avião para vir me visitar e que, apesar do sofrimento, mostrou-se sempre forte, guerreira e confiante, acreditando no meu potencial para superar os obstáculos. E a minha sobrinha mais velha, Maria Eduarda, que aos 13 anos, faz questão de demonstrar o orgulho pela tia, buscando acompanhar meus passos, já planejando os seus.

Aos professores que ofertaram novos aprendizados em cada uma das disciplinas cursadas, aos colegas que tive a oportunidade de conhecer nos corredores e salas de aula ao longo desses quase quatro anos e aos alunos dos cursos de verão que me oportunizaram exercer a docência. Esse aprendizado mútuo foi de suma importância para meu desenvolvimento profissional.

Ao meu companheiro de vida, Fran, por ter vindo ao meu encontro, sempre disposto a recomeçar, seja onde for. Por fim, agradeço as amizades conquistadas, fortalecidas e reconquistadas nesse processo. Longe ou perto, sempre fizeram a diferença. Adria Lima, Genoveva Azevedo e sua filha Pandora, Cleison Guimarães, Patrícia Schubert e sua filha Maia, Josiane Medeiros, Adriana Ramos, Maria Berenice Carneiro, Maria Silene Amaral, Denise Amâncio, Renata Matos e tantos outros que em algum momento me deram a mão. Ninguém solta a mão de ninguém.

Sinto gratidão e orgulho pelo encerramento desse ciclo. Que venham os próximos.

Resumo

De acordo com o modelo ecológico de envelhecimento humano, a congruência entre características ambientais e necessidades individuais fornece fundamento para entender o impacto ambiental sobre o bem-estar e a adaptação das pessoas. Dentre os diversos cenários com os quais as pessoas se relacionam estão os ambientes residenciais, que abrangem a área interna do local de moradia e suas adjacências. Apresenta-se assim como contexto propício para manutenção e compreensão dessa congruência pessoa-ambiente. Embora o modelo focalize a relação idoso-ambiente, propomos estendê-lo a outras fases do curso de vida. Essa proposição tem como base que os níveis de competência individual variam ao longo do desenvolvimento humano, apresentando especificidades também nos períodos da infância, da juventude e da vida adulta. As atuais agendas de políticas públicas preconizam a necessidade de ambientes amigáveis para o desenvolvimento sadio das populações e têm discutido e publicado nas últimas décadas materiais concernentes à temática, definindo diretrizes para as denominadas “*Age and Child Friendly Cities*”. Assim, faz-se premente refletir sobre fatores que potencializem o acolhimento nas cidades de modo que incluam grupos não hegemônicos em processos participativos de planejamento urbano. Sob esse enfoque, o estudo avaliou dois ambientes residenciais na cidade de Brasília a partir do modelo desenvolvido por Lawton e colaboradores, tendo como base as percepções e o dia-a-dia de crianças e idosos. A pesquisa seguiu um delineamento transversal, exploratório e descritivo, a partir de um enfoque qualitativo e uma abordagem multimétodos com a realização de dois estudos, incluindo observações sistemáticas e entrevistas associadas a fotografias de espaços do cotidiano de cada grupo, em seu respectivo ambiente residencial. Os resultados revelaram que na casa residem as relações e vivências diárias, na historicidade local, nas *affordances* percebidas e nos recursos destinados ao lazer, à interação social, à segurança e à oferta de suprimentos. Facilitadores e barreiras se intercalaram nesses cotidianos, exigindo usos alternativos dos espaços e modificações de cenários a fim de torná-los mais amigáveis. As 39 crianças e os 33 idosos participantes mostraram que, apesar de se encontrarem em momentos distintos de desenvolvimento, compartilham da busca por independência e autonomia no uso dos espaços, em graus variados, de acordo com as suas habilidades para lidar com as situações. As proposições apresentadas pelos moradores para melhoria das áreas de estudo mostraram a faceta prática que a pesquisa no campo da psicologia ambiental pode sustentar, conduzindo as informações a agentes sociais interessados em processos de planejamento participativo pautados no levantamento de necessidades locais. Com o intuito de instigar novos olhares sobre as perspectivas de desenvolvimento humano e dos estudos pessoa-ambiente, os desdobramentos dos dados podem colaborar no enfrentamento das mudanças sociodemográficas vigentes e subsidiar atualizações nas agendas públicas pautadas na concepção de cidades amigáveis.

Palavras-Chave: ambientes residenciais; congruência pessoa-ambiente; relação idoso-ambiente; relação criança-ambiente; psicologia ambiental

Abstract

According to the ecological model of human aging, the congruence between environmental characteristics and individual needs provides the basis for understanding the environmental impact on people's wellbeing and adaptation. Among the various scenarios with which people relate are residential environments, which encompass the inner area of the place of residence and its surroundings. It thus presents itself as a favorable context for maintaining and understanding this person-environment congruence. Although the model focuses on the elderly-environment relationship, we propose to extend it to other stages of the life course. This proposition is based on the fact that individual competence levels vary throughout human development, presenting specificities also in the childhood, youth and adulthood. Current public policy agendas advocate the need for friendly environments for healthy population development and have been discussing and publishing in the last decades material on the subject, defining guidelines for the so-called "Age and Child Friendly Cities". Thus, it is urgent to reflect on factors that enhance the docility in cities and include such groups in participatory urban planning processes. In this light, the study evaluated two residential environments in the city of Brasilia from the model developed by Lawton and collaborators, based on the perceptions and daily life of children and the elderly. The study followed a cross-sectional, exploratory and descriptive design, based on a qualitative and a multimethod approach with two studies including systematic observations and interviews associated with photographs of daily spaces of each group, in their respective residential environment. The results revealed that the dwelling resides in daily relationships and experiences, local historicity, perceived affordances and resources for leisure, social interaction, security and supplies. Facilitators and barriers have interspersed in these daily lives, requiring alternative uses of spaces and modification of scenarios in order to make them friendlier. The 39 children and 33 elderly participants showed that, despite being at different times of development, they share the search for independence and autonomy in the use of spaces, in varying degrees, according to their ability to cope with situations. The propositions presented by the residents to improve the study areas show the practical facet that research in the field of environmental psychology can sustain, leading the information to social agents interested in participatory planning processes based on the survey of local needs. In order to stimulate new perspectives of human development and the person-environment studies, the data can contribute to facing current sociodemographic changes and subsidize updates on public agendas based on the design of friendly cities.

Keywords: residential environments; person-environment congruence; elderly-environment relationship; child-environment relationship; environmental psychology

Lista de Figuras

Figura 1 - Locais de Estudo no Plano Piloto de Brasília	43
Figura 2 - Setores de Observação no Ambiente Residencial 1	47
Figura 3 - Setores de Observação no Ambiente Residencial 2	47
Figura 4 - Distribuição das atividades realizadas por crianças no AR-1 ao longo de uma semana de observação.....	56
Figura 5 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por crianças no AR-1 por setor de observação.....	58
Figura 6 - Distribuição das atividades realizadas por idosos no AR-1 ao longo de uma semana de observação.....	59
Figura 7 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por idosos no AR-1, por setor de observação.....	60
Figura 8 - Distribuição das atividades realizadas por crianças no AR-2 ao longo de uma semana de observação.....	61
Figura 9 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por crianças no AR-2 por setor de observação.....	62
Figura 10 - Distribuição das atividades realizadas por idosos no AR-2 ao longo de uma semana de observação.....	63
Figura 11 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por idosos no AR-2 por setor de observação.....	64
Figura 12 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças - AR-1.....	66
Figura 13 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - Crianças - AR-1 ...	67
Figura 14 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Idosos - AR-1	69
Figura 15 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - Idosos - AR-1.....	70
Figura 16 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças - AR-2.....	71
Figura 17 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - Crianças - AR-2 ...	72
Figura 18 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Idosos - AR-2	73
Figura 19 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - Idosos - AR-2.....	74
Figura 20 - Nuvem de palavras - Crianças - AR-2	76
Figura 21 - Nuvem de palavras associadas às entrevistas das crianças do AR-1 e AR-2.....	76
Figura 22 - Nuvem de palavras - Idosos - AR-1	77
Figura 23 - Nuvem de palavras - Idosos - AR-2.....	77
Figura 24 - Nuvem de palavras associadas às entrevistas dos idosos do AR-1 e AR-2	77

Figura 25 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-1.....	78
Figura 26 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - AR-1	79
Figura 27 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-2.....	80
Figura 28 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - AR-2	80
Figura 29 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-1 e AR-2.....	81
Figura 30 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - AR-1 e AR-2.....	82

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Perfil dos participantes - Grupo 1 - Crianças do AR-1 e AR-2.....	51
Tabela 2 - Perfil dos participantes - Grupo 2 - Idosos do AR-1 e AR-2.....	54
Tabela 3 - Distribuição das crianças observadas no AR-1 conforme dias e horários da semana	56
Tabela 4 - Distribuição das crianças observadas no AR-1 conforme setores e tipos de atividades	57
Tabela 5 - Distribuição dos idosos observados no AR-1 conforme dias e horários da semana	58
Tabela 6 - Distribuição dos idosos observados no AR-1 conforme setores e tipos de atividades	60
Tabela 7 - Distribuição das crianças observadas no AR-2 conforme dias e horários da semana	61
Tabela 8 - Distribuição das crianças observadas no AR-2 conforme setores e tipos de atividades	62
Tabela 9 - Distribuição dos idosos observados no AR-2 conforme dias e horários da semana	63
Tabela 10 - Distribuição dos idosos observados no AR-2 conforme setores e tipos de atividades	64
Tabela 11 - Propostas de melhorias por fotografia apresentada aos participantes do AR-1....	93
Tabela 12 - Propostas de melhorias por fotografia apresentada aos participantes do AR-2....	94

LISTA DE SIGLAS

IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
SES	Secretaria de Estado de Saúde
PSTO	Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações
LPA	Laboratório de Psicologia Ambiental
UNB	Universidade de Brasília
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
CEF	Caixa Econômica Federal
PROSAMIM	Programa de Saneamento dos Igarapés de Manaus
OMS	Organização Mundial de Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
SOC	Processo Geral de Seleção, Otimização e Compensação
GDF	Governo do Distrito Federal
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
AR-1	Ambiente Residencial 1 (Granja do Torto)
AR-2	Ambiente Residencial 2 (Asa Norte)
SQN	Superquadra Norte
MCCL	Mapeamento Comportamental Centrado no Lugar
PEC	Ponto de Encontro Comunitário
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
IRAMUTEQ Questionários	Interface de R para Análises Multidimensionais de Textos e
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
AF	Análise Fatorial Simplificada
ONU	Organização das Nações Unidas

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. OBJETIVOS	17
1.1. Questão de Pesquisa	17
1.2. Objetivos Geral	17
1.3. Objetivos Específicos	17
2. REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1. CONGRUÊNCIA PESSOA-AMBIENTE	18
2.2. AMBIENTES RESIDENCIAIS	25
2.3. RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NA INFÂNCIA E NA VELHICE	34
3. MÉTODO	42
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	42
3.2. CONTEXTOS DE ESTUDO	42
3.2.1. SETOR HABITACIONAL DO TORTO - AMBIENTE RESIDENCIAL 1 (AR-1)	44
3.2.2. SUPERQUADRAS NORTE 115 E 315 - AMBIENTE RESIDENCIAL 2 (AR- 2)	44
3.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	45
3.3.1. ESTUDO 01 – OBSERVAÇÕES SISTEMÁTICAS	45
3.3.2. ESTUDO 02 – ENTREVISTAS ASSOCIADAS A FOTOGRAFIAS	48
3.4. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E CUIDADOS ÉTICOS	49
3.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	49
4. RESULTADOS	50
4.1. PERFIL DOS PARTICIPANTES	51
4.2. ESTUDO 1	55
4.2.1. AMBIENTE RESIDENCIAL 1 – GRANJA DO TORTO (AR-1)	56
4.2.1.1. CRIANÇAS	56
4.2.1.2. IDOSOS	58
4.2.2. AMBIENTE RESIDENCIAL 2 – ASA NORTE	60
4.2.2.1. CRIANÇAS	60
4.2.2.2. IDOSOS	62
4.3. ESTUDO 2	64
4.3.1. AMBIENTE RESIDENCIAL 1 – GRANJA DO TORTO	65
4.3.1.1. CRIANÇAS	65

4.3.1.2. IDOSOS	68
4.3.2. AMBIENTE RESIDENCIAL 2 – ASA NORTE	70
4.3.2.1. CRIANÇAS.....	70
4.3.2.2. IDOSOS	73
4.3.3. ANÁLISES COMPLEMENTARES	75
5. DISCUSSÃO	82
5.1. ESTUDO 1 – OBJETIVO ESPECÍFICO 1: Identificar atividades realizadas por crianças e idosos em seus respectivos ambientes residenciais.....	83
5.2. ESTUDO 2 – OBJETIVO ESPECÍFICO 2: Diferenciar a avaliação de ambientes residenciais por crianças e idosos considerando suas capacidades individuais frente às demandas ambientais.....	87
5.3. ESTUDO 2 – OBJETIVO ESPECÍFICO 3: Propor melhorias nos locais pesquisados de modo a potencializar a qualidade de vida dos residentes de cada área	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICE A.....	112
TRECHOS DE ENTREVISTAS REPRESENTATIVOS DAS CATEGORIAS IDENTIFICADAS.....	112
APÊNDICE B	126
ROTEIRO DE ENTREVISTA	126
APÊNDICE C.....	127
FOTOGRAFIAS PARA O ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	127
APÊNDICE D.....	130
ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	130
APÊNDICE E	131
TERMO DE CONSENTIMENTO apresentado aos pais e/ou responsáveis	131
APÊNDICE F.....	132
TERMO DE ASSENTIMENTO apresentado às crianças	132
APÊNDICE G.....	133
TERMO DE CONSENTIMENTO apresentado aos idosos	133
ANEXO 1.....	134
TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DO AR-1	134
ANEXO 2.....	135
TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DO AR-2	135
ANEXO 3.....	136
PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	136

INTRODUÇÃO

Localizada na região centro-oeste do país, a cidade de Brasília, capital do Distrito Federal, mas sobretudo, capital do Brasil, vem apresentando nas últimas décadas um crescimento populacional rápido e desenfreado. Em 2010, com uma população de aproximadamente 2 milhões e 500 mil habitantes (Brasil, 2010), Brasília tornou-se já em 2017, a terceira maior capital do país ao atingir a marca de 3 milhões de habitantes. A cidade contabilizou essa marca em apenas cinco décadas, desde sua fundação em 21 de abril de 1960.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital está entre os maiores do país com taxa de 0,82. Os principais fatores que contribuem para esse índice são a alta expectativa de vida (77 anos) e a elevada renda per capita (R\$ 1.715,00). Tais dados vinculam-se ao aumento da população idosa, principalmente pelo fato de que os primeiros moradores de Brasília migraram para a região com o propósito de ocupação da nova cidade que surgia. O estabelecimento desses moradores tem contribuído para essas estatísticas, conforme levantamento realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN) que aponta que de 2010 a 2013, houve um aumento de 4% da população idosa na capital, atingindo a estimativa de 12%.

Algumas regiões administrativas da cidade concentram um maior número de idosos e mostram ser as áreas com maior concentração de renda. A Região Administrativa 1 (Plano Piloto), composta pelas Asa Sul, Asa Norte, Noroeste, Estação Ferroviária, Setores de Oficinas, Armazenamento e Abastecimento, Industrias Gráficas, Embaixadas Norte e Sul, Setor Militar Urbano, Setor de Clubes, além do Parque da Cidade, Eixo Monumental, Esplanada dos Ministérios e as Vilas Planalto, Telebrasilândia e Wesleyan Roriz (Granja do Torto) congrega cerca de 22% da população idosa do Distrito Federal (DF).

No que tange à população infantil (0-14 anos), dados da Secretaria de Saúde do DF (SES-DF) divulgados em 2017 indicam que 20% da população encontra-se nessa faixa etária. Das mais de 620 mil crianças, cerca de 31 mil encontram-se no Plano Piloto. A população de 60 anos ou mais corresponde à aproximadamente 46 mil dos habitantes dessa região. Esses dados sinalizam a relevância do investimento em espaços que possam incluir crianças e idosos no dia-a-dia da cidade brasiliense.

Os estudos pessoa-ambiente buscam, dentre os vários temas de interesse, subsidiar melhorias no contexto urbano a partir de métodos e técnicas pautados na compreensão do uso de espaços públicos e privados. A crescente demanda pela promoção de ambientes amigáveis para idosos e crianças nos cenários urbanos direcionou a pesquisa aqui apresentada tendo em vista o panorama relativo à população de Brasília. O investimento em ações voltadas ao fortalecimento de vínculos, apropriação dos espaços públicos e afetividade na cidade são reconhecidos como capazes de promover bem-estar e qualidade de vida e reduzir sobrecargas e males urbanos (Bonaiuto & Alves, 2012; Perlaviciute & Steg, 2012).

Em distintos níveis de análise, os territórios primários definidos como espaços privados, controlados por aqueles que o ocupam e que fornecem abrigo, adquirem importância significativa para a população idosa e infantil, incluindo nesse âmbito os locais de moradia. Barreiras e facilitadores se fazem presentes nesses cenários e repercutem nos comportamentos diários, exigindo adaptações às demandas (Depeau, 2017; Fischer, s/d; Fornara & Manca, 2017). As características individuais incorporam-se a esses contextos, gerando níveis distintos de adaptação e acarretando percepções e avaliações ora positiva ora negativas no que diz respeito à relação com o entorno (Bell, Greene, Fisher & Baum, 2001). Dessa forma, conduzir estudos focados no espaço vivido de crianças e idosos é buscar uma compreensão mais aprofundada do dia-a-dia desses grupos e do modo como o ambiente urbano tem possibilitado a satisfação de seus usuários.

Ainda que as vivências urbanas não se ampliem na cidade como um todo, os espaços de contato diário incorporam percepções, preferências e compatibilidades, tendo em vista as necessidades individuais e aquilo que é ofertado e possibilitado pelo ambiente. Gitlin (2003) enfatiza que estudos sobre ambientes residenciais no campo da gerontologia ambiental são escassos, contudo, pondera acerca da importância do investimento no tema devido à centralidade da moradia para a população idosa e a possibilidade do desenvolvimento de estratégias que deem suporte e reduzam as perdas associados ao envelhecimento. No que se refere à infância, Lopes & Fichtner (2017) pontuam a pouca disponibilidade de espaços para crianças nas cidades. Esses espaços públicos que poderiam proporcionar a vinculação criança-cidade, além de restritos, carecem de segurança e privam esse grupo de vivências espaciais mais amplas.

Esse panorama conduz a reflexões sobre o modo como as cidades têm se mostrado amigáveis ou não a crianças e idosos, tendo como base suas demandas de uso e apropriação

dos espaços públicos e suas capacidades para lidar com os obstáculos presentes nos moldes urbanísticos atuais. Nesse sentido, esse estudo considerou os dados atuais sobre a população brasiliense, propondo-se a buscar subsídios para o planejamento de espaços potencializadores do bem-estar e da qualidade de vida de tais populações em seus locais de moradia.

Para tanto, o estudo questionou como crianças e idosos avaliam os locais em que residem ao considerar suas capacidades individuais frente aos recursos disponíveis em seu entorno. Foram identificados os principais usos e atividades desses grupos em dois ambientes residenciais da cidade de Brasília, buscando diferenciar as avaliações e as percepções de cada grupo de acordo com suas especificidades em termos de demandas individuais e ambientais. Ao término do estudo, dedica-se uma seção para descrição de proposições e alternativas de melhorias nos locais pesquisados sob a ótica dos participantes.

Esse inter-relacionamento de fatores humano-ambientais alicerçou-se no modelo ecológico de envelhecimento de Lawton e Nahemow (1973) e seus pressupostos teóricos de pressão-competência, qualidade de vida, docilidade e proatividade ambiental. Além disso, incorporaram-se pressupostos advindos de desdobramentos desse modelo, como a concepção de congruência do modelo de Kahana (1982), definida a partir da busca pela harmonia/correspondência entre preferências pessoais e recursos ambientais para promoção de satisfação e bem-estar na relação com o ambiente residencial.

Os aspectos descritos nos resultados e discussão podem auxiliar distintas áreas do conhecimento com interesse em estudos voltados para as relações pessoa-ambiente (psicologia nos campos ambiental e desenvolvimental, arquitetura, geografia, educação, planejamento urbano, entre outros) a partir do aprofundamento de aspectos teóricos, metodológicos e interventivos para a formatação de espaços que promovam bem-estar para as populações idosa e infantil nos centros urbanos. Cientificamente, o estudo realizado permitiu a ampliação da discussão sobre a temática no âmbito da psicologia ambiental, por meio de comunicações orais em congressos e eventos e publicações em periódicos. Permitiu ainda a divulgação de trabalhos produzidos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO) e no Laboratório de Psicologia Ambiental (LPA) da Universidade de Brasília (UnB).

A tese está organizada de forma contínua, iniciando-se pela revisão de literatura apresentada em três tópicos com os temas centrais resgatados na discussão dos resultados: congruência pessoa-ambiente, ambientes residenciais e relação pessoa-ambiente na infância e

na velhice. Tais tópicos fundamentaram a abordagem multimetodológica e direcionaram a resolução da questão de pesquisa. Na seção destinada ao método, estão descritos os procedimentos de coleta e análise de dados para possíveis replicações. Os resultados apresentam o perfil dos participantes, os usos e atividades das crianças e idosos nos espaços públicos e as avaliações dos locais apresentados por meio de fotografias no decorrer das entrevistas. Assim, retrata-se o cotidiano de dois ambientes residenciais brasilienses, dentro de suas similaridades e especificidades de modo a responder aos questionamentos propostos.

1. OBJETIVOS

1.1. Questão de Pesquisa

Como os ambientes residenciais na cidade de Brasília/DF são avaliados por crianças e idosos, considerando suas capacidades individuais frente às demandas ambientais?

1.2. Objetivos Geral

Avaliar dois ambientes residenciais na cidade de Brasília/DF a partir do modelo pressão-competência

1.3. Objetivos Específicos

- Identificar atividades realizadas por crianças e idosos em seus respectivos ambientes residenciais;
- Diferenciar a avaliação de ambientes residenciais por crianças e idosos considerando suas capacidades individuais frente às demandas ambientais;
- Propor melhorias nos locais pesquisados sob a ótica dos participantes de modo a potencializar a qualidade de vida dos residentes de cada área;

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. CONGRUÊNCIA PESSOA-AMBIENTE

A população urbana, cada vez mais crescente, encara cotidianamente desafios que exigem adaptação às demandas impostas por esse cenário. Desde as perspectivas clássicas, a cidade é concebida como uma construção social, caracterizada por contrastes que resultam em espaços variados para grupos específicos. A heterogeneidade urbana gera experiências únicas que podem ocasionar tanto distanciamento e indiferença em relação aos demais e ao entorno, bem como a construção de vínculos sociais pautados em sentimentos de pertencimento e participação comunitária (Lynch, 1999; Simmel, 1987; Wirth, 1967). As perspectivas mais contemporâneas sobre a cidade enfatizam as sobrecargas físicas e mentais que atuam sobre os modos de sentir, pensar e agir dos cidadãos (Milgram, 1970; Kaplan & Kaplan, 1989). Tais sobrecargas incluem os cada vez mais longos períodos gastos em deslocamentos, a insegurança decorrente da violência urbana, a densidade populacional, os diferentes tipos de poluição, os baixos níveis de acessibilidade, dentre outros (Ramírez, 2002).

A adaptação aos mais variados tipos de ambientes é primordial para o fortalecimento do bem-estar e da qualidade de vida das populações urbanas. Em uma perspectiva ecológica, os cenários e elementos físicos que compõem o contexto urbano direcionam comportamentos de maneira a estabelecer alguns roteiros que regem a vida cotidiana (Pinheiro, 2011). As relações estabelecidas com o ambiente físico ao longo do desenvolvimento humano conferem a necessidade de ajustes constantes que repercutem em processos de saúde-doença e de formação identitária. Os estudos voltados para as inter-relações pessoa-ambiente buscam, dentre outros interesses, aprofundar a compreensão de como se constrói maior congruência entre as necessidades individuais e as características do ambiente físico para redução de níveis de pressão e estresse ambiental decorrentes dessas adaptações (Gatersleben & Griffin, 2017; Perlaviciute & Steg, 2012).

A pressão ambiental caracteriza-se pelas demandas que exercem influência sobre as pessoas, tendo em vista suas capacidades individuais de adaptação aos recursos disponíveis no ambiente físico e suas necessidades de uso. Dessa forma, a pressão resulta em níveis variados de estresse ambiental, que por sua vez, diz respeito às respostas fisiológicas e emocionais do organismo frente às demandas externas. O estresse põe o organismo de prontidão para o enfrentamento das situações impostas e está sujeito ao grau de adaptação de cada indivíduo

(Günther, 2011; Günther & Fragelli, 2011). Mudanças nos níveis de pressão atuam de maneira distinta sobre o comportamento humano e cada indivíduo apresenta um limiar de pressão diferenciado. Assim, as pessoas permanecem pouco conscientes do ambiente até que ocorra um acréscimo dos níveis de pressão a ponto de exigir ajuste e adaptação (Lawton & Simon, 1968).

Nesse sentido, tanto as características individuais quanto a pressão exercida pelo ambiente potencializando ou reduzindo sobrecargas podem indicar comportamentos com distintos níveis de adaptação. Essa reciprocidade humano-ambiental no gerenciamento de adaptação foi explorada por Lawton e colaboradores a partir da década de 70 no contexto do envelhecimento. O modelo ecológico de envelhecimento humano (Lawton & Nahemov, 1973) identificou que ambientes específicos com maiores níveis de pressão, afetam de maneira significativa pessoas com baixa competência comportamental relacionadas às habilidades cognitivas, físicas e sociais, tornando a inter-relação pessoa-ambiente menos dócil (hipótese de docilidade ambiental – *environmental docility hypothesis*). Em contrapartida, quando o indivíduo apresenta competências que permitem maior adaptação e uso dos recursos disponíveis no local, considera-se a atuação proativa desse inter-relacionamento (hipótese de proatividade ambiental).

A premissa de Kurt Lewin (1951), na qual o comportamento é uma função da interação pessoa-ambiente, gerou reflexões sobre como o ambiente afeta o ser humano em suas vivências diárias. Sob essa premissa, Lawton e colaboradores (1991) delinearum um modelo de qualidade de vida e argumentaram que aspectos do ambiente físico, competências comportamentais individuais e a percepção de bem-estar estão diretamente implicados nos processos adaptativos ao ambiente. Conforme esse modelo, a congruência entre características ambientais e necessidades individuais pauta-se como um meio para entender o impacto ambiental sobre o bem-estar e ajuste das pessoas, tendo o conceito de docilidade ambiental como construto saliente dessa inter-relação. Portanto, é importante questionar não somente se o ambiente é bom, mas para quem ele é bom (Kahana, 1982; Kahana, Lovegreen, Kahana & Kahana, 2003). O termo docilidade (*docility*) remete à noção daquilo que é dócil, ou seja, está apto a ajustar-se. Tem como sinônimos termos como flexibilidade, brandura, maleabilidade, dentre outros. Por tais razões, reflete a ideia empregada por Lawton e colaboradores em seu modelo pressão-competência (Günther & Elali, 2018).

Destarte, o panorama definido concebe a pessoa com base em atributos que indicam sua capacidade funcional em termos de saúde física e mental, tendo em vista o desempenho em atividades diárias e seu nível adaptativo. Do outro lado, o ambiente envolve os distintos aspectos e dimensões geradores de pressão, subdividindo-se em: (1) ambiente pessoal – engloba pessoas significativas para determinado indivíduo como familiares e amigos; (2) ambiente grupal – envolve as pessoas que compartilham o mesmo ambiente, independentemente do tipo de relação; (3) ambiente suprapessoal – composto por indivíduos que apresentam características similares (por exemplo, sexo, idade, preferências, renda) que os aproximam; (4) ambiente sociocultural – diz respeito às características sociais mais amplas que fundamentam normas e regras em cada local e, (5) ambiente físico – refere-se aos fatores de influência (iluminação, ruído, sensação térmica, mobiliário, etc.) que podem ser medidos em contextos naturais e construídos. Em cada uma dessas dimensões, enfatiza-se como as relações refletem a congruência pessoa-ambiente (Lawton & Brody, 1969; Lawton, 1986).

A teoria bioecológica de desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner (1999) também apresenta uma subdivisão do ambiente em níveis que se assemelham ao citado por Lawton e colaboradores. Em seu modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo, Bronfenbrenner define que determinadas atividades (processo) são realizadas por indivíduos que apresentam características biopsicossociais específicas (pessoa), que interagem e estabelecem relações distintas com ambientes e pessoas (contexto) ao longo de seu desenvolvimento (tempo). Tais relações se dão em cinco níveis, sendo (1) o microssistema definido pelas relações proximais imediatas de cada indivíduo, pessoas e ambientes mais significativos; (2) o mesossistema formado pela conexão de microssistemas que compõem as dinâmicas vivenciais de cada indivíduo com seus pares; (3) o exossistema caracterizado pelos ambientes compartilhados e relações neles estabelecidas de acordo com funções predeterminadas; (4) o macrossistema representado pelos aspectos socioculturais de cada local e, (5) o cronossistema determinado pelas mudanças individuais e ambientais ocorridas com o passar do tempo.

As análises concebidas por Lawton e sua equipe geraram avaliações direcionadas sobremaneira para o ajuste ou adaptação entre demandas individuais e capacidades comportamentais com disponibilidade de recursos ambientais para satisfação de necessidades. Ficou estabelecido que um bom ajuste ocorre quando um ambiente fornece suporte e é flexível às demandas e às capacidades dos indivíduos que dele fazem uso (Oswald, Wahl, Martin & Mollenkopf, 2003).

Como dito anteriormente, as teorizações iniciais de Lawton versavam sobre o modelo pressão-competência tendo como base a teoria do campo de Kurt Lewin. Ao afirmar que o comportamento é função da pessoa e do ambiente, Lewin inspirou inúmeros pesquisadores que consideraram essa relação relevante para a psicologia e áreas afins. M. Powell Lawton foi um desses entusiastas que passou a estudar a especificidade das relações de pessoas com dadas competências comportamentais adaptando-se a um ambiente com dadas características físicas (Moore, VanHaitsma, Curyto & Saperstein, 2003).

O modelo pressão-competência afirma que o comportamento do idoso é resultante da interação das competências desse indivíduo com os níveis de pressão do ambiente (Batistoni, 2014). Dentro do modelo ecológico de envelhecimento, a pressão do ambiente advém da capacidade do sujeito de adaptar-se às características ambientais de acordo com suas competências. Tais competências abrangem saúde biológica, funcionamento sensorio-motor, habilidades cognitivas e saúde mental. Ademais, o ambiente, além de gerar pressão, é uma fonte de recursos que pode, ou não, se adequar às necessidades individuais (Lawton, 1986).

A congruência pessoa-ambiente sob esse olhar situa-se em um contínuo que vai desde comportamentos mal adaptativos que afetam negativamente o idoso, perpassando por comportamentos marginalmente adaptativos, envoltos por afeto tolerável, até comportamentos adaptativos que afetam positivamente o indivíduo em uma zona de máximo conforto e desempenho (Moore, VanHaitsma, Curyto & Saperstein, 2003). Além das conclusões advindas desse modelo, algumas colaborações foram importantes para sua complementação. Carp (1976) apontou a necessidade de reconhecer as competências também como provenientes de necessidades que estimulam o comportamento do indivíduo para a construção de ambientes mais favoráveis para sua saúde. Foi assim que Lawton e Nahemov conceberam a hipótese da proatividade ambiental, na qual se admite o caráter ativo da pessoa na relação ao ambiente. Essa ação se dá por meio das alterações que o indivíduo faz no ambiente de modo a reduzir a pressão e potencializar suas competências (Batistoni, 2014).

Tendo em vista essas articulações, Kahana (1982) enfatizou que a congruência pessoa-ambiente leva a variações de acordo com características e necessidades pessoais e os ambientes também variam à medida em que eles são capazes de satisfazer tais necessidades. Portanto, a relação pessoa-ambiente ocorre na interface de experiências subjetivas e o ambiente físico de modo a direcionar o comportamento humano. As contribuições de Moos e Lemke (1984) vão

nessa direção com a proposição de um modelo socioecológico que abarca a influência social nesse contexto de ajuste pessoa-ambiente.

A redução das capacidades e competências individuais durante a velhice é enfatizada nos modelos de Kahana (1982), Moos e Lemke (1984), Rowles, Oswald e Hunter (2004), Schooler (1975) e Carp e Carp (1984) ao considerarem que à medida que os idosos se tornam mais propensos a pressões ambientais e menos ambientalmente proativos, as interações humano-ambientais são prejudicadas e a mobilidade desses indivíduos se torna restrita. Essas limitações reverberam na salubridade em termos de independência, autonomia e, em alguns casos, em processos de institucionalização (Wang & Lee, 2010).

A hipótese de docilidade ambiental abrange a relação idoso-ambiente em sua formulação original. Apesar da denominação não expressar claramente essa inter-relação, os estudos realizados sob essa perspectiva demonstram que tal docilidade não se dá a priori, mas é construída e percebida de acordo com as habilidades e competências do idoso que vivencia o espaço. Portanto, o entendimento do modelo pressão-competência é relacional, no sentido de priorizar a análise da dimensão humano-ambiental para poder definir os níveis de docilidade e estresse resultantes.

As funções básicas descritas para avaliar a congruência pessoa-ambiente são manutenção, estimulação e suporte. A função de manutenção aproxima-se da ideia de outro conceito, *ageing-in-place*, pois pressupõe um ambiente constante e com algum nível de previsibilidade, de forma a permitir apropriação e apego, preservando significados e afetos positivos. A estimulação incorpora a capacidade do ambiente de ser flexível, à medida que traz algum mistério e pode levar a novos arranjos, comportamentos e relações de acordo com as necessidades de seus usuários. O suporte refere-se à garantia na eliminação de obstáculos e barreiras, tornando o ambiente acessível (Silva & Elali, 2015; Tomasini & Alves, 2007).

O conceito *ageing-in-place* ressalta a busca pelo fortalecimento dos vínculos sociais e pelo suporte ambiental no entorno da moradia com o objetivo de permitir permanecer no ambiente no qual a pessoa envelheceu, acessibilidade, independência, mobilidade e envolvimento comunitário (Iecovich, 2014; Lima, 2011; Wiles, Leibing, Guberman, Reeve & Allen, 2011). Essa ideia dialoga com abordagens mais recentes envolvendo a hipótese de docilidade ambiental (Wang & Lee, 2010), pois os estudos iniciais enfatizavam a relação de idosos com ambientes institucionais buscando entender como se dava o enfrentamento da mudança de um ambiente residencial para uma instituição voltada para o cuidado na velhice.

Apesar das críticas de Carp na década de 70 para não associar o conceito de docilidade ambiental somente às patologias, ainda é comum pesquisadores concentrarem seus estudos com populações afetadas por demências ou doenças crônicas. Como alguns exemplos, temos VanderPas et al (2016) que buscaram descrever a disponibilidade e usabilidade de recursos da vizinhança, Van Leeuwen et al (2014) que examinaram associações de aspectos objetivos do ambiente com a qualidade de vida na velhice e Algase et al (2010) que verificaram influências do ambiente físico em termos de comportamentos e de mobilidade.

Para tanto, as hipóteses de docilidade e proatividade ambiental vão ao encontro de prerrogativas que indicam a necessidade de promover ambientes saudáveis, tendo como princípios: (1) assegurar privacidade e interação social; (2) oportunizar o exercício de controle, independência e autonomia; (3) permitir a personalização de objetos e locais; (4) facilitar a orientação espacial; (5) garantir a segurança física; (6) facilitar o acesso a equipamentos e a realização de atividades de vida diária; (7) propiciar um ambiente estimulador, desafiador, porém flexível para o atendimento de necessidades que possam vir a surgir; (8) facilitar a discriminação de estímulos visuais, táteis e olfativos; (9) planejar ambientes esteticamente agradáveis; e, (10) tornar o ambiente familiar, por meio de referências, objetos, arranjos espaciais e contato com elementos naturais (Lawton, 1986; Torres & Elali, 2015).

Tendo em vista tais parâmetros, é possível tecer aproximações com as diretrizes do desenho universal definidas na área de arquitetura e urbanismo. Desde a década de 70, Michael Bednar discutia a concepção de que a retirada de barreiras do ambiente é capaz de promover capacidades individuais e uso funcional dos espaços. Mas, somente na década de 80, Ron Mace e colaboradores começaram a utilizar o termo desenho universal (Bernardi & Kowaltowski, 2005). Liderados por Ron Mace, arquiteto que se locomovia em cadeira de rodas devido à poliomielite contraída na infância, o conjunto de princípios para o desenho universal foi desenvolvido em 1997, por um grupo de designers e educadores de cinco organizações norte-americanas. O conceito base é a elaboração de produtos e ambientes que possam ser usados e vivenciados por indivíduos das mais variadas idades sem a necessidade de adaptação (Mustaquim, 2015).

Também chamado de desenho inclusivo, sua concepção abrange os seguintes princípios: (1) uso equitativo, no qual não são excluídos, negligenciados ou estigmatizados quaisquer grupos de usuários; (2) uso flexível, que apresenta ampla variedade de escolhas de uso e incorpora variadas habilidades; (3) uso intuitivo, que permite fácil compreensão dos

elementos que compõem o ambiente independentemente de seu nível cognitivo ou atual estado de atenção; (4) informação perceptível, que comunica ao usuário o essencial para uso, invariavelmente às condições tanto do ambiente quanto do indivíduo; (5) tolerância para o erro, no sentido do desenho minimizar a possibilidade de acidentes, incidentes e riscos; (6) baixo esforço, que proporciona conforto e eficiência com baixa fadiga física e mental e, (7) espaço apropriado para acesso e uso, de modo a fornecer acesso, alcance, manipulação e uso, independentemente das características do usuário (Leite, 2016; Dorneles & Ely, 2012)

A existência de barreiras no ambiente urbano, incluindo os acessos aos locais de moradia, serviços e transporte público são uma problemática urbana vigente. Uma das principais metas do desenho universal é a eliminação dessas barreiras dos projetos arquitetônicos. Para tanto, visa um planejamento participativo para a construção dos espaços, no sentido de incluir as comunidades que deles fazem uso na elaboração de propostas de ambientes que promovam qualidade de vida e bem-estar (Bernardi & Kowaltowski, 2005).

Embora o modelo pressão-competência de Lawton focalize a relação idoso-ambiente, os níveis de competência individual variam ao longo do desenvolvimento humano, apresentando especificidades em todas as fases do ciclo de vida. Tendo em vista a multidimensionalidade sob a qual os estudos sobre o tema têm sido pesquisados, constata-se que a etapa do ciclo de vida repercute nas percepções, necessidades e avaliações ambientais. Complementar ao modelo, a inter-relação pessoa-ambiente é decorrente de experiências subjetivas envoltas de processos afetivos e cognitivos, que são particularmente importantes para a compreensão de como as pessoas vivenciam os lugares, os usos que deles fazem, como os avaliam e como isso repercute na realização de suas atividades diárias (Wahl, Iwarsson & Oswald, 2012).

A psicologia ambiental, enquanto disciplina voltada para a compreensão dos processos psicossociais decorrentes das inter-relações entre as pessoas e seus entornos, reconhece o caráter recíproco dessas relações. Considera assim o entorno como uma dimensão que engloba elementos psicossociais, culturais e contextuais e que, por meio de seus elementos físicos, permite a construção de distintas percepções, avaliações e ações (Günther & Rozestraten, 2005; Rivlin, 2003). O ciclo de vida é outro elemento que exerce impacto nas relações pessoa-ambiente, tendo em vista que habilidades físicas e mentais se diferenciam na infância, juventude e velhice. Além disso, crianças, jovens e idosos apresentam distintas demandas associadas aos recursos que o ambiente é capaz de fornecer.

Sob essa perspectiva, ao se refletir sobre o modelo pressão-competência e a concepção de *ageing-in-place*, vislumbram-se possibilidades de enriquecimento do diálogo com as populações, tendo como foco a congruência pessoa-ambiente no que diz respeito às competências individuais e demandas ambientais para a satisfação de necessidades. As teorias de Bronfenbrenner (1999), Lawton e colaboradores (1986), associadas aos seus princípios e às diretrizes de um desenho urbano mais inclusivo, estendidas a indivíduos das mais variadas faixas etárias e competências, permitem articular características socioambientais para potencializar a independência, a segurança, a preferência e a atratividade do ambiente residencial para os cidadãos.

2.2. AMBIENTES RESIDENCIAIS

No domínio da psicologia, por décadas, o ambiente físico foi negligenciado enquanto elemento constituinte da identidade, permanecendo à margem em análises sobre comportamento humano. Contudo, basta pensar em como as pessoas definem umas às outras, para vislumbrar essa dimensão. Ao responder quem somos, comumente indicamos um local de origem, uma referência que afirme o pertencimento a um ou mais lugares (Hauge, 2007).

O estabelecimento de territórios é inerente à existência humana e se apresenta como necessidade intrínseca no processo de desenvolvimento. Os territórios são classificados em três níveis: (1) primários – aqueles que têm como função garantir um espaço íntimo, seguro e privado, formando microssistemas; (2) secundários – à nível intermediário, definem-se a partir de trocas sociais em espaços semi-públicos e, (3) públicos – regido por normas e valores socioculturais que permitem apropriações temporárias para realização de atividades dispersas. O processo de habitar, como uma demanda básica do ser humano, compõe sua territorialidade primária, ou seja, a apropriação do espaço e o sentimento de pertencimento a um local significativo. Permite socializações e aprendizagens com os indivíduos que compõem esse microssistema e auxilia na construção de aspectos identitários (Fischer, s.d.).

Dada a importância atribuída ao processo de habitar, devido à sua função de refúgio contra os riscos externos, o ambiente residencial se soma a essa noção para incorporar o entorno do local de moradia e os aspectos que o compõem na construção de vínculos sociais e na expansão da territorialidade nos níveis secundário e público (Elali & Pinheiro, 2013). Os ambientes residenciais abrangem a área interna do local de moradia e suas adjacências (vizinhança e bairro). Incorporam ainda os principais serviços buscados no dia-a-dia dos

moradores, como comércios, áreas de lazer (áreas verdes, parques, locais para prática esportiva), transporte público, escolas e serviços de saúde (Lawrence, 2002; Torres, 2015).

A área interna do local de moradia é denominada habitação e se apresenta como espaço privilegiado por se constituir enquanto território primário de formação das primeiras relações significativas. A vizinhança, não somente formada a partir das relações sociais diárias, engloba uma rede de apoio que viabiliza conexões e fortalecimento do pertencimento comunitário. Ademais, o bairro, além de uma delimitação física e geográfica, abrange os serviços essenciais para a satisfação de seus moradores (Bronfenbrenner, 1999; Fischer, s.d.).

Sendo o habitar uma experiência humana universal (Smith, 1994), estabelece-se como elemento de diferenciação de acordo com as condições dos moradores e do ambiente residencial. A habitação permite a conexão entre as pessoas, os lugares e a historicidade local de modo a transparecer a reciprocidade relacional entre seus ocupantes e o entorno (Américo, 2002).

Por vezes, tais funções podem não ser plenamente exercidas, tornando a casa uma mera estrutura física localizada em um espaço inseguro, insalubre e desprovido de afetos positivos. Pessoas em situação de rua, por exemplo, sequer agregam os elementos físicos garantidores de uma estrutura que lhes provenha essas funções básicas (Rabinovich, 1992). As consequências desses arranjos diferenciados afetam cada vez mais o dia-a-dia das grandes cidades, gerando mazelas sociais a serem consideradas no planejamento urbano e na elaboração de políticas públicas.

Nos estudos pessoa-ambiente são incluídas as dimensões cognitiva, afetiva, social e comportamental para discussão dos aspectos implicados nos distintos arranjos presentes nessas relações. De acordo com Moser (2009) o exame dessas dimensões revela níveis de segurança, de conforto e a possibilidade de um refúgio para onde se retorna após os deslocamentos diários. Saegert (1985) aponta cinco dimensões que transformam a habitação em lar, cujas denominações são, em si, explicativas: a centralidade, a continuidade, a privacidade, a expressão de si, a identidade/relações sociais. Por sua vez, Sixsmith (1986) caracteriza o lar em suas dimensões pessoal, social e física.

Para Gifford (2002), o lar é um conjunto de características psicológicas, demográficas e culturais que atribuímos à casa. Além de prover abrigo, provê a construção de referências relacionadas às memórias e às vivências acumuladas, e ainda o estabelecimento de conexões entre acontecimentos, pessoas e locais. Dessa forma, ter uma casa em boas condições físicas

não pressupõe necessariamente ter um lar, pois é possível sentir-se satisfeito, ainda que se viva em condições precárias.

Assim, conceitos como identidade de lugar e satisfação residencial são enfatizados para aprofundar a compreensão de como se constrói maior congruência pessoa-ambiente, de modo a potencializar uma relação saudável com o ambiente residencial. Proshansky, Fabian & Kaminoff (1983) definem identidade de lugar como uma subestrutura da identidade pessoal, resultante dos processos de apropriação do espaço e apego ao lugar. Tais processos envolvem a construção de vínculos ambientais significativos que contribuem para o reconhecimento do sujeito como pertencente aquele local.

A apropriação do espaço diz respeito às dimensões de identificação simbólica e ação-transformação. Nesse sentido, identificar-se com uma categoria urbana, como um bairro por exemplo, significa manter características específicas e comuns a determinado grupo que compartilha um espaço. Esse sentimento de pertencimento, baseado no apego ao lugar, direciona a maneira como as pessoas agem cotidianamente, tendo maior apreço ao entorno. Intervir sobre o espaço, agir e transformar, refletem a expansão do ambiente pessoal e o fortalecimento da identidade de lugar, de modo a atender às necessidades dos indivíduos que ali se encontram (Felippe, 2009; Vidal, Pol, Guàrdia & Però, 2004).

Estudos sobre satisfação com o ambiente residencial surgiram entre as décadas de 50 e 60 como tentativa de busca por parâmetros de avaliação dos locais de moradia e de propostas para melhorias nas relações pessoa-ambiente. A partir de duas perspectivas distintas, a satisfação residencial passou a ser concebida tanto como critério para a qualidade de vida dos cidadãos, guiando processos de planejamento urbano, quanto como preditora de comportamentos ligados às ações individuais e coletivas para modificação dos ambientes residenciais (Rios & Moreno-Jímenez, 2012).

O modelo sistêmico de satisfação residencial proposto por Amérigo (2002) abrange aspectos objetivos do ambiente que são mediados pelas percepções e características das pessoas, culminando com os aspectos subjetivos dessa relação. Os processos de adaptação e modificação ambientais nessa inter-relação reverberam em satisfação com o entorno e, conseqüentemente, com outros setores associados. Essa proposta apresenta similaridades no modo como situa os fatores citados por Lawton e colaboradores, articulando referenciais para a compreensão de como elementos do ambiente residencial repercutem na congruência entre demandas e competências individuais e demandas e oportunidades ambientais.

Advinda desses modelos surge a noção de ajuste, colocada como primordial para o aprofundamento dos processos e práticas compartilhados entre as pessoas e seus ambientes residenciais. O modelo conceitual para esse aprofundamento, de acordo com Bonaiuto e Alves (2012) engloba todos os níveis dos ambientes residenciais (habitação, vizinhança e bairro), os vínculos sociais estabelecidos nesse contexto e as formas de uso do local, em ambientes internos ou externos à habitação. Colaborando para ajustes e adaptações mais ou menos satisfatórios, somam-se os elementos que possibilitam determinados tipos de interações e os aspectos objetivos e subjetivos citados nas definições de Amérigo e Lawton relacionados diretamente à qualidade de vida percebida.

Dessa forma, o ambiente residencial apresenta-se como locus privilegiado para manutenção dessa congruência pessoa-ambiente. A escolha por determinados lugares nesse contexto revela nuances próprias que costumam variar em períodos distintos do ciclo de vida. Entre jovens e adultos é comum a indicação de espaços ao ar livre como geradores de bem-estar. A experiência de idosos está mais associada às áreas internas (Lopez, Felipe & Kuhnen, 2012; Scopelliti & Giuliani, 2004). O estudo de Macedo et al. (2008) revelou preferências de idosos por ambientes facilitadores de interação social, pela casa, por ambientes naturais e pela igreja, respectivamente, locais que podem, ou não, estar presentes em áreas residenciais. Em relação às crianças, as pesquisas sobre bem-estar infantil geralmente envolvem microsistemas como a casa, a rua e a escola, por serem ambientes proximais que fornecem informações sobre interações com espaços de vivência diários (Ben-Arieh, 2005).

A disponibilidade de serviços, suporte social, participação comunitária, a garantia de privacidade, a comodidade e a mobilidade, a percepção de segurança e de uma estética ambiental agradável, são alguns fatores que exercem peso significativo nos níveis de satisfação com o ambiente residencial. Contudo, características individuais também direcionam a importância atribuída a cada um desses fatores, tornando-os mais ou menos indispensáveis para a qualidade de vida dos moradores.

A presença de espaços verdes no entorno de ambientes residenciais é fator considerado preponderante para níveis mais elevados de satisfação. Além de contribuírem para o bem-estar, são identificados como potencializadores para a realização de atividades físicas, culminando em redução da obesidade e do estresse. Melhorias na autoestima e humor também são atribuídos à contemplação e contato com ambientes naturais presentes nas proximidades das residências, beneficiando até mesmo a interação e conexão entre os moradores (Kaplan &

Kaplan, 2011; Wells & Rollings, 2012). Tais benefícios tornam o ambiente mais acolhedor e auxiliam no desenvolvimento e aprimoramento de competências.

Destarte, os ambientes residenciais incorporariam as funções básicas de manutenção, estimulação e suporte definidas por Lawton (1986) em suas hipóteses de docilidade e proatividade ambientais. A manutenção de um certo grau de previsibilidade e constância garantiriam a apropriação do espaço e o apego ao lugar. A flexibilidade e a estimulação permitiriam a exploração e adaptação conforme as necessidades individuais. O suporte resultaria na oferta de acessibilidade e segurança aos residentes (Silva & Elali, 2015).

Ambientes residenciais apoiadores são aqueles com uma infraestrutura capaz de dar suporte a padrões diários de atividades e integrá-los em suas dimensões temporais e espaciais. A redução do ajuste ou a falta de compatibilidade levariam a comportamentos mal adaptativos e a afetos negativos (Kahana, Lovegrenn, Kahana & Kahana, 2003). Em diferentes momentos do ciclo de vida, as relações tecidas com o ambiente residencial adquirem contornos diferenciados e, portanto, ajudam a moldar aspectos identitários e a formar sentimentos positivos e negativos que influenciam na saúde dos indivíduos.

A má adaptação e o fortalecimento de afetos negativos relacionados aos ambientes residenciais tendem a gerar desejo de mudança do local de moradia. O desenraizamento pode estar associado tanto às condições ambientais quanto às problemáticas sociais. Em um estudo realizado com 161 jovens da cidade de Manaus/AM, constatou-se que dentre os principais motivos para mudar-se estavam as dificuldades no relacionamento com a vizinhança e com os familiares. A ausência de regras de convivência e sentimentos de insegurança, medo e mal-estar, advindos das situações de violência constantes nos bairros também aumentavam a percepção de risco e potencializavam o desejo por afastamento (Albuquerque & Higuchi, 2015).

Em contrapartida, o estudo de Capone (2001) sobre a satisfação de idosos em ambientes de vizinhança no Distrito Federal revelou que a disponibilidade de serviços nas proximidades da residência era um dos fatores determinantes para uma avaliação positiva do local. Porém, quando se faziam necessários maiores deslocamentos, a insatisfação com os serviços oferecidos aumentava e não estava necessariamente atrelada à ausência deles. Deslocamentos urbanos estão intrinsecamente conectados com fatores como acessibilidade e mobilidade, abrangendo desde a manutenção e conservação das vias e calçadas, até a qualidade do transporte público.

Na maioria das cidades, o surgimento de ambientes residenciais ocorreu de maneira desordenada, com o mínimo de infraestrutura e planejamento requeridos. À medida que se expandiam, inúmeras adaptações destes ambientes se faziam emergentes para garantir as demandas populacionais. Na atualidade, para se avaliar aspectos de qualidade de vida nos ambientes residenciais, Fornara, Bonaiuto e Bonnes (2010) recomendam que os instrumentos incluam (1) características do planejamento urbano que podem ser observadas e avaliadas de maneira objetiva por especialistas e de maneira subjetiva por meio das percepções dos moradores; (2) características sociais referentes às relações e vínculos entre os moradores; (3) características funcionais associadas à disponibilidade e qualidade dos serviços oferecidos na vizinhança e, (4) características contextuais ligadas às possibilidades de uso para desenvolvimento de atividades locais.

O nível de satisfação pode variar conforme as características individuais, os parâmetros comparativos estabelecidos, o modo como o ambiente residencial é organizado e suas distintas possibilidades funcionais. Diferenças nesses padrões também podem estar relacionadas à idade do residente. Crianças costumam apresentar percepções similares a de seus pais, demonstrando preferências por residências mais amplas que incluam espaços para lazer (Aragonez, Américo & Perez-Lopez, 2017). No que se refere aos idosos, surge a preferência por envelhecer no local de moradia (*ageing-in-place*), sobremaneira quando comparada à possibilidade de institucionalização. Altos níveis de satisfação residencial na velhice refletem em menor interesse por outros ambientes, menos deslocamentos e vida social agregada ao lar (Fornara & Manca, 2017).

A própria delimitação do ambiente residencial varia de acordo com a percepção de cada morador, pois leva em conta os deslocamentos diários de cada indivíduo, o modo como tais deslocamentos são realizados (caminhada a pé, de bicicleta, de carro, de ônibus, etc.), as relações estabelecidas na vizinhança, dentre outros aspectos provenientes da apropriação do espaço. Para García-Mira (1997), o bairro pode ser entendido como um construto psicológico devido às variações perceptivas de seus residentes. Assim, ao avaliá-los, deve-se considerar os anseios comunitários, os recursos e a flexibilidade do ambiente e das pessoas para adaptarem-se às demandas em distintos níveis de análise, do micro ao macro.

Sob esse enfoque, a habitação pode compor-se apenas como um local físico situado em um ponto geográfico, um endereço que designa onde o indivíduo mora, mas que não lhe confere apego ao lugar. Por outro lado, esse local pode ser concebido como lar, envolto de significados

e afetos positivos compartilhados com os demais moradores (Higuchi, 2003). Ambas as concepções são complementares, pois o ambiente residencial é concomitantemente composto por elementos físicos e sociais. Porém, percepções que se direcionam para um ou outro extremo geram comportamentos de afastamento ou aproximação. A satisfação com o ambiente residencial entrelaça-se com tais questões, porque permite a avaliação de características ambientais imbricadas na permanência ou saída de determinados locais.

O apego ao bairro e à vizinhança surge como fator expressivo na relação com o ambiente residencial, ressaltando a função social da moradia. Por vezes, é considerado mais importante que fatores objetivos, tendo como diretriz a similaridade e o bom relacionamento entre vizinhos. Padrões socioeconômicos também repercutem nessas avaliações, pois à medida que residentes de baixa renda se voltam para necessidades como segurança e infraestrutura, àqueles com renda mais alta citam preocupações com a estética local (Gifford, 2002).

Adaptar-se ao local em que se estabelece residência é um desafio que além de impactar a saúde física e mental, pode ocasionar dificuldades relacionadas ao desenvolvimento. Repercussões de efeitos negativos na infância, por exemplo, seriam resultantes da falta de suporte social e da alta densidade residencial, provocando déficits em habilidades sociais e consequente prejuízo nas relações com pais e pares (Rabinovich, 1994; 1998). Advém, portanto, a necessidade de encorajamento da proatividade ambiental, oportunizando escolhas, ajuda e controle sobre a moradia. Idosos poderiam beneficiar-se disso ao traçar estratégias para lidar com elementos do ambiente que lhes geram pressão.

Fatores de vulnerabilidade socioambiental também mobilizam ajustes nas relações pessoa-ambiente. Áreas de risco (por alagamento ou deslizamento, por exemplo), degradadas ou sem saneamento básico podem ser ocupadas gerando situações de vulnerabilidade. Do ponto de vista social, tais pessoas podem não dispor de condição financeira favorável para mudança do local, por mais precárias que sejam as condições socioambientais. Outro fator de vulnerabilidade alude a ausência de um lugar fixo para residir. Como citado anteriormente, pessoas em situação de rua ficam expostas à inúmeros riscos por não possuírem uma habitação (Cartier, Barcelos, Hubner & Porto, 2009).

Alguns países investiram no realojamento urbano como alternativa para minimizar tais situações de vulnerabilidade. Nesse cenário surgiram as moradias públicas ou sociais, que consistem em imóveis cedidos pelo governo a pessoas que não possuem recursos financeiros para adquiri-los. Um exemplo clássico e emblemático sobre esse tipo de experiência foi a

construção do conjunto habitacional Pruitt-Igoe na década de 50, na cidade de Sant Louis, no Estado do Missouri, Estados Unidos. O projeto inicial previa a retirada de populações migrantes que se aproximavam cada vez mais do centro da cidade para realocação em prédios em uma área mais isolada. Apesar da proposta incluir áreas de lazer, de convivência e arborização local, o que ocorreu nos anos seguintes à sua implantação foi exatamente o oposto, pois a falta de manutenção, de cuidado e o próprio abandono assistencial transformaram o conjunto em um espaço insalubre e inadequado para a permanência das pessoas (Américo, 2002).

Na década de 60 iniciaram-se os incentivos para a saída dos moradores que permaneciam no conjunto, principalmente pela falta de condições para residir em outra área da cidade. A segregação racial, a marginalização e a estigmatização apenas serviram para manter os residentes do local em situação bastante precária. Sem muitas alternativas, os prédios começaram a ser demolidos no início da década de 70 e, desde então, a história sobre essa experiência se firmou como marco na arquitetura e tem servido como base para a discussão dos estudos pessoa-ambiente, sobre moradias públicas e males urbanos (Bristol, 1991).

As principais críticas sobre os conjuntos habitacionais como o Pruitt-Igoe refletem níveis reduzidos de satisfação residencial. Além da verticalização das moradias para redução da ocupação do espaço público, tais prédios carecem de locais de convivência e estrutura adequada para o estabelecimento de redes sociais de apoio, tão necessárias para o fortalecimento dos vínculos com o lugar. Outro ponto bastante discutido nesses tipos de construções refere-se à ausência de espaços defensáveis, ou seja, mecanismos de vigilância natural entre as habitações que viabilizem o controle e redução da criminalidade e estimulem a integração social (Newman, 1995).

A concepção de espaços defensáveis está intimamente relacionada ao incentivo à apropriação dos espaços públicos, de modo que sentimentos de apego e identidade com o lugar possam aflorar e repercutir em ações de cuidado. Para tanto, algumas soluções ambientais sugeridas para redução dos males urbanos são o investimento em praças, áreas de lazer, espaços verdes e comércio ao ar livre. A estimulação de atividades a serem realizadas no ambiente residencial permite a circulação de pessoas, promovendo interações e possibilitando a identificação entre as pessoas e o lugar. O desenho das habitações proporcionando a comunicação com as áreas circundantes e as pessoas, com fachadas que viabilizem observar as

ruas e as movimentações diárias, também contribuem para o fortalecimento da territorialidade e dos afetos positivos (Newman, 1972; Ramírez, 2002).

No Brasil, há alguns exemplos de programas governamentais voltados para a construção de moradias sociais. O mais abrangente, denominado Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), iniciou sua implantação em 2009, após a criação do Ministério das Cidades. Suas obras expandiram-se por grande parte do território brasileiro com projetos financiados pela Caixa Econômica Federal (CEF). Com a ampliação da oferta de habitações ao longo dos anos e a redução de custos nas obras, o que se passou a observar foram grandes áreas, cada vez mais isoladas, com inúmeras casas padronizadas com espaços cada vez mais reduzidos para as famílias se estabelecerem. Com infraestrutura deficiente, antevê-se para vários desses locais consequências similares às ocorridas no Pruitt-Igoe. Ocorreram casos de vendas de moradias (apesar de ser uma prática ilegal pelas normas contratuais) e alterações não autorizadas, como a construção de cercas e muros no entorno da residência, garagens, andares superiores, entre outras modificações na estrutura original (Nascimento & Tostes, 2011).

Situação análoga ocorreu no estado do Amazonas, no qual foi inaugurado em 2003 o Programa de Saneamento dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM). Na busca por promover a retirada de populações que residiam às margens dos rios em condições insalubres, foram construídos conjuntos habitacionais em pontos distintos da cidade. Com características similares, blocos de apartamentos sem revestimento externo foram entregues a mais de cem mil pessoas, modificando completamente suas rotinas e vínculos sociais outrora estabelecidos. Alguns hábitos também dificultaram esse processo de transição. Apesar da estrutura oferecida ter sido elogiada por sua estética, o distanciamento dos serviços públicos e a falta de coesão entre os moradores, que mantinham laços afetivos com outras comunidades, resultaram em dificuldades para a permanência dos beneficiados pelo programa e para a manutenção do local (Lemos, 2010).

As restrições que alguns ambientes residenciais por vezes impõem, como no caso de moradias sociais ou coletivas, vão de encontro aos benefícios discutidos na literatura no que se refere à apropriação e ao estabelecimento de vínculos. Há que se ter em conta no planejamento urbano tais nuances que dificultam ou favorecem o dia-a-dia dos moradores. Reduzir os níveis de pressão ambiental para garantir que as pessoas atuem em sua zona de desempenho é primordial para o bem-estar dos cidadãos. Além disso, a docilidade e a proatividade ambientais

colaboram para níveis reduzidos de estresse e aumento dos índices de satisfação que tornam o lugar mais amigável.

Face a esses exemplos, considera-se que uma ampla gama de elementos contribui para a satisfação com os ambientes residenciais. Por isso, o levantamento das necessidades dessas populações perpassa a utilização de abordagens multimétodos que incluam procedimentos de pesquisa-ação e avaliações pós-ocupação. Atingir esse tipo de proposta requer a articulação de conhecimentos provenientes de várias áreas, incorporando as especialidades de profissionais com distintas experiências (Günther, Elali & Pinheiro, 2008). Com essa perspectiva é que a psicologia ambiental se situa entre os campos voltados para os estudos pessoa-ambiente, interessada em aprofundar processos perceptivos, cognitivos, afetivos e comportamentais atrelados a essas interrelações.

Os ambientes residenciais compõem um importante cenário para os estudos da psicologia ambiental. Dada a relevância da habitação para o ser humano, o papel exercido por esses espaços é envolto de complexidade. O investimento em estudos sobre a temática se mostra premente para subsidiar o planejamento de espaços apropriados para os indivíduos que dele fazem parte.

As relações pessoa-ambiente revestem-se de nuances que, ao serem observadas e detalhadas, direcionam a proposição de novos modos de sentir, pensar e agir os espaços e lugares que compõem o cenário urbano. O bem-estar e a qualidade de vida dos cidadãos perpassam a satisfação com o ambiente residencial. Portanto, o aprofundamento da compreensão sobre aspectos ligados à relação de crianças e idosos em seus locais de moradia pode repercutir em bairros e cidades mais amigáveis para essas populações de acordo com suas especificidades.

2.3. RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NA INFÂNCIA E NA VELHICE

As atuais agendas de políticas públicas preconizam a necessidade de ambientes amigáveis para o desenvolvimento sadio das populações. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), por exemplo, têm discutido e publicado nas últimas décadas materiais concernentes à temática, definindo diretrizes para as denominadas “*Age and Child Friendly Cities*”. A atualização dessas discussões se deve ao aumento da densidade nas cidades e a falta de alternativas para crianças e idosos engajarem-se ativamente em seus entornos de modo a potencializarem suas competências e satisfazerem suas

demandas (Broberg, Kyttä & Fagerholm, 2013; Fitzgerald & Caro, 2014). Portanto, faz-se premente refletir sobre aspectos urbanos que aumentem a gentileza das cidades e que possam incluir os indivíduos em processos de participação ativa no planejamento de ambientes urbanos.

A legislação brasileira por meio do Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2004) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990) assegura os direitos daqueles com idade igual ou superior a 60 anos e aos com até doze anos incompletos, respectivamente. Enfatiza a relevância da garantia de moradia adequada, incluindo o acesso à serviços públicos de qualidade, a redução de barreiras e a implantação de mobiliário urbano para uso da população. Estudos realizados com crianças e idosos focalizam a importância atribuída aos ambientes residenciais na realização de suas atividades diárias e na manutenção do bem-estar (Christensen, Carp, Craz e Wiley, 1992; Depeau, 2017; Spencer & Wooley, 2000).

O interesse em estudos sobre as relações pessoa-ambiente começou na América do Norte na década de 60. Nas décadas seguintes, políticas de habitação para idosos ganharam espaço no cenário mundial, particularmente no âmbito de construção de instituições voltadas para o cuidado na velhice. Esse campo inicialmente voltou-se para o efeito do ambiente institucional no comportamento. Surgiu daí o modelo ecológico de envelhecimento e suas nuances. Após o enfrentamento de críticas, as ideias foram expandidas e passaram a focar na adaptação ambiental regida pelas necessidades dos usuários, de modo a reduzir os níveis de pressão ambiental. Na atualidade, as pesquisas direcionam-se mais para as relações sociais em espaços abertos, restauro psicológico e docilidade ambiental (Torres, 2015).

Com o aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, da população de idosos a nível mundial, pesquisas nos Estados Unidos e na Europa a partir da década de 70 dirigiram a atenção para o impacto da institucionalização na saúde de idosos. Nesses estudos, a satisfação com o ambiente residencial foi percebida como prioritária para a garantia de um envelhecimento sadio. Pesquisas mais recentes enfatizaram os benefícios do *ageing-in-place*, gerando o crescimento da demanda por ambientes adequados para pessoas mais velhas (Iecovich, 2014).

A influência de Bronfenbrenner por meio de seu modelo bioecológico auxiliou na compreensão de fatores inter-relacionados com teorias de desenvolvimento humano e condições de moradia. Os estudos de Carp (1976) propiciaram a expansão do campo de pesquisa sobre envelhecimento, pois a autora escreveu o primeiro texto associando condições

de moradia e saúde de pessoas idosas. Rudolph Moos também contribuiu nesse âmbito ao utilizar a abordagem ecológica para compreender como ambientes de moradia e ambientes institucionais poderiam interferir em processos de saúde e doença dos usuários desses espaços (Maddox, 2001).

As constatações que se seguiram com os estudos desenvolvidos conferem a importância do ambiente residencial na velhice, uma vez que, em geral os idosos permanecem mais tempo em suas residências ou desenvolvendo atividades nas imediações. Além disso, tal ambiente adquire uma conotação especial por proporcionar o resgate de memórias e lembranças que auxiliam na manutenção de autoestima positiva, bem-estar, senso de identidade e reconhecimento da autonomia e independência (Bonaiuto & Alves, 2012; Bonaiuto, Bonnes & Continisio, 2004).

Modelos clássicos de envelhecimento não clarificaram a relação idoso-ambiente, mas acrescentaram pontos essenciais para a articulação com a gerontologia ambiental e o modelo ecológico proposto por Lawton. A ampliação do entendimento de que o envelhecimento é um processo multidimensional mostrou que o declínio biológico na velhice é apenas um dos pontos a serem considerados nessa etapa da vida. Considerando a perspectiva de desenvolvimento humano, Baltes (1987) concebe o paradigma *lifespan* no qual reconhece que as mudanças biopsicossociais se dão ao longo de todo o ciclo de vida, apresentando especificidades socioculturais. O campo da gerontologia ambiental apresentou-se como um desses avanços, incluindo o ambiente como fator preponderante para analisar e aperfeiçoar aspectos da relação do idoso com seu entorno de um ponto de vista interdisciplinar (Wahl, Iwarsson & Oswald, 2012).

Lemke e Moos (1984) realizaram observações antes e após a mudança para instituições asilares e concluíram que, usuários de cadeira de rodas encontravam benefícios nesse processo em decorrência da redução das barreiras físicas, o que facilitava a acessibilidade aos espaços. Contudo, idosos com maior competência cognitiva sentiam-se menos estimulados e buscavam permanecer em espaços sociais para manter contato com os cuidadores e demais funcionários. Estudos posteriores ampliaram as discussões para o ambiente residencial devido à relevância atribuída por idosos a esses ambientes, percebidos como geradores de bem-estar, suporte social, ambiental, equilíbrio e relaxamento. É nesse ajuste entre demandas pessoais e demandas ambientais que a ideia de envelhecer no ambiente residencial se pauta para a proposição de intervenções nos espaços, de modo a satisfazer as necessidades dessa população, tendo em vista

o desejo por autonomia e independência na velhice (Lopez, Felipe & Kuhnen, 2012; Macedo et al, 2008).

Pautados no papel que o ambiente residencial desempenha nos processos de saúde-doença de idosos que tendem a permanecer um tempo maior nesses espaços, pesquisadores têm se debruçado na avaliação e análise desses contextos. Já na década de 90, Christensen, Carp, Cranz e Wiley (1992) desenvolveram um estudo para examinar indicadores do ambiente físico e suas relações com as avaliações subjetivas dos moradores quanto à satisfação com o ambiente residencial. A partir dos 4534 questionários aplicados com pessoas a partir dos 75 anos, foram verificadas estrutura, manutenção e utilização da residência. Os resultados indicaram que estrutura e manutenção funcionam como preditores de avaliações subjetivas da qualidade de moradia. Aspectos como idade, saúde, arranjos familiares, custos com a moradia e provedor da família foram controlados.

A expansão de estudos com esse foco passou a concentrar-se não somente na residência em si, mas em seu entorno, incorporando vizinhança e bairro, bem como os serviços disponíveis nesses cenários. Ao examinar o efeito da retirada de barreiras físicas de espaços abertos de acordo com diretrizes governamentais, Weenberg, Hyden e Stahl (2010) observaram as repercussões na usabilidade e mobilidade de idosos e verificaram maior satisfação após a intervenção. Ao avaliar medidas objetivas do ambiente que facilitavam ou dificultavam o ato de caminhar entre idosos, Wang e Lee (2010) identificaram correlações positivas com paisagismo, percepção de segurança e pavimentação das calçadas. O ambiente mostrou ser importante fator de suporte para promoção de caminhada entre pessoas mais velhas.

Desde 1989, o governo japonês busca melhorias nos planos de assistência às pessoas idosas. Em 2000, foi lançado o Plano Dourado 21 com medidas para aperfeiçoar as bases dos serviços de assistência, o apoio à população idosa por meio de uma rede comunitária, além da necessidade de incorporação do conceito de desenho universal nos processos de planejamento. Visava-se assim eliminar degraus e desníveis em calçadas, parques e outras áreas públicas, além de adaptar os banheiros públicos. As residências que integram os programas de venda e locação para idosos devem seguir esses parâmetros, sem a presença de barreiras internas, no terreno ou quaisquer obstáculos que possam prejudicar a locomoção e acessibilidade de seus usuários (Torres, 2015).

O primeiro projeto de moradia planejada nos Estados Unidos foi desenvolvido por Carp na década de 60. O local batizado de Victoria Plaza tinha como objetivo prover um ambiente

físico de alta qualidade a ser ocupado por idosos de baixa renda. Porém, esse tipo de desenho promoveu a segregação por idade, prejudicando a interação de idosos com outros grupos e serviços. Na década de 70, sua população era predominantemente feminina e negra. A necessidade de manutenção de recursos de sustento, relacionamentos e desenvolvimento pessoal para promoção do bem-estar de idosos corroboram a ideia de promover o envelhecimento no local de moradia (Lawton, 1986).

Em meados das décadas de 70 e 80, o campo da gerontologia ambiental adquiriu contornos mais sólidos para aprofundar essas discussões tendo como base os modelos teóricos propostos por Lawton e colaboradores. De grande influência, as hipóteses de docilidade e proatividade ambiental permanecem recebendo atenção quando se discute ajuste pessoa-ambiente, pois colocam em evidência o balanceamento entre ganhos e perdas na velhice, de modo a lidar com as pressões externas (Moore, 2005). Paul Baltes e colaboradores (1987) contribuíram com a formulação da concepção de um processo geral de adaptação definido por Seleção, Otimização e Compensação (SOC) que reforça a concepção de ajuste, ao pontuar que a *seleção* de recursos disponíveis no ambiente leva ao encontro de rotas alternativas para *compensar* perdas (competências) e *otimizar* a adaptação às pressões impostas pelo contexto em que se insere (Neri, 2006; Silva & Günther, 2000). O próprio Lawton em pesquisas subsequentes na década de 90 concluiu que o idoso é capaz de escolher, gerenciar e adaptar os ambientes de acordo com suas necessidades.

A perspectiva *lifespan* e o processo de SOC concebem que perdas e ganhos fazem parte do desenvolvimento humano e que há a necessidade constante de ajustes e adaptações para atingir a congruência. Para tanto, é preciso considerar demandas e oportunidades com as quais os indivíduos se deparam e como lidar com cada uma delas. À medida que surgem, fatores externos e internos atuam definindo tarefas a serem desempenhadas. Tarefas desenvolvimentais foi um constructo apresentado por Havighurst (1956). Esse autor esmiúça padrões específicos para cada período (primeira e segunda infância, adolescência, adultez inicial e intermediária e maturidade tardia), dos quais se pode destacar na infância a inserção em novos cenários distintos do ambiente familiar e a busca por independência e, na velhice, o ajuste às alterações físicas e cognitivas, bem como a manutenção de vínculos sociais significativos (Freitas et al, 2013).

Esses enfoques no campo do desenvolvimento sugerem que a habilidade humana para regular dada situação se dá pela apreensão dos recursos percebidos e avaliados como capazes

de suprir as demandas individuais, similarmente ao que é proposto no modelo ecológico de envelhecimento. Dessa forma, parece viável refletir que o modelo pressão-competência é capaz de incorporar momentos distintos do ciclo de vida como a infância.

Ao focar o desenvolvimento infantil, a abordagem ecológica centra-se no período dos 6 aos 12 anos, tendo em vista principalmente os estudos em ambiente escolar. Assim como na relação por vezes conflituosa dos idosos com instituições de cuidado, entram no cenário das crianças a institucionalização da educação e os conflitos no uso de espaços internos e externos do ambiente residencial (Depeau, 2017).

A tentativa dos pais de controlar o uso de espaços públicos por seus filhos devido a fatores como percepção de insegurança, medo do crime e não reconhecimento de sua capacidade de tomada de decisão, tem direcionado as atividades infantis para a área interna do ambiente residencial, reduzindo o contato com oportunidades de estimulação da criatividade e o envolvimento em atividades coletivas para além do ambiente escolar. O processo de retomada para a apropriação dos ambientes urbanos é fruto de negociações constantes que contrapõem as percepções e avaliações de risco dos pais e as necessidades de independência e autonomia das crianças. As crenças parentais incidem sobre as competências e habilidades infantis para reconhecer riscos e lidar com adversidades, o que limita o aprofundamento das relações criança-ambiente (Valentine, 2004).

A noção de competência na infância retoma as teorias de Piaget e Vygotsky ao introduzir que o desenvolvimento físico e cognitivo mediado por interações sociais auxilia na execução de atividades específicas ao longo do ciclo de vida (La Taille, Oliveira & Dantas, 1992). Em ambientes considerados mais amigáveis, constatou-se maior capacidade das crianças para realizar tarefas e esse desempenho mostra-se como fundamental para a construção de estratégias no âmbito privado que garantam o uso autônomo do espaço público. O papel ativo da criança passa a ser pensado de acordo com a sua autonomia para desenvolver habilidades internas e externas que potencializem sua segurança e capacidade de enfrentamento nos mais distintos processos de apropriação do espaço (Valentine, 2004). A abordagem de Bronfenbrenner (1999) buscou aprimorar a perspectiva de um desenvolvimento infantil positivo, articulando fatores individuais e ambientais que compõem o bem-estar da criança. Sob essa linha de investigação, as competências agregam as experiências vividas no dia-a-dia e os ajustes para processos de aprendizagem mais amplos (Polonia, Dessen & Silva, 2008).

Sobre as preferências ambientais, espaços abertos apresentam maior significado entre crianças de 4 a 12 anos, ainda mais quando propiciam privacidade e encontro com pares sem supervisão adulta. Essas características são ainda mais comuns entre meninos (Fernandes & Elali, 2008) e no período entre 6 e 9 anos, quando há uma maior busca por se explorar os lugares frequentados. Assim, além de aspectos físicos e cognitivos, as experiências afetivas com os lugares delineiam as relações e atuam sobre o desenvolvimento infantil (Korpela, 2002).

A atratividade do local é influenciada não somente pelas preferências da criança, mas também pela proximidade de pares que levam à formação de redes sociais e por escolhas parentais que ditam locais de permanência pautados em suas crenças e percepções. Os estudos de Barker e Wright são elucidativos dessas questões, pois a partir de observações naturalísticas entre as décadas de 40 e 70, seus mapeamentos conduziram a conclusões das alterações do comportamento infantil em função dos ambientes vivenciados diariamente e da supervisão ou não de adultos no momento das atividades (Pinheiro, 2011; Wicker, 2002).

Martha Muchow é citada como uma das precursoras no aprofundamento da relação da criança no contexto urbano. Na década de 20, Muchow e colaboradores desenvolveram estratégias de observação e elaboração de mapas para captar a inserção infantil nos diversos espaços de uma cidade alemã. Buscando agregar o modo como as crianças compreendiam e se apropriavam de seus entornos, foram enfatizadas as distinções da interação com espaços em contraposição ao uso adulto e as peculiaridades em termos de faixa etária, sexo e escolaridade, bem como as atividades e preferências de acordo com as experiências infantis e o significado da rua na dinâmica interno e externo nos ambientes residenciais (Lopes & Fichtner, 2017).

Além disso, a extensão do raio de ação da criança no ambiente repercute nas oportunidades e possibilidades de entrar em contato com locais que tragam satisfação e bem-estar. Em cidades pequenas, os microssistemas integram vivências mais significativas, incidindo em menor isolamento e atividades intergeracionais. Contudo, nos grandes centros urbanos, há um número reduzido de estudos que envolvam o uso de espaços públicos por crianças em decorrência da insegurança e da própria dificuldade metodológica no desenvolvimento de instrumentos para esse fim. Essa mobilidade infantil é enfatizada por Kytta (2004) ao citar que cidades mais amigáveis para crianças devem estimular a circulação independente e o acesso a *affordances*, de maneira que esses recursos estejam ao alcance desse grupo, ou seja, em seu próprio ambiente residencial. As *affordances*, conceito cunhado por

Gibson (1986) em sua abordagem ecológica da percepção visual, são definidas a partir de características de um estímulo que suscitam e propiciam ações específicas (Günther, 2011). Nesse sentido, a promoção de cuidado e troca entre a criança e os espaços promoveria a atualização constante de *affordances*, aprendizagens e competências para apropriação dos territórios.

O suporte e a flexibilidade percebidos no ambiente, aspectos citados por Lawton em seu modelo pressão-competência, são também apontados como relevantes para a qualidade dos espaços para crianças, no sentido de facilitar a congruência entre as demandas infantis no que se refere à estimulação, exploração, segurança e relações sociais. Nesse contexto, as *affordances* atuam delimitando locais de diferentes tipos de ações conforme as habilidades, necessidades e oportunidades percebidas pela criança (Broberg, Kytä & Fagerholm, 2013). Essas territorialidades infantis diferenciam-se entre grupos de acordo com a idade, sexo, renda, etnia e distanciamento da habitação (Valentine, 2004).

Migliorini e Cardinali (2011) corroboram esses preceitos a partir dos resultados de um estudo conduzido com 518 crianças de três bairros italianos no qual verificou-se que os maiores níveis de bem-estar eram relatados por aqueles que se envolviam em mais atividades externas. Percepção de segurança e autoestima positiva foram os elementos mais significativos nessas relações, o que as levou a considerar a importância de incluir aspectos objetivos e subjetivos nesses estudos e, ainda, cobrir a lacuna referente ao entendimento de processos que colaboram para o ajuste criança-ambiente.

O bairro e a vizinhança são indicados como as categorias mais atraentes para o aprofundamento dessas questões, pois a disponibilidade de recursos físicos e o suporte social impactam sobremaneira o desenvolvimento infantil saudável. Características estruturais como miséria, mobilidade e organização sociocultural repercutem nos níveis de educação, aumentando os riscos e reduzindo os fatores protetivos nesse período de vida (Leventhal & Brooks-Gunn, 2000).

Estudos europeus vêm demonstrando alternativas para inclusão de crianças em processos de planejamento participativo mediados em seus locais de moradia. O reconhecimento de crianças e idosos como atores socialmente aptos a opinar e propor tem demonstrado bons resultados. As principais demandas citadas em países como Finlândia, Suécia e Itália envolveram segurança, fatores urbanos e ambientais, acesso a serviços, espaços

de lazer e de socialização, arborização, mobilidade e acessibilidade (Hart, 1979; Spencer & Wooley, 2000).

Logo, reavaliar o papel de crianças e idosos no uso dos espaços públicos e sua inclusão no processo de planejamento das cidades, é valorizar o caráter ativo e relevante de suas contribuições, ampliando a acessibilidade nas grandes cidades. O reconhecimento de que não há um modelo único de ambiente para uso e apropriação já mostra como avanço para se considerar as especificidades humanas, ainda mais quando se quer ressaltar grupos invisibilizados no emaranhado urbano, motivo que conduz esse estudo a observar, ouvir e registrar demandas nos contextos da infância e velhice.

O arcabouço teórico percorrido ancorou a construção metodológica descrita no próximo tópico de maneira a compor o delineamento e as consequentes estratégias para coleta e análise de dados.

3. MÉTODO

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O estudo seguiu um delineamento correlacional a partir de uma abordagem exploratória e descritiva, tendo em vista a natureza do fenômeno estudado. O enfoque qualitativo pautou-se em uma abordagem multimétodos de acordo com pressupostos da psicologia ambiental (Günther, Elali & Pinheiro, 2008). Para tanto, foram realizados dois estudos.

3.2. CONTEXTOS DE ESTUDO

Foram observados dois ambientes residenciais localizados na Região Administrativa I do Plano Piloto da cidade de Brasília, Distrito Federal (Figura 3). Inaugurada em 21 de abril de 1960, a cidade destaca-se por suas especificidades, contrapondo-se à configuração urbanística observada na maioria das cidades brasileiras. O termo Plano Piloto faz alusão ao projeto ganhador apresentado por Lúcio Costa no final da década de 50, no governo de Juscelino Kubitschek, que trazia ideias modernistas para a construção da cidade que se constituiria na nova capital brasileira.

O conjunto urbanístico de Brasília é composto por quatro escalas (monumental, gregária, residencial e bucólica) que cruzam os dois eixos centrais, formatando-o como um avião. A escala monumental engloba as sedes dos Poderes da República e do Governo do Distrito Federal (GDF), apresentando as principais obras de Oscar Niemeyer projetadas para a

cidade. Na escala gregária é onde se concentra o maior fluxo de pessoas devido à presença dos setores hoteleiro, hospitalar, bancário, cultural, de diversões, autarquias e de rádio e televisão. A escala residencial é a que abriga as superquadras, sendo interpostas pelas quadras comerciais, áreas de lazer e serviços. Há ainda a escala bucólica, sinalizada principalmente para delimitar a cidade, sendo composta pelas áreas verdes, bosques e espaços abertos de lazer (IPHAN, 2015).

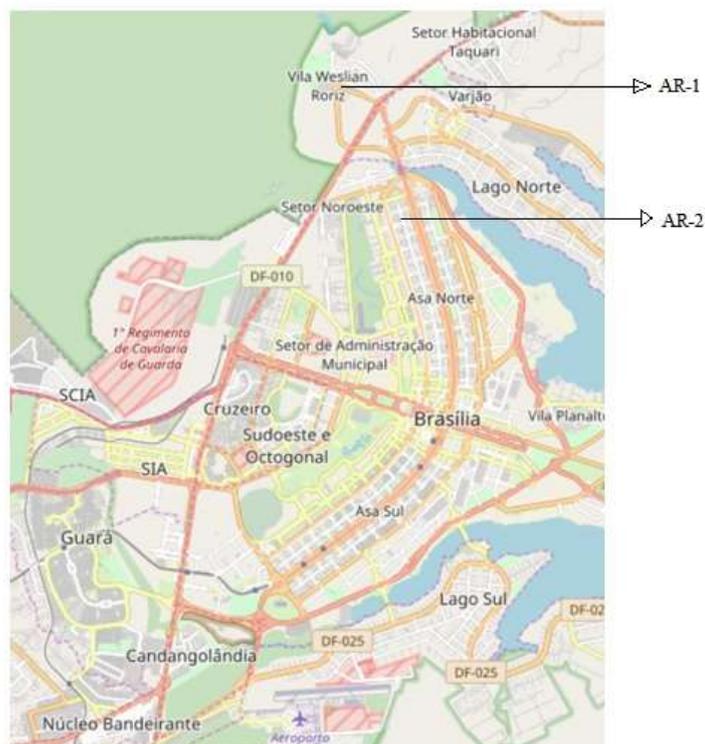


Figura 1 - Locais de Estudo no Plano Piloto de Brasília

Contudo, o que se observa na atualidade é o crescimento desenfreado do entorno da cidade, com o surgimento de áreas em condições cada vez mais precárias para os novos moradores. O custo de vida no Plano Piloto contribui para tal situação, levando aqueles que trabalham e estudam na área central de Brasília a deslocar-se diariamente para suas residências em regiões mais afastadas. A cidade projetada para 500 mil habitantes já havia ultrapassado seu limite na década de 90 e o que se tem observado nos últimos anos é a necessidade cada vez maior de criação de novas políticas habitacionais que possam contribuir para o planejamento e monitoramento das ocupações, de modo a minimizar os males sociais advindos dessa realidade.

Nesse sentido, o estudo envolveu duas localidades que surgiram de demandas distintas, tendo sido uma delas proveniente de acampamentos irregulares da época da construção de

Brasília, que paulatinamente estruturou-se em uma comunidade mais organizada. Recebeu auxílio governamental na década de 90 para regularização de uma de suas áreas, mas ainda se mantém em processo de definição da área que ocupa e na garantia de direitos. Em contrapartida, a outra área escolhida foi projetada nos moldes urbanísticos propostos para o Plano Piloto, tendo sido ocupada a partir da transferência de funcionários públicos do primeiro escalão, nas décadas de 60 e 70. Dessa forma, é uma área regularizada e incorpora os principais serviços de uso diário dos moradores.

3.2.1. SETOR HABITACIONAL DO TORTO - AMBIENTE RESIDENCIAL 1 (AR-1)

O primeiro local (AR-1), denominado Setor Habitacional do Torto (SHT), subdivide-se em quatro vilas (Vila dos Técnicos, Vila Operária, Vila da Presidência e Vila Weslian Roriz), dois setores residenciais compostos por casas funcionais (A e B), um condomínio residencial (mini granja), a rua dos Eucaliptos, a área da Residência Oficial da Presidência da República e a Cidade Digital, polo tecnológico ainda em fase de implantação, direcionado à estruturas para o armazenamento das bases de dados de empresas nacionais.

Localizado a aproximadamente 10 quilômetros do centro da cidade de Brasília (área em torno da Estação Rodoviária), caracteriza-se por residências unifamiliares, de até três pavimentos, tendo seus limites definidos por córregos e o Parque Nacional de Brasília, popularmente conhecido como Parque Água Mineral.

É considerada área de proteção ambiental e vem enfrentando, desde seu surgimento, processos para sua regularização, o que dificulta o acesso às informações mais precisas sobre características populacionais e acesso à serviços. Os moradores, em geral, são ex-funcionários do GDF, pessoas contempladas com lotes após a instalação às margens do Ribeirão do Torto nas décadas de 70 e 80 e pioneiros migrantes da época da construção da cidade.

3.2.2. SUPERQUADRAS NORTE 115 E 315 - AMBIENTE RESIDENCIAL 2 (AR-2)

O segundo local (AR-2) compreende as superquadras 115 e 315, localizadas ao final da Asa Norte de Brasília. Localizadas a aproximadamente 7 quilômetros do centro da cidade, caracterizam-se por blocos residenciais de seis pavimentos, sustentados por pilotis que garantem livre circulação na área térrea, tamanho médio de 450x450m² e entrada única de veículos. A SQN 315 é composta por 11 blocos residenciais (A a K), quadras poliesportivas, áreas de lazer, área comercial, pontos de táxi e estacionamentos públicos em torno dos blocos.

No processo de planejamento, a SQN 115 também seria composta por 11 blocos residenciais, contudo, os blocos D e K não foram construídos. Sendo assim, além da Escola Classe, a quadra é dividida em 9 blocos e tem infraestrutura bastante similar à SQN 315.

Abriga principalmente ex-funcionários do Banco do Brasil e seus familiares, transferidos de outras cidades para trabalhar em Brasília no período de sua inauguração. Por se aproximar mais dos moldes urbanísticos propostos inicialmente para a construção da cidade, é permeada de espaços arborizados, com acesso à serviços essenciais de saúde, educação e lazer.

3.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.3.1. ESTUDO 01 – OBSERVAÇÕES SISTEMÁTICAS

Foram realizadas observações sistemáticas seguindo-se os preceitos do Mapeamento Comportamental Centrado no Lugar – MCCL (Elali, 2006; Liberalino, 2011). A técnica pressupõe a elaboração de uma representação gráfica do ambiente residencial dividida em setores de acordo com os objetivos do estudo proposto. Os mapas foram elaborados por uma arquiteta a partir de informações extraídas de mapeamentos da cidade de Brasília disponibilizados online. Cada setor foi observado em horários (manhã, tarde e noite) e dias (domingo a domingo) alternados, de modo a permitir uma visão geral das atividades desenvolvidas. Foram definidos seis setores para cada localidade a partir de observações prévias, de maneira que apresentassem características similares em termos de uso e circulação de pessoas (Figuras 1 e 2).

Os setores de observação no ambiente residencial 1 (AR-1) incluíram: a) Setor 1 – Estacionamento do Parque de Exposições Agropecuárias, Ponto de Encontro Comunitário com equipamentos de ginástica (PEC) e Parada de Ônibus; b) Setor 2 – Parada de Ônibus e entorno da Escola Classe localizados na entrada da Vila da Presidência; c) Setor 3 – Quadra Poliesportiva e entorno da quadra na entrada do Setor Residencial B; d) Setor 4 – Igreja Católica, Praça da Amizade e Parada de Ônibus; e) Setor 5 – Quadras Comerciais e entrada da Vila Weslian Roriz e, f) Setor 6 – Quadra Comercial (mercados e oficinas).

Em relação aos setores de observação no ambiente residencial 2 (AR-2) que abrange duas Superquadras¹ da Asa Norte (SQN): a) Setor 1 – Praça com duas quadras poliesportivas e um Parque Infantil em frente ao Bloco C da SQN 315; b) Quadra poliesportiva, equipamentos de ginástica e percurso sombreado entre quadras da SQN 315; c) Percurso ao lado da Igreja Messiânica que dá acesso à W3 Norte da SQN 315; d) Percurso entre um dos blocos residenciais e a Quadra Comercial da SQN 115 que dá acesso ao Eixo W; e) Setor 5 – Entorno da Escola Classe da SQN 115 e f) Parque Infantil entre os Blocos C, E e G da SQN 115.

O foco das observações foram as atividades realizadas por crianças e idosos. As informações obtidas foram redigidas em diário de campo e em protocolos de observação (Apêndice D) que permitiram o registro das frequências de idosos, crianças e os respectivos usos dos ambientes residenciais. Para as sessões de observação, a pesquisadora caminhou entre os setores e o sistema de registro ocorreu a partir da noção de instante congelado no tempo, ou seja, a observação não ocorreu de forma contínua, mas considerou os eventos ocorridos no setor no instante observado (Machado, Schubert, Albuquerque & Kuhnen, 2016). Dessa forma, o observador registrou quatro atividades por setor no decorrer de aproximadamente duas horas revezando-se entre os setores ao longo de sua caminhada.

O protocolo de observação foi uma adaptação dos estudos de Liberalino (2011) e Klein (2016) que conduziram MCCC em praças nas cidades de Natal/RN e Campos Novos/SC. As categorias comportamentais são provenientes dos estudos de Robba e Macedo (2003), tendo sido também utilizadas no estudo de Liberalino (2011) e são definidas da seguinte forma: a) vazio – setor esvaziado; b) circulação – pessoas em passagem pelo local, cruzando-o, sem permanecer; c) lazer contemplativo – pessoas observando atividades no setor ou paisagens próximas; d) lazer ativo – pessoas realizando atividades físicas ou brincadeiras; e) lazer cultural – pessoas realizando atividades de leitura, escrita, ou que envolvam comportamentos artísticos, como pintura, desenho, canto, etc. e, e) outros que não se incluem nas categorias anteriores, como por exemplo, conversar, comer e limpar.

¹ Forma de loteamento urbano residencial com tamanho médio de 450x450m², construções de seis pavimentos e entra única de veículos. Unidades habitacionais rodeadas de espaços abertos e serviços essenciais disponíveis aos moradores. Proposta idealizada por Lúcio Costa ao caracterizar o Plano Piloto de Brasília (IPHAN, 2015).

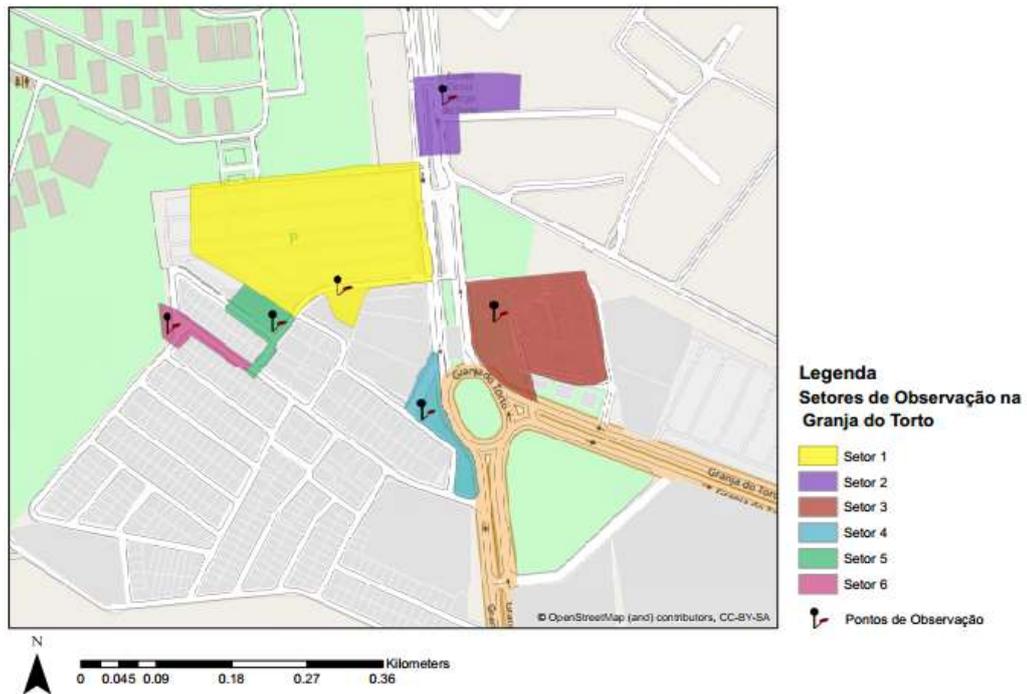


Figura 2 - Setores de Observação no Ambiente Residencial 1

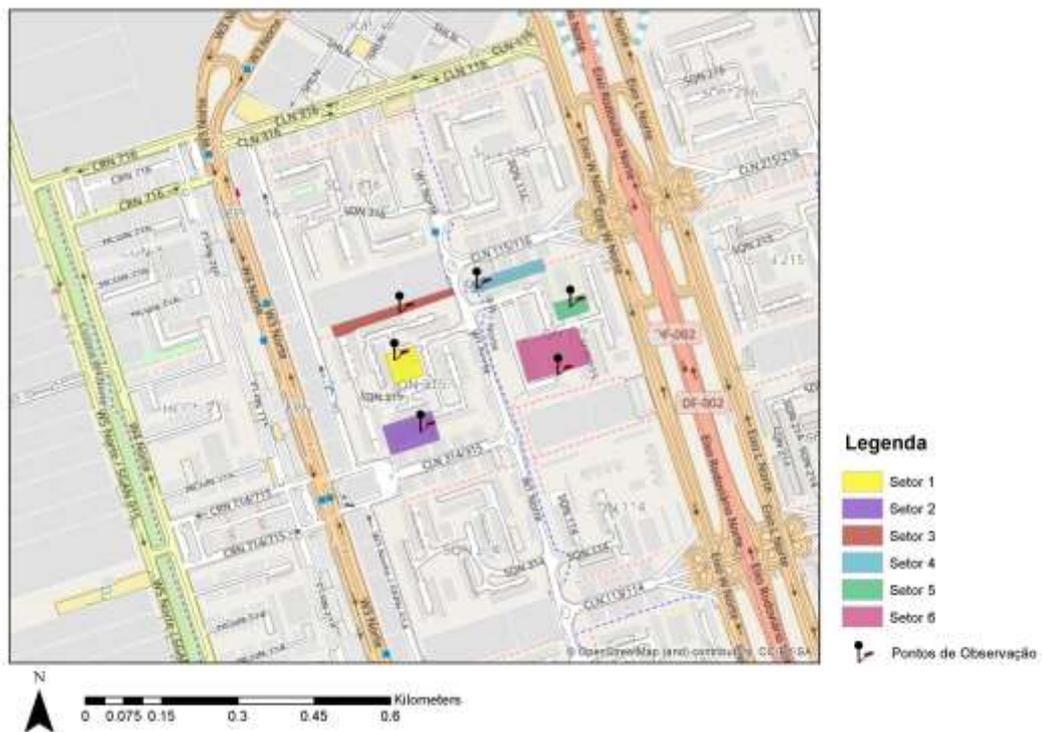


Figura 3 - Setores de Observação no Ambiente Residencial 2

Os indícios coletados nessa etapa foram articulados com os dados de auto relato do Estudo 02 para uma visão mais ampla e aprofundada dos ambientes residenciais selecionados.

3.3.2. ESTUDO 02 – ENTREVISTAS ASSOCIADAS A FOTOGRAFIAS

Consistiu na realização de entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado (Apêndice B) que foram audiogravadas, posteriormente transcritas integralmente e analisadas. Para a elaboração do desenho pelas crianças foi fornecido material (lápiz e papel) e um tempo de até vinte minutos que incluiu instrução, desenho e comentários acerca dos elementos desenhados. Os idosos registraram nos mapas os principais locais frequentados na vizinhança, no dia a dia. A seguir, foram apresentadas as fotografias de acordo com o ambiente residencial do respondente com as questões relacionadas às possibilidades de uso de cada local, facilitadores e barreiras para realização das atividades citadas, possibilidades de melhoria dos locais, competências individuais e demandas ambientais. Para finalizar, incluíram-se os seguintes dados sociodemográficos: sexo, idade, escolaridade, tempo de residência, com quem reside, tipo de moradia (casa, apartamento), percepção de saúde (muito ruim a muito boa), doenças e atividades diárias.

As fotografias utilizadas foram elaboradas pela pesquisadora no período das observações e escolhidas de acordo com as possibilidades de uso pelos grupos selecionados. Para cada participante foram apresentadas 8 fotografias em cada vizinhança (Apêndice C). No AR-1 foram apresentadas fotografias do: 1) Ponto de Encontro Comunitário (PEC), onde se encontram os aparelhos de ginástica para população idosa, com locais para alimentação nas proximidades; 2) Estacionamento do Parque de Exposições da Granja do Torto; 3) Escola Classe da Granja do Torto; 4) Praça da Amizade com parque infantil, bancos e área para exercícios físicos; 5) Igreja Católica; 6) Área comercial localizada na Quadra A da Vila Weslian Roriz; 7) Quadra Poliesportiva localizada no Setor Residencial B e, 8) Quadras M e N da Vila Weslian Roriz, área de saída da Granja do Torto, entre área residencial e início do Parque Nacional de Brasília. Em relação ao AR-2, as fotos referiam-se a: 1) Térreo de um bloco de superquadra na SQN 315; 2) Praça central em frente ao Bloco C da SQN 315; 3) Quadra poliesportiva localizada na praça central da SQN 315; 4) Percurso entre o Bloco F e a quadra comercial da SQN 315; 5) Escola Classe da SQN 115; 6) Gramado nas entrequadras SQN 315 e SQN 316 por detrás da Igreja Messiânica; 7) Parque Infantil na SQN 115 e, 8) Percurso entre o bloco residencial e a Igreja Messiânica da SQN 315.

3.4. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E CUIDADOS ÉTICOS

Foram incluídas crianças de 8 a 11 anos das Escolas Classe de cada local de estudo, considerando a necessidade das habilidades de leitura e escrita para desenvolvimento da tarefa proposta. Após a anuência das escolas (Anexos 1 e 2), os estudantes foram convidados a participar do estudo por meio de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice E) encaminhados aos seus responsáveis, via agenda escolar. As crianças incluídas em cada vizinhança foram aquelas que entregaram os TCLE assinados pelos responsáveis e assinaram os Termos de Assentimento (Apêndice F).

No que tange à população idosa, foram incluídos aqueles com idade igual ou superior a 60 anos residentes na área de estudo e que se mostraram disponíveis após o convite e assinatura do TCLE (Apêndice G). Os participantes idosos foram recrutados nas imediações de suas residências e optou-se por utilizar a técnica de bola-de-neve para incorporar uma quantidade maior de respondentes. A aplicação dos instrumentos ocorreu individualmente em salas das Escolas Classe com as crianças e nas residências dos participantes idosos.

Os procedimentos aderiram aos parâmetros éticos dispostos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto de pesquisa, instrumentos e termos foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) por meio da Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>), tendo sido aprovado sob parecer nº 2.894.872 (Anexo 3).

3.5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos no Estudo 01 estão descritos e representados em tabelas e gráficos conforme os usos de cada grupo por setor e por tipo de atividade prevista no protocolo de observação. Os dados dos protocolos de observação foram inseridos em planilhas do Microsoft Excel para tabulação e elaboração dos respectivos gráficos. Foram identificadas as diferenças entre os grupos e as vizinhanças no que concerne aos principais tipos de uso, dias e horários de maior movimentação nos ambientes residenciais pesquisados. Esse panorama mostrou-se útil para auxiliar na condução das entrevistas e para articulação dos dados observacionais com o auto relato dos moradores quanto ao dia-a-dia em cada ambiente residencial, considerando-se os principais facilitadores e barreiras vivenciados.

As entrevistas provenientes do Estudo 02 foram audiogravadas e o conteúdo das respostas foi transcrito integralmente nos moldes necessários para análise por meio do *software Iramuteq* (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Esse programa de licença gratuita permite a análise de dados textuais produzindo indicações de frequência, contrastes, similitudes e hierarquização dos segmentos de texto que compõem o *corpus* textual para direcionamento das análises requeridas (Camargo & Justo, 2013; 2016). Nesse sentido, os dados de base qualitativa foram analisados quantitativamente para comparação entre os grupos via qui-quadrado.

Para construção das categorias de análise foi utilizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que classifica os textos (*corpus* textuais) em segmentos de texto de acordo com a frequência de vocabulários específicos e suas relações, considerando proximidade e composição (Método Reinert). A partir da CHD, o *software* gera uma Análise Fatorial Simplificada que auxilia na visualização da distribuição das categorias identificadas a partir da proximidade dos segmentos de texto utilizados. Em alguns casos também se utilizou o recurso de nuvens de palavras do próprio software para confrontação e comparação de dados entre distintos grupos. Esse recurso mostra as palavras agrupadas em tamanhos diferentes, conforme a frequência nos textos.

4. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados por seções de modo a facilitar a organização dos dados de cada estudo e as especificidades dos locais e dos grupos de participantes. Assim, a primeira seção incluirá o perfil dos participantes, considerando os dados sociodemográficos coletados durante as entrevistas. A segunda seção apresentará as informações relacionadas ao Estudo 1, de modo a responder ao primeiro objetivo específico do estudo no que se refere à identificação das atividades realizadas por crianças e idosos em seus respectivos ambientes residenciais. A seção final dos resultados trará os dados correspondentes ao Estudo 2 com as análises de conteúdo das entrevistas, de modo a responder aos segundo e terceiro objetivos desse estudo, a saber: a) diferenciar a avaliação dos ambientes residenciais por crianças e idosos, considerando suas capacidades individuais e demandas ambientais e, b) propor melhorias nos locais pesquisados sob a ótica dos participantes, de modo a potencializar a qualidade de vida dos residentes de cada área.

4.1. PERFIL DOS PARTICIPANTES

Participaram 72 pessoas, sendo 39 crianças e 33 idosos. Das crianças, foram entrevistadas 17 (F=7; M=10) no AR-1 e 22 (F=11; M=11) no AR-2. Em relação aos idosos, no AR-1 participaram 16 (F=14; M=2) e no AR-2 foram entrevistados 17 (F=14; M=3).

Quanto ao perfil das crianças (Tabela 1), no AR-1 a faixa etária foi de 8 a 10 anos, com apenas um participante tendo apartamento como tipo de moradia e seis residindo fora da Granja do Torto, área do estudo. No que diz respeito à saúde, onze crianças avaliaram a saúde como boa, três como muito boa e três como nem boa, nem ruim. Os fatores relatados como critério para tal avaliação foram, principalmente, a alimentação e a frequência de adoecimentos ao longo do ano. Das 17 crianças entrevistadas no AR-1, 12 moram com os pais e os irmãos, quatro com a mãe e outro membro da família (sem o pai) como tios e avós e apenas uma mora com a avó, a irmã e a tia, sem a presença dos pais.

No AR-2, a faixa etária foi de 09 a 11 anos, sendo que 16 residem em casa, três em apartamento e três delas, devido ao divórcio dos pais, residem em casa e em apartamento, de acordo com o dia da semana. Apenas uma criança do AR-2 considerou sua saúde muito boa, 18 consideraram boa e três avaliaram como nem boa, nem ruim, tendo como base os mesmos critérios utilizados pelas crianças do AR-1. Uma das principais limitações do perfil dos participantes do AR-2, foi que nenhuma delas reside na área de estudo e apenas 5 possuíam contato com a área, por residirem nas proximidades. As demais crianças residiam em localidades distantes, porém estudavam na escola localizada no AR-2. Das 22 crianças entrevistadas no AR-2, cinco moram com a mãe e algum membro da família, sem contato com o pai e as demais residem e/ou têm contato semanal com a mãe, o pai, os irmãos e outros membros da família como tios e avós.

Tabela 1 - Perfil dos participantes - Grupo 1 - Crianças do AR-1 e AR-2

N	AR	Sexo	Idade	Local	Tipo	Com quem mora	Saúde
1	2	F	10	716 Norte	Apartamento	Mãe, Pai e Irmã	Boa
2	2	F	09	715 Norte	Casa	Mãe, Pai, Avó e Irmão	Boa
3	2	M	09	712 Norte	Apartamento	Mãe e Irmão	Muito boa
4	2	M	09	Vila Planalto	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
5	2	M	10	Colorado	Casa	Mãe, Pai, Irmã e Irmão	Boa
6	2	M	09	105 Norte	Apartamento	Pai e Madrasta	Boa

				Lago Sul	Casa	Mãe, Irmão e Bisavô	
7	2	F	09	Itapoã	Casa	Mãe e Pai	Boa
8	2	M	10	Jardim Botânico	Casa	Mãe, Pai, 2 irmãs e 1 irmão	Nem boa, nem ruim
9	2	F	10	Balão do Colorado	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
10	2	M	10	Varjão	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
11	2	F	11	Colorado	Casa	Mãe, Pai e Irmã	Boa
12	2	F	09	Planaltina	Casa	Mãe	Boa
13	2	F	11	Noroeste	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
14	2	M	10	Itapoã	Casa	Mãe, Padrasto e Irmão	Nem boa, nem ruim
15	2	F	10	Taquari	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
16	2	F	09	São Sebastião	Casa	Mãe, Pai, Irmã e Irmão	Boa
17	2	M	09	Itapoã	Casa	Mãe	Boa
18	2	M	10	Sobradinho	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
19	2	F	10	112 Norte 415 Norte Jardim Botânico	Apartamento Apartamento Casa	Mãe e 4 Irmãos Pai Avó	Boa
20	2	M	10	Itapoã	Casa	Mãe e Pai	Nem boa, nem ruim
21	2	M	10	412 Norte Lago Norte Jardim Botânico	Apartamento Casa Casa	Mãe, 2 irmãos e 1 irmã Avó Pai	Boa
22	2	F	10	Lago Norte	Apartamento	Mãe e Avó	Boa
23	1	F	09	Granja do Torto (Chácaras)	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Muito boa
24	1	M	08	Granja do Torto (Chácaras)	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Nem boa, nem ruim
25	1	M	10	Granja do Torto (Vila Operária)	Casa	Mãe, Avô e Irmão	Boa
26	1	F	08	Granja do Torto (Vila Operária)	Casa	Mãe, Pai e Irmã	Muito boa
27	1	M	08	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Nem boa, nem ruim

28	1	M	08	Sítio Canário Amarelo	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
29	1	M	08	Taquari	Casa	Mãe, Pai e Irmãos	Boa
30	1	M	08	Granja do Torto (Vila Operária)	Casa	Mãe, 2 irmãos e 1 irmã	Boa
31	1	M	09	Chácara Mocambo	Casa	Mãe, Pai e Irmão	Boa
32	1	M	09	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Avó, Irmã e Tia	Boa
33	1	F	08	Varjão	Apartamento	Mãe, Tia e Irmã	Boa
34	1	M	08	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Mãe, Pai e 4 irmãos	Boa
35	1	F	08	Granja do Torto (Vila Operária)	Casa	Mãe, Pai e 2 irmãos	Nem boa, nem ruim
36	1	F	09	Granja do Torto (Residencial A)	Casa	Mãe, Pai e 2 irmãos	Muito boa
37	1	M	08	Balão do Torto	Casa	Mãe, Pai e Irmã	Boa
38	1	F	08	Granja do Torto (Vila Operária)	Casa	Mãe, Pai e Irmã	Boa
39	1	F	08	Chácara	Casa	Mãe, Avós, Irmão e Padrinho	Boa

No que se refere ao perfil dos participantes idosos (Tabela 2), no AR-1 todos os entrevistados residem na área de estudo e em casas de até dois pavimentos, com tempo de moradia entre 10 e 45 anos. Com idade entre 60 e 91 anos, nove idosos avaliaram sua saúde como boa, seis como nem boa, nem ruim e um como ruim. Para avaliar a saúde, os idosos consideraram a frequência e quantidade de uso de medicamentos diários, presença de doenças crônicas e dificuldades para realização das atividades cotidianas. Dos 16 idosos entrevistados no AR-1, seis residem com os filhos ou netos, quatro com o marido/a esposa, três moram sozinhas devido à viuvez e três residem com o marido/a esposa e os filhos e/ou os netos.

Quanto aos idosos do AR-2, onze residem na área de estudo e os outros seis participantes são moradores da quadra vizinha, tendo assim um contato próximo com o local. Os 17 entrevistados residem em apartamentos com tempo de moradia entre 16 e 38 anos. A idade variou entre 64 e 78 anos e a avaliação de saúde considerou os mesmos critérios dos moradores do AR-1, sendo que dez participantes consideram sua saúde como boa, três como

nem boa, nem ruim, três como muito boa e um como ruim. No AR-2, onze dos entrevistados residem com o marido/a esposa, três com o marido e os filhos, duas moram sozinhas (viuvez e divórcio) e uma reside com a filha (viuvez).

Tabela 2 - Perfil dos participantes - Grupo 2 - Idosos do AR-1 e AR-2

N	AR	Sexo	Idade	Local	Tipo	Com quem mora	Saúde	Tempo
40	2	F	71	315 Norte	Apartamento	Sozinha/Viúva	Boa	38
41	2	F	65	315 Norte	Apartamento	Marido	Boa	36
42	2	F	65	315 Norte	Apartamento	Marido	Muito boa	38
43	2	F	68	315 Norte	Apartamento	Marido e 2 filhos	Muito boa	34
44	2	F	68	116 Norte	Apartamento	Marido	Ruim	34
45	2	F	69	116 Norte	Apartamento	Marido	Nem boa, nem ruim	35
46	2	F	67	116 Norte	Apartamento	Marido e filha	Boa	26
47	2	F	65	315 Norte	Apartamento	Sozinha/Divorciada	Muito boa	38
48	2	F	64	315 Norte	Apartamento	Marido	Boa	34
49	2	F	71	315 Norte	Apartamento	Marido	Boa	37
50	2	M	77	315 Norte	Apartamento	Esposa	Boa	37
51	2	F	66	315 Norte	Apartamento	Filha	Nem boa, nem ruim	36
52	2	F	67	315 Norte	Apartamento	Marido	Boa	19
53	2	F	70	315 Norte	Apartamento	Marido e 2 filhos	Boa	16
54	2	M	67	116 Norte	Apartamento	Esposa	Boa	22
55	2	M	64	116 Norte	Apartamento	Esposa	Boa	31
56	2	F	78	116 Norte	Apartamento	Marido	Nem boa, nem ruim	31
57	1	F	63	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Filha e Neto	Nem boa, nem ruim	15
58	1	F	66	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Filha e Neto	Boa	24
59	1	F	60	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Marido	Ruim	20

60	1	M	70	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Esposa	Boa	20
61	1	F	72	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Marido	Nem boa, nem ruim	20
62	1	F	61	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Marido e filha	Nem boa, nem ruim	22
63	1	F	60	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Marido, 4 filhos e 1 neta	Boa	40
64	1	F	66	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Sozinha	Boa	10
65	1	M	73	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Esposa, 4 filhos e 1 neta	Boa	40
66	1	F	91	Granja do Torto (Residencial A)	Casa	Sozinha/Viúva	Boa	45
67	1	F	75	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Filha e Neto	Boa	26
68	1	F	63	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Marido	Nem boa, nem ruim	20
69	1	F	60	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	2 filhos	Boa	28
70	1	F	70	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Sozinha/Viúva	Boa	20
71	1	F	68	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	Filho	Nem boa, nem ruim	28
72	1	F	81	Granja do Torto (Weslian Roriz)	Casa	2 filhos	Nem boa, nem ruim	23

4.2. ESTUDO 1

As observações ocorreram entre os meses de julho a outubro de 2018, considerando o período seco, de forma a facilitar as caminhadas ao ar livre, tendo em vista que no período chuvoso há menor movimentação de pessoas no entorno de suas moradias e ainda poderiam haver interrupções das sessões. Foram realizadas 49 sessões de observação em cada localidade, totalizando 98 sessões, 392 registros em cada setor e 2352 momentos (4 momentos em cada setor por sessão de observação, sendo 24 momentos de registro por sessão).

4.2.1. AMBIENTE RESIDENCIAL 1 – GRANJA DO TORTO (AR-1)

4.2.1.1. CRIANÇAS

Na distribuição dos dados das observações no AR-1 (Tabela 3) destacam-se a observação de 991 atividades realizadas por crianças ao longo de uma semana. O horário em que foi observado o menor número de crianças foi no início do dia entre as 6:00 e 8:00 horas, com aumento entre as 10:00 e 12:00 horas, tendo em vista o intervalo das aulas na escola, o que gera a movimentação das crianças na área, assim como ocorre ao final da tarde, momento em que as crianças estão saindo da escola acompanhadas por seus responsáveis. A Figura 4 apresenta picos de atividades entre 16:00 e 20:00 horas, principalmente às quintas-feiras, dia em que um grupo de moradores se reúne para jogar futebol na quadra poliesportiva da área e a plateia dos jogos é majoritariamente formada por crianças e jovens.

Tabela 3 - Distribuição das crianças observadas no AR-1 conforme dias e horários da semana

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Total
06:00 às 07:50	0	1	0	4	0	0	0	5
08:00 às 09:50	3	15	40	18	20	9	2	107
10:00 às 11:50	30	8	58	21	36	27	19	199
12:00 às 13:50	9	5	9	10	14	17	16	80
14:00 às 15:50	9	6	9	10	12	24	10	80
16:00 às 17:50	15	15	39	30	44	47	40	230
18:00 às 19:50	30	32	38	81	47	39	23	290
Total	96	82	193	174	173	163	110	991

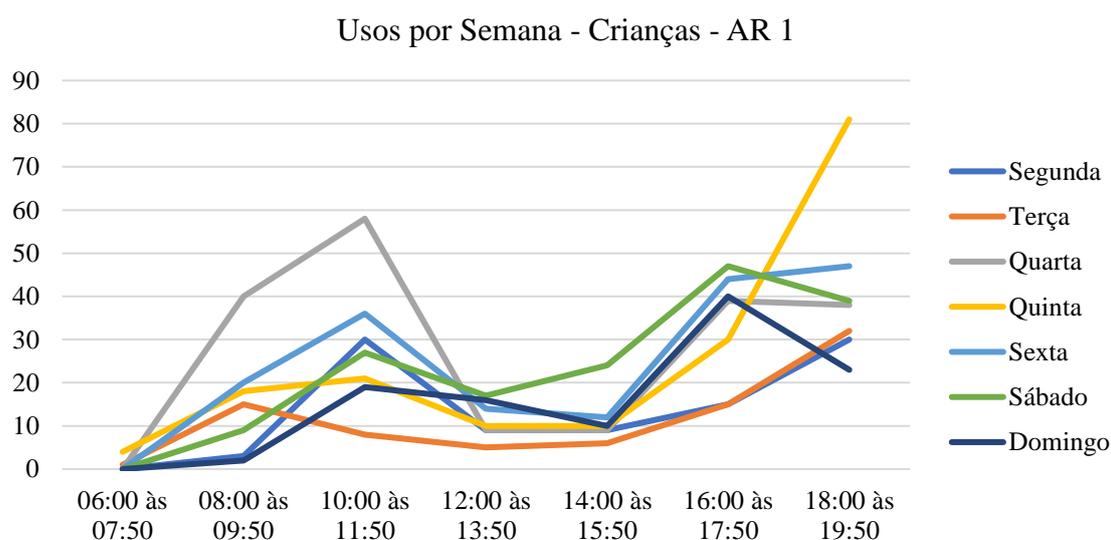


Figura 4 - Distribuição das atividades realizadas por crianças no AR-1 ao longo de uma semana de observação

A partir da distribuição feita por setores e tipos de atividades, ficou evidente que o principal uso realizado pelas crianças na área de estudo foi o lazer ativo, o que engloba os mais variados tipos de brincadeiras (Tabela 4). Conforme a Figura 5, tal tipo de atividade ocorre principalmente no Setor 1 que corresponde a ampla área do estacionamento do Parque de Exposições, e no Setor 4, onde fica localizada a Praça da Amizade, área em que as crianças podem usufruir dos brinquedos do parque infantil e das mesas de pingue-pongue presentes no local. Há ainda bancos e aparelhos de ginástica que são utilizados para simular brincadeiras. No Setor 1, é comum observar as crianças andando de bicicleta em grupos com outras crianças e adultos e também circulando para ir à escola ou passeando com cachorros, comumente acompanhadas de adultos. A circulação nos Setores 5 e 6 ocorre para ida à sorveteria e para acesso aos mercados. Quanto ao lazer contemplativo, foi associado principalmente ao comportamento de assistir aos jogos de futebol no Setor 3, no qual se encontra a quadra poliesportiva local e de permanecer sentado em frente à residência observando a rua em companhia de adultos ou outras crianças. O lazer cultural foi o tipo de atividade menos observada e caracterizou-se apenas pela observação de uma criança cantando e dançando e por outra criança sentada lendo. Quanto à categoria Outros, incluíram-se principalmente os comportamentos de conversar, comer e usar o celular.

Tabela 4 - Distribuição das crianças observadas no AR-1 conforme setores e tipos de atividades

Usos	Setor 1	Setor 2	Setor 3	Setor 4	Setor 5	Setor 6	Total
Circulação	41	30	4	23	48	40	186
Lazer Contemplativo	15	0	54	1	15	2	87
Lazer Ativo	280	30	80	150	20	4	564
Lazer Cultural	1	0	0	0	0	1	2
Outros	30	18	1	52	31	20	152
Total	367	78	139	226	114	67	991

Usos por Setor - Crianças - AR 1

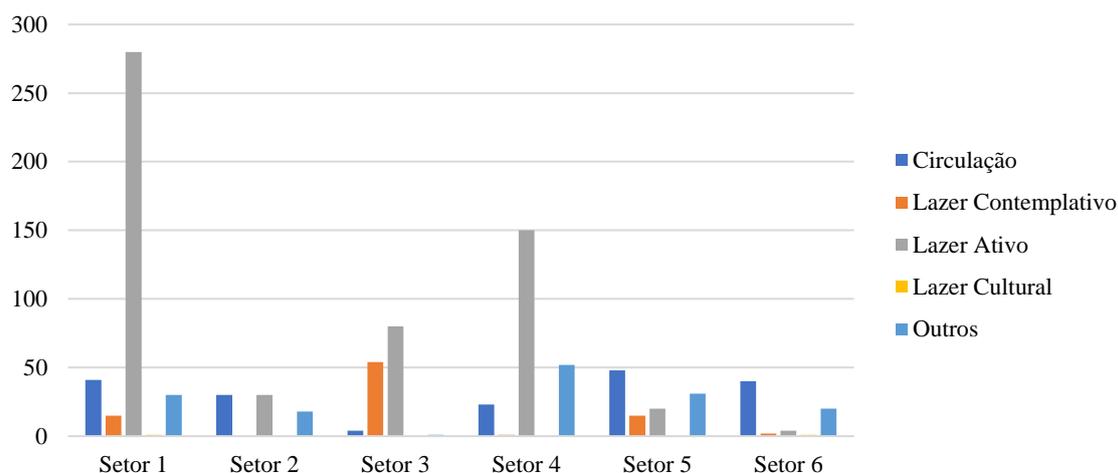


Figura 5 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por crianças no AR-1 por setor de observação

4.2.1.2. IDOSOS

Na distribuição dos dados das observações com a população idosa no AR-1 (Tabela 5) foram elencadas 583 atividades. O horário em que se observou menor número de idosos foi no final do dia entre às 18:00 e 20:00 horas. Há maior movimentação desse grupo no período da manhã entre às 8:00 e 12:00 horas, principalmente às terças-feiras, dia em que ocorre uma feira de produtos alimentícios (verduras, legumes, frutas, temperos, dentre outros), itens de cozinha e roupas. A Figura 6 reafirma essas informações mostrando que nos demais dias e horários, não há muita variação no que se refere à movimentação da população idosa na área.

Tabela 5 - Distribuição dos idosos observados no AR-1 conforme dias e horários da semana

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Total
06:00 às 07:50	6	23	21	7	13	9	6	85
08:00 às 09:50	13	61	17	15	20	19	26	171
10:00 às 11:50	5	36	12	15	7	16	12	103
12:00 às 13:50	3	11	6	6	9	23	10	68
14:00 às 15:50	4	12	10	6	9	13	8	62
16:00 às 17:50	3	16	11	8	14	2	1	55
18:00 às 19:50	0	10	6	6	5	6	6	39
Total	34	169	83	63	77	88	69	583

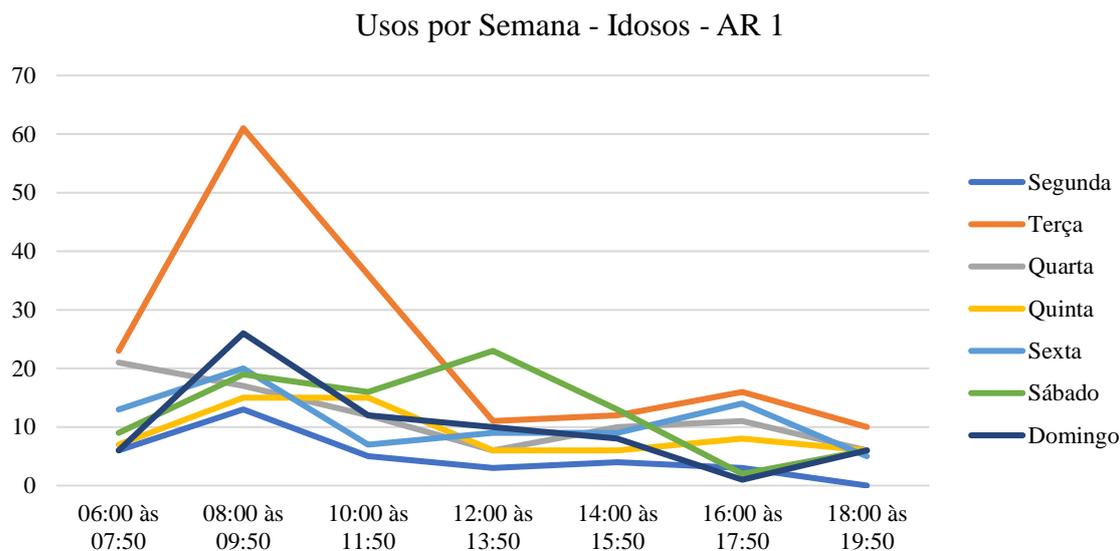


Figura 6 - Distribuição das atividades realizadas por idosos no AR-1 ao longo de uma semana de observação

Quando a distribuição é feita por setores e tipos de atividades, ficou evidente que o principal uso realizado pela população idosa na área de estudo inclui-se na categoria Circulação, principalmente nos setores 1, 6 e 7 (Tabela 6). Conforme a Figura 7, as atividades ocorreram principalmente no Setor 1 que corresponde a ampla área do estacionamento do Parque de Exposições, local em que ocorre a feira de itens variados às terças-feiras. Nesse espaço, os idosos conversam com os vizinhos, com os vendedores, realizam compras e degustam os itens à disposição nas bancas. Nos demais dias da semana, é possível observar os idosos circulando no Setor 1, principalmente para passear com os cachorros e para acessar outras áreas do AR-1. Contudo, os maiores índices de circulação ocorrem na área comercial, representada pelos Setores 5 e 6. Quanto ao lazer contemplativo, foi associado, principalmente, ao comportamento de permanecer sentado em frente à residência olhando para a rua, o estacionamento ou a praça. As atividades de lazer ativo fazem referência aos comportamentos de andar de bicicleta, principalmente nos Setores 1, 5 e 6 e usar os aparelhos de ginástica no ponto de encontro comunitário (PEC) localizado no Setor 1. Não foi observado qualquer tipo de atividade associada ao lazer cultural. A categoria Outros correspondeu a comportamentos como conversar, comer e comprar na feira ao ar livre e no setor comercial.

Tabela 6 - Distribuição dos idosos observados no AR-1 conforme setores e tipos de atividades

Usos	Setor 1	Setor 2	Setor 3	Setor 4	Setor 5	Setor 6	Total
Circulação	52	8	6	26	76	57	225
Lazer Contemplativo	41	0	1	28	15	0	85
Lazer Ativo	42	0	0	8	13	11	74
Lazer Cultural	0	0	0	0	0	0	0
Outros	115	0	3	21	44	16	199
Total	250	8	10	83	148	84	583

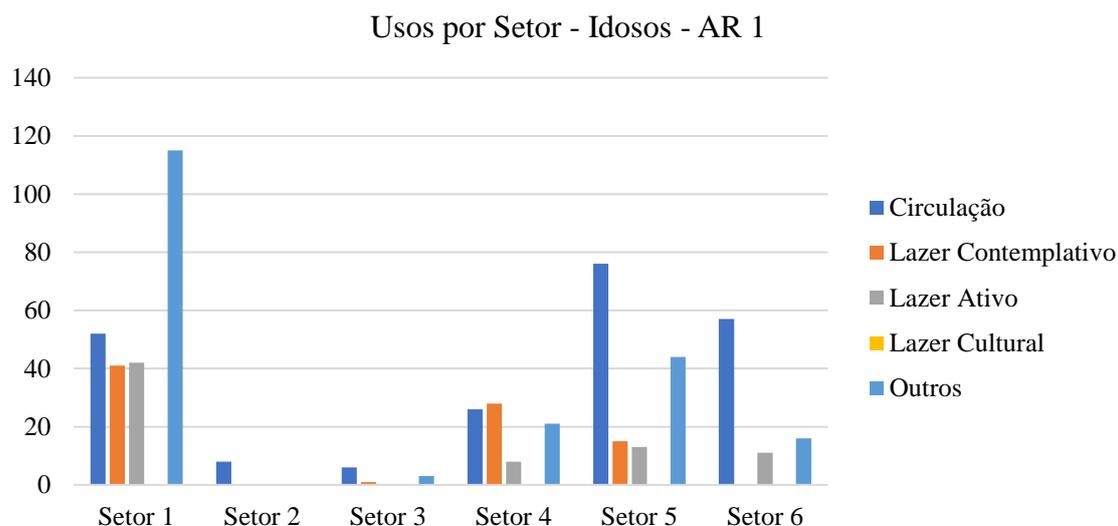


Figura 7 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por idosos no AR-1, por setor de observação

4.2.2. AMBIENTE RESIDENCIAL 2 – ASA NORTE

4.2.2.1. CRIANÇAS

Na distribuição dos dados das observações no AR-2 (Tabela 7) foram identificadas 2174 atividades realizadas por crianças ao longo de uma semana. O horário em que se observou menor número de crianças foi no início do dia entre às 6:00 e 8:00 horas, com aumento entre às 10:00 e 12:00 horas, tendo em vista o intervalo das aulas na escola, o que gera o aumento da movimentação das crianças na área. No AR-2, as crianças têm permissão para brincar na área externa da escola, o que permite a observação das brincadeiras e interações nesse momento do dia. A Figura 8 apresenta picos de atividades entre 16:00 e 20:00 horas, principalmente aos sábados. No dia e horário observado estava ocorrendo um campeonato infantil de futsal na quadra poliesportiva, o que contribuiu para o aumento significativo do número de crianças na área.

Tabela 7 - Distribuição das crianças observadas no AR-2 conforme dias e horários da semana

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Total
06:00 às 07:50	5	9	7	9	3	1	1	35
08:00 às 09:50	20	59	50	40	30	27	9	235
10:00 às 11:50	61	97	82	74	48	133	70	565
12:00 às 13:50	30	30	26	27	26	24	20	183
14:00 às 15:50	10	8	11	10	9	60	73	181
16:00 às 17:50	20	52	59	50	90	197	60	528
18:00 às 19:50	19	49	34	64	99	146	36	447
Total	165	304	269	274	305	588	269	2174

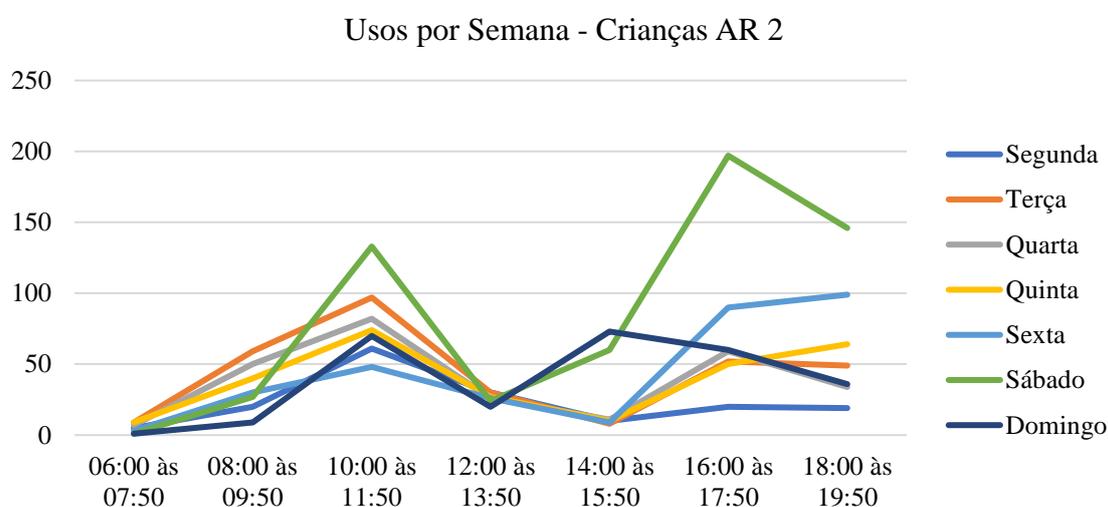


Figura 8 - Distribuição das atividades realizadas por crianças no AR-2 ao longo de uma semana de observação

O principal uso das crianças no AR-2 conforme a distribuição por setores e tipos de atividades foi o lazer ativo. As atividades ocorreram principalmente no Setor 1, no qual está o parque infantil, a quadra poliesportiva e a área de lazer entre os blocos de apartamentos. A Figura 9 mostra ainda que as brincadeiras identificadas como lazer ativo ocorreram nos Setores 5 e 6, onde estão localizadas a escola da área e o parque infantil da Superquadra. A circulação de crianças foi observada principalmente no entorno da escola. Nos demais setores, a presença de crianças circulando se deu, principalmente, para o acesso aos demais locais da área e para passear com cachorros. O lazer contemplativo foi mais comum nos Setores 1 e 6, no qual crianças observavam outras crianças brincarem. Quando se trata de lazer cultural, foi observado apenas uma ocasião em que uma criança lia em um banco próximo ao parque infantil no Setor

6. No que se refere à categoria Outros, incluíram-se os comportamentos de conversar, comer e usar o celular.

Tabela 8 - Distribuição das crianças observadas no AR-2 conforme setores e tipos de atividades

Usos	Setor 1	Setor 2	Setor 3	Setor 4	Setor 5	Setor 6	Total
Circulação	79	38	16	42	108	54	337
Lazer Contemplativo	44	0	6	0	8	12	70
Lazer Ativo	905	36	12	26	254	419	1652
Lazer Cultural	0	0	0	0	0	1	1
Outros	62	9	7	11	17	8	114
Total	1090	83	41	79	387	494	2174

Usos por Setor - Crianças AR 2

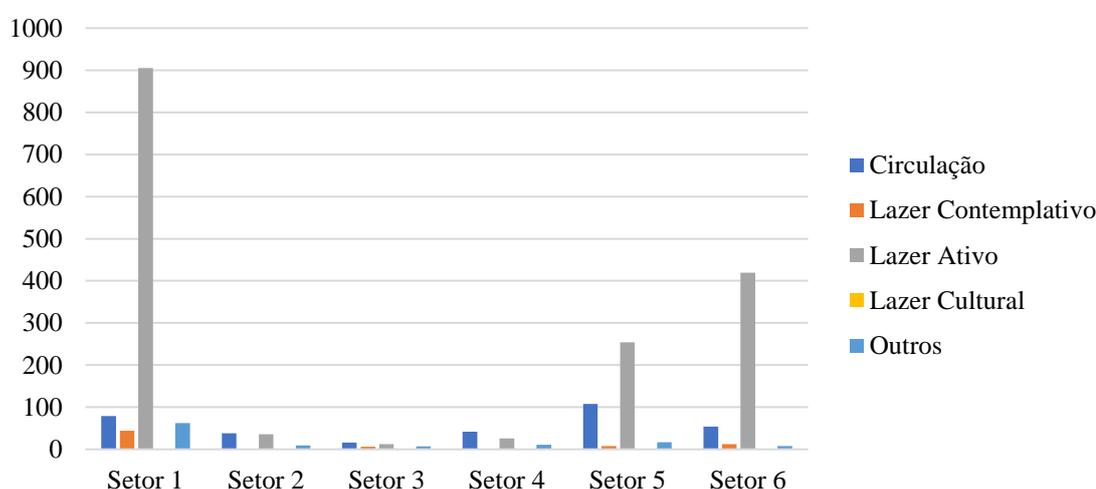


Figura 9 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por crianças no AR-2 por setor de observação

4.2.2.2. IDOSOS

Na distribuição dos dados das observações com a população idosa no AR-2 (Tabela 9) foram registradas 636 atividades. Houve maior movimentação de idosos na área no período da manhã entre às 8:00 e 12:00 horas, com pouca variação nos dias da semana, tendo em vista que diariamente se observou esse grupo realizando caminhadas no entorno dos blocos de apartamentos. A Figura 10 mostra que, aos sábados, ocorreu maior movimento de idosos no período da manhã entre às 8:00 e 10:00 horas, principalmente na área onde ocorre uma feira de produtos orgânicos (Setor 3) e no período da tarde entre as 16:00 e 18:00 horas, considerando os momentos de passeios com familiares (filhos e netos) e a participação em festas infantis realizadas ao ar livre.

Tabela 9 - Distribuição dos idosos observados no AR-2 conforme dias e horários da semana

Horários	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Total
06:00 às 07:50	11	18	12	5	14	12	12	84
08:00 às 09:50	34	30	30	32	28	37	15	206
10:00 às 11:50	22	19	28	9	6	36	9	129
12:00 às 13:50	8	9	7	7	10	15	11	67
14:00 às 15:50	4	3	4	3	4	4	3	25
16:00 às 17:50	6	6	10	5	3	28	16	74
18:00 às 19:50	7	9	5	8	3	11	8	51
Total	92	94	96	69	68	143	74	636

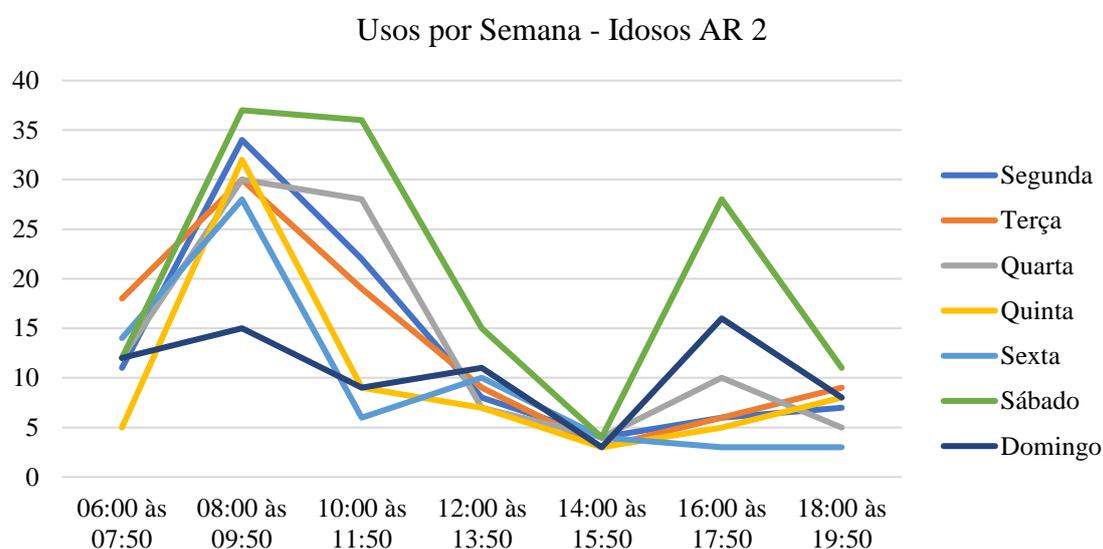


Figura 10 - Distribuição das atividades realizadas por idosos no AR-2 ao longo de uma semana de observação

A principal atividade realizada por idosos no AR-2 quando se considera a distribuição feita por setores e tipos de atividades foi a circulação, tendo em vista o hábito de realização de caminhadas no entorno da Superquadra (Tabela 10). Conforme a Figura 11, a circulação se distribuiu entre todos os setores, com frequência menor nos Setores 5 e 6 que abrangem a área da escola e do parque infantil, o que inclui uma subida íngreme, aspecto percebido como obstáculo. Os Setores 2 e 3 tornam-se mais atrativos em decorrência da área comercial e da feira de produtos orgânicos que ocorre duas vezes por semana nessa área. Sobre o lazer contemplativo, ocorreu nas áreas onde estão localizados os parques infantis (Setores 1 e 6) e fazem alusão aos idosos sentados observando as crianças brincarem. Já o lazer ativo engloba a prática de exercícios como corrida, andar de bicicleta e ginástica com orientação de profissional

de educação física. A única ocasião em que se observou lazer cultural foi um idoso lendo sentado embaixo de um bloco de apartamentos. Na categoria Outros foram incorporados comportamentos como conversar, comprar no setor comercial e nas feirinhas, varrer, pintar, dentre outros serviços de manutenção observados na área no período de coleta de dados.

Tabela 10 - Distribuição dos idosos observados no AR-2 conforme setores e tipos de atividades

Usos	Setor 1	Setor 2	Setor 3	Setor 4	Setor 5	Setor 6	Total
Circulação	56	84	71	65	26	39	341
Lazer Contemplativo	22	8	0	8	0	15	53
Lazer Ativo	19	0	13	8	0	8	48
Lazer Cultural	1	0	0	0	0	0	1
Outros	72	9	62	23	0	27	193
Total	170	101	146	104	26	89	636

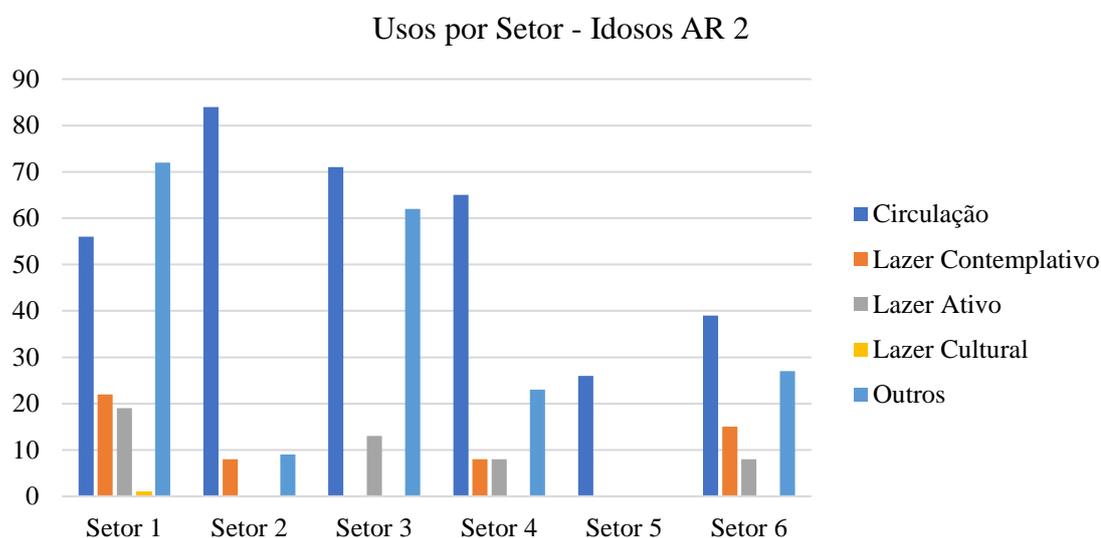


Figura 11 - Distribuição dos tipos de atividades realizadas por idosos no AR-2 por setor de observação

4.3. ESTUDO 2

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram audiogravadas integralmente para posterior transcrição. O processo de transcrição seguiu os moldes necessários para análise por meio do *Iramuteq*, assim não foram incluídas as falas da entrevistadora, caracteres especiais, dentre outros aspectos que pudessem inviabilizar o processamento dos dados. Com os idosos, a realização das entrevistas ocorreu em suas próprias residências e, com as crianças optou-se pelo ambiente escolar, tendo em vista que inicialmente ao propormos a realização na residência, a aceitação dos pais/responsáveis foi em número

bastante reduzido. As equipes pedagógicas de cada escola mostraram-se receptivas e cederam espaços para que se pudesse entrevistar as crianças no horário das atividades regulares. O tempo médio de entrevistas das crianças foi de 29 minutos e 47 segundos e dos idosos de 52 minutos e 17 segundos, o que se refletiu na análise dos dados.²

4.3.1. AMBIENTE RESIDENCIAL 1 – GRANJA DO TORTO

4.3.1.1. CRIANÇAS

A primeira análise do conteúdo das entrevistas das crianças do AR-1 resultou em sete classes bastante emaranhadas, o que dificultou a classificação. Dessa forma, optou-se por refazer a análise tendo como parâmetro as falas associadas a cada fotografia apresentada. Assim, no primeiro momento foram analisados 17 textos considerando a fala individual de cada criança e na segunda tentativa de análise, apenas oito textos com conteúdo mais robusto, foram submetidos à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que classificou o texto em segmentos de acordo com a frequência de vocabulários específicos e suas relações. Essa alternativa mostrou-se mais eficaz resultando no surgimento de 5 classes. As estatísticas descritivas informaram um número de 616 segmentos de texto, 20.753 ocorrências, 1061 formas e 422 hapax (formas que têm apenas uma ocorrência ao longo dos textos). O número de hapax representou 2,03% das ocorrências, valor que dá suporte à análise mais aprofundada dos dados.

Na Figura 12 o que se observa é a CHD que gerou cinco classes de segmentos de textos. As classes 1 (16,6%) e 2 (21,3%) apresentam similaridades entre si e espacialmente encontram-se no mesmo quadrante conforme apresentado na Figura 13. A classe 3 é a que se apresenta de maneira mais independente, representando 21% dos segmentos de texto. As classes 4 (22,5%) e 5 (18,6%), também mostram indícios de similaridades devido à proximidade no gráfico da análise fatorial simplificada (Figura 13), no qual é possível observar um detalhamento na organização das classes de acordo com o vocabulário associado a cada uma delas.

² Falas representativas das categorias apresentadas nos resultados foram incluídas no Apêndice A.

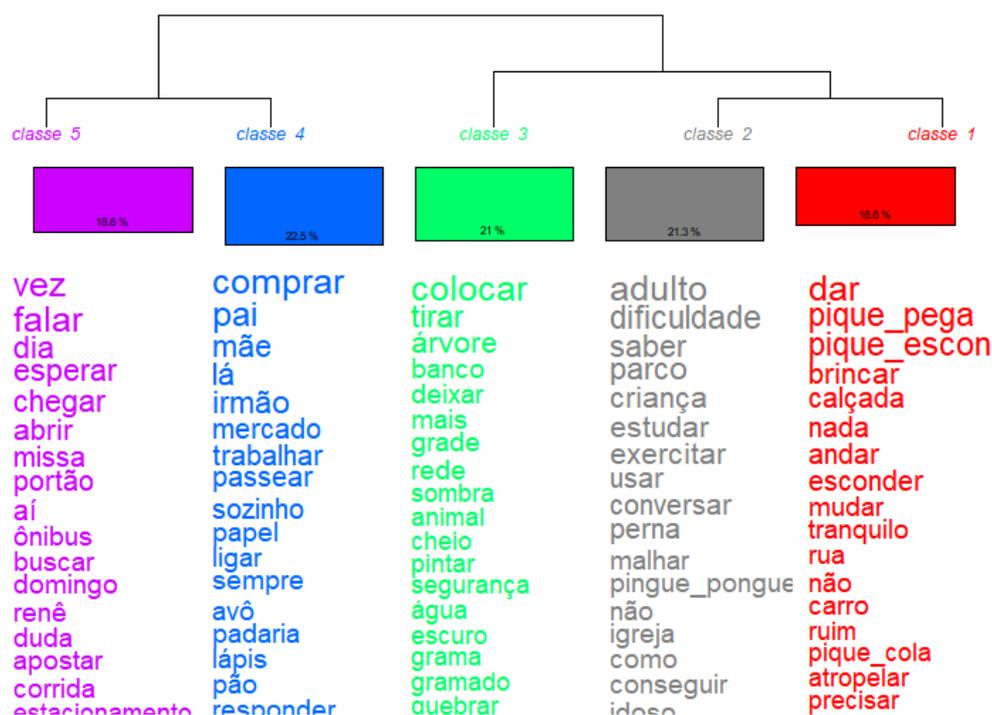


Figura 12 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças - AR-1

Tendo em vista tais critérios, a definição das classes se deu a partir de três categorias:

- 1) *Affordances*: representada pelas classes 1 e 2 (vermelha e cinza), totalizando 37,9% dos segmentos de texto, faz referência às possibilidades de uso dos espaços apresentados por meio de fotografias e engloba distintas modalidades de brincadeiras e atividades menos turbulentas como conversar e fazer exercícios, mais comumente identificadas como possibilidades de uso para adultos e idosos;
- 2) Obstáculos e Alterações: representada pela classe 3 (verde), incorpora aspectos identificados como obstáculos para o uso do espaço e as alternativas de modificação do cenário para que se torne um local mais amigável para a criança e,
- 3) Relações e Dia a Dia: representada pelas classes 4 e 5 (azul e rosa), inteirando 41,1% dos segmentos de texto, engloba as vivências das crianças no contato com os espaços e as relações com familiares e amigos nesses contextos.

Ao descrever *affordances*, as crianças traziam relatos como “dá para brincar de pique-esconde, de starwars, tipo, é só você procurar um lugar desses aqui para ser uma nave” ou “dá para correr bastante, andar de bicicleta, por causa que aqui é um espaço bem grande e não tem nada impedindo”. Essas falas refletem o brincar como principal possibilidade de uso dos espaços. Porém, obstáculos percebidos se revelam quando as crianças falam “Esse [aparelho] aqui eu não consigo pegar porque é muito alto e nesse aqui que é o grande, no pequeno eu consigo, no grande eu não consigo porque o meu braço não vai até lá em cima...”

ou “*não, aqui não dá para brincar porque é perigoso um carro atropelar alguma pessoa e alguma criança...*”. Em outros momentos, a percepção dos obstáculos se mesclava às possibilidades de melhorias como “*a cesta de basquete está muito alta, o gol é muito grande [...] eu ia colocar um gramado lindo aqui, colocar uma piscina debaixo dessa árvore aqui, colocar um banco também porque tem muita sombra e ia colocar um monte de poste ao redor dessa quadra*”. Sobre as relações e aspectos da vida diária, o reconhecimento dos espaços se dá a partir de experiências como “*esse é aquele estacionamento que eu te falei lá que tem a padaria que eu já fui muitas vezes lá, minha mãe já estacionou assim na frente ali, ela entra por ali e dá a volta no estacionamento*” ou “*eu ando de bicicleta com meu pai lá no parque, aí ontem eu vim para cá para ir para a prefeitura, para ir para a padaria, para ir para casa, aí eu passei nesse lugar, entendeu?*”.

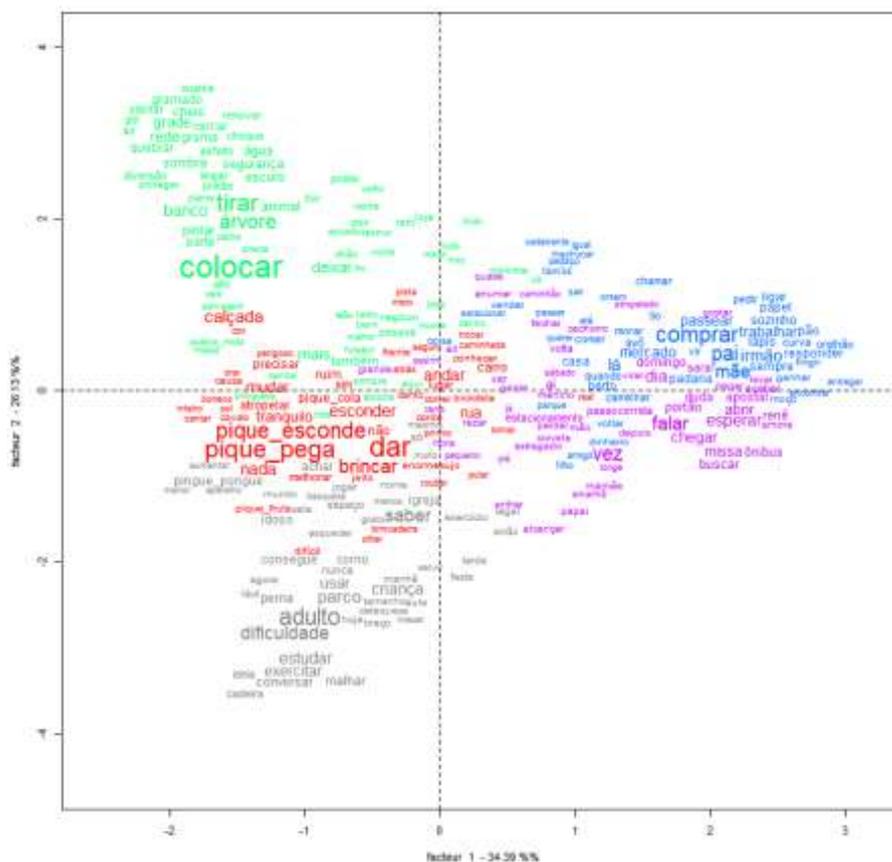


Figura 13 - Representação gráfica do dendrograma em plano cartesiano - Crianças - AR-1

4.3.1.2. IDOSOS

Foram analisados 16 textos considerando a fala individual de cada idoso. Tendo em vista que a média de tempo das entrevistas desse grupo foi de 47 minutos e 57 segundos, e os conteúdos foram mais extensos, não houve dificuldade no processo de análise. A CHD gerou 4 classes a partir de 2141 segmentos de textos. As estatísticas descritivas contabilizaram 72.279 ocorrências, 2839 formas e 1068 hapax que representaram apenas 1,48% das ocorrências. Foram classificados 1782 segmentos de textos, o que corresponde a 83,23% do *corpus* textual submetido à análise.

Na Figura 14 o que se observa é a CHD que gerou as quatro classes de segmentos de textos. As classes 1 (25,3%) e 2 (31,6%) apresentam proximidade conforme visualizado na Figura 15, contudo mantém-se em quadrantes distintos do gráfico da análise fatorial simplificada. As classes 3 (16,7%) e 4 (26,4%) mostram-se bastante independentes quando se analisa visualmente a distribuição dos segmentos de texto na Figura 15.

Esse detalhamento encaminhou para a definição de quatro categorias de análise: 1) Recursos: representada pela classe 1 (vermelha), diz respeito aos serviços disponíveis na área e as possibilidades de serviços a serem oferecidos para tornar o local mais amigável; 2) História: representada pela classe 2 (verde), é a que incorpora a maior quantidade de segmentos de textos, apresentando aspectos de vivências passadas e atuais com o entorno e as possibilidades de uso dos recursos percebidos; 3) Competências: representada pela classe 3 (azul), cita os problemas de saúde identificados pelos idosos que dificultam a realização de suas atividades cotidianas e potencializam a pressão exercida pelo ambiente e, 4) Relações e Dia a Dia (roxo): representada pela classe 4 (roxa), engloba as vivências dos idosos no contato com os espaços e as relações com familiares e amigos nesses contextos.

Quanto aos recursos, os idosos indicam a necessidade “...de um lugar, um espaço para a gente ter uma dança, um forró para os idosos, um lugar assim, um salão para os idosos, porque tem muitos idosos e aqui não tem lugar para sair às vezes, a gente quer sair...” e “...eu gostaria muito que o ônibus passasse aqui dentro, pelas ruas, por que, por exemplo, se o ônibus passasse aqui, tinha uma parada ali, ficava bem mais fácil, é só isso mesmo, e que tivesse um curso assim para o idoso porque aqui não tem nada para passar um tempo...”, dentre outros serviços associados à segurança e infraestrutura local. Sobre a história, os relatos suscitam memórias e lembranças como “eu acho até mais moderno do que antigamente que não tinha nada, hoje em dia já tem bastante coisa, eu gostaria mais de como era antes, mais sossegado,

mas é assim mesmo, evoluiu, os filhos da gente também vai evoluindo, antes era mais tranquilo” e “...criei meus filhos tudo aqui, casei [...], construímos aqui e viemos para cá, aqui em cima deve ter uns 20 e poucos anos, vim criança, cresci aqui, casei aqui, meus irmãos todos cresceram aqui, veio a família toda, veio, nós viemos para cá em 1958, foi muito antes de inaugurar Brasília, ainda estava só em construção”. As dificuldades identificadas em termos de competências sobressaem em falas como “já, eu já caí, eu descobri numa queda, eu descobri um câncer por uma queda que eu levei, aí tinha uma amiga da gente, eu fui fazer caminhada com ela [e caí nesse dia]”, “caminhar eu caminho pouco porque me dá falta de ar” e “tomo remédio também para a perna que eu estou até hoje com problema na perna que eu não posso andar, se eu ando daqui até ali, dez passos, eu já não dou conta mais de dor, minhas pernas doem demais...”. Contudo, as relações diárias são reconhecidas e valorizadas, o que fica evidente quando os idosos falam que “conheço todo mundo sim, isso é bom, os vizinhos ajudam sim, eu posso contar com os vizinhos e eles podem contar comigo” e “eu passo, bom dia, boa tarde, oi fulano, oi ciclano, eu faço a minha caminhada, às vezes paro, bato um papo assim, e venho embora para casa, tranquilo, agora eu tenho uns amigos que sempre elas estão vindo aqui, principalmente fim de semana, eu gosto, a gente bate aquele papo, aí fica bom”.

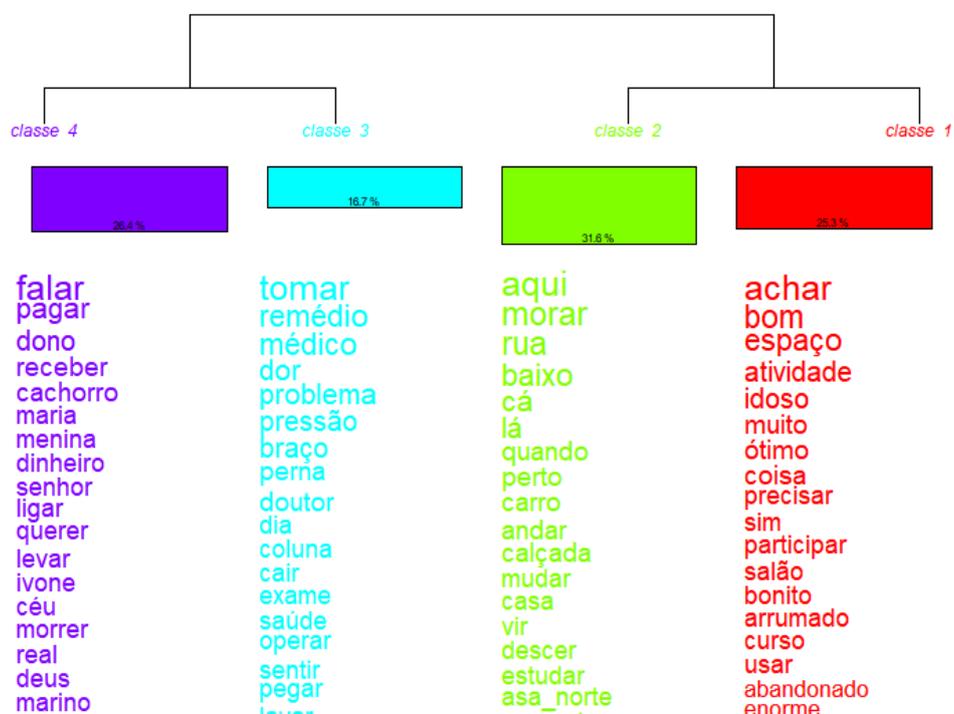


Figura 14 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Idosos - AR-1

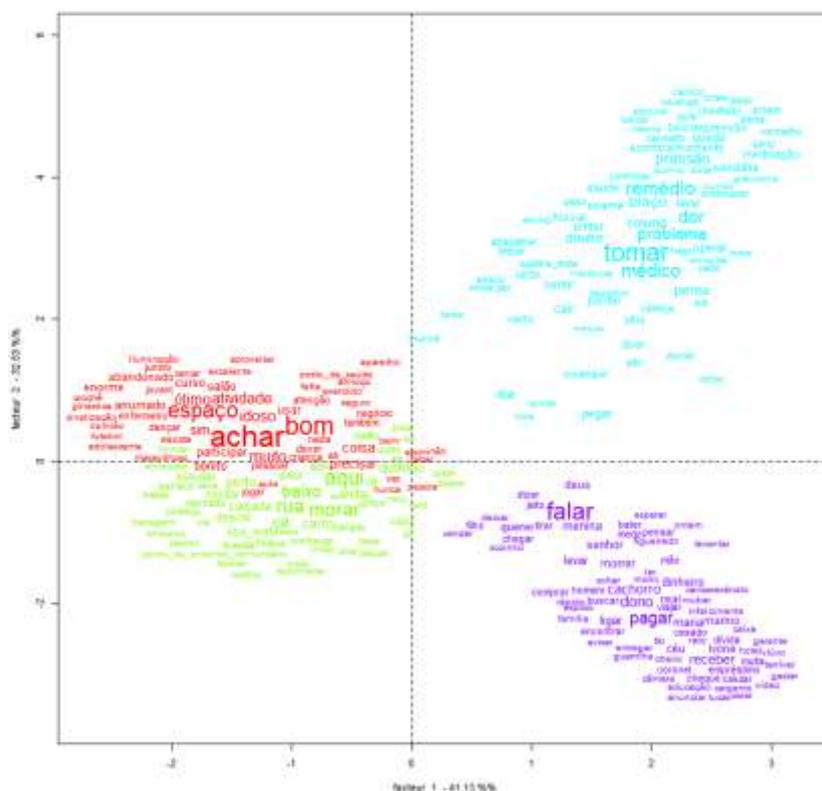


Figura 15 - Representação gráfica do dendrograma em plano cartesiano - Idosos - AR-1

4.3.2. AMBIENTE RESIDENCIAL 2 – ASA NORTE

4.3.2.1. CRIANÇAS

Foram analisados 22 textos considerando a fala individual de cada criança no AR-2. A média de tempo das entrevistas do grupo foi de 28 minutos e 05 segundos. Não houve dificuldade no processo de análise, pois as falas das crianças foram bastante objetivas no decorrer das entrevistas. O tempo se mostrou reduzido em decorrência do local de realização das entrevistas que exigia o retorno breve dos participantes para a sala de aula.

A CHD gerou 4 classes a partir de 1199 segmentos de textos. As estatísticas descritivas contabilizaram 40.938 ocorrências, 2515 formas e 586 hapax que representaram apenas 1,43% das ocorrências. Foram classificados 984 segmentos de textos, o que corresponde a 82,07% do *corpus* textual submetido à análise. Na Figura 16 o que se observa é a CHD que gerou as quatro classes de segmentos de textos. As classes 1 (26,7%) e 4 (27,9%) apresentam maior grau de independência mantendo-se em quadrantes distintos e opostos do gráfico da análise fatorial. As classes 2 (27,6%) e 3 (17,8%) mostram-se mais próximas e similares em termos de

conteúdo, o que pode ser analisado visualmente por meio da distribuição dos segmentos de texto na Figura 17.

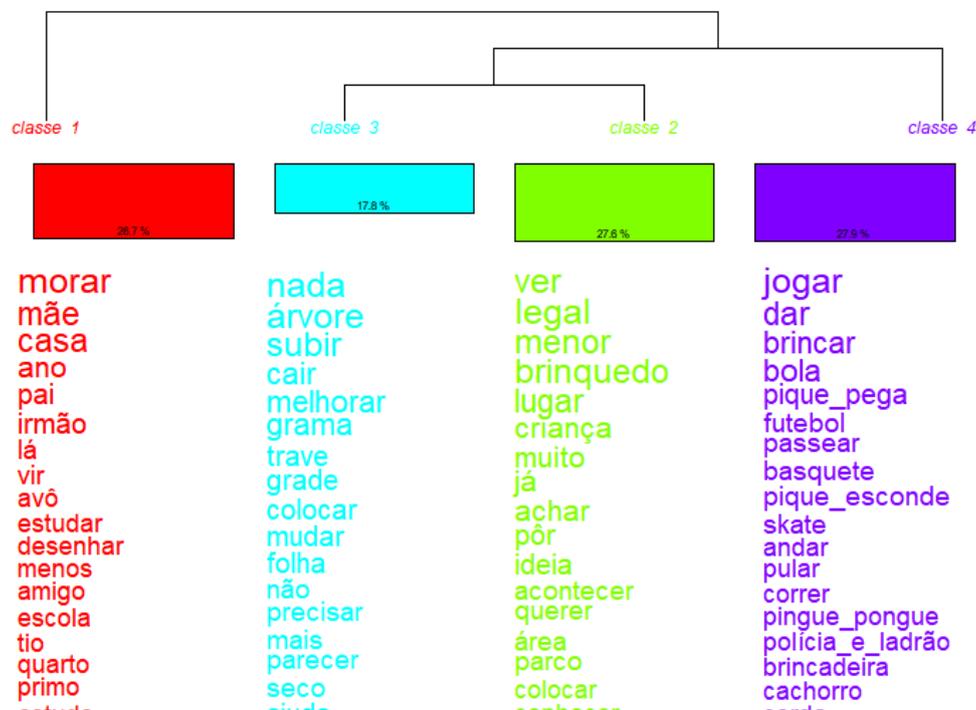


Figura 16 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças - AR-2

A partir dessas informações, foram definidas três categorias de análise: 1) Relações e Dia a Dia: representada pela classe 1 (vermelha), engloba a vivência das crianças no contato com os espaços e as relações com familiares e amigos nesses contextos; 2) Obstáculos e Alterações: representada pelas classes 2 (verde) e 3 (azul), totalizando 45,4% dos segmentos de textos, incorpora aspectos identificados como obstáculos para o uso do espaço e as alternativas de modificação do cenário para que se torne um local mais amigável para a criança e, 3) Affordances: representada pela classe 4 (roxa), faz referência às possibilidades de uso dos espaços apresentados por meio de fotografias e engloba distintas modalidades de brincadeiras e atividades menos turbulentas como conversar e fazer exercícios, mais comumente identificadas como possibilidades de uso para adultos e idosos.

As relações e vivências diárias identificadas a partir das fotografias apresentadas associaram-se principalmente às atividades promovidas pela escola, como quando uma criança cita “*aqui é legal, tem uma feira de produtos orgânicos e a gente vem aqui várias vezes e fica*

4.3.2.2. IDOSOS

Foram analisados 17 textos considerando a fala individual de cada idoso entrevistado no AR-2. A média de tempo das entrevistas desse grupo foi de 56 minutos e 32 segundos, o que contribuiu para a análise dos dados, tendo em vista o conteúdo extenso das falas dos participantes. A CHD gerou 4 classes a partir de 2833 segmentos de textos. As estatísticas descritivas contabilizaram 96.794 ocorrências, 3719 formas e 1477 hapax que representaram apenas 1,53% das ocorrências. Foram classificados 2506 segmentos de textos, o que corresponde a 88,46% do *corpus* textual. Assim, não houve dificuldade no processo de classificação hierárquica descendente do conteúdo submetido à análise.

Na Figura 18 o que se observa é a CHD que gerou as quatro classes de segmentos de textos. As quatro classes mostraram-se bastante independentes, sendo visualizadas uma em cada quadrante do gráfico conforme a Figura 19. As classes 1 (19,3%) e 2 (15,5%) são as menos citadas pelos participantes e as classes 3 (34,3%) e 4 (30,9%) apresentam um maior número de ocorrências.

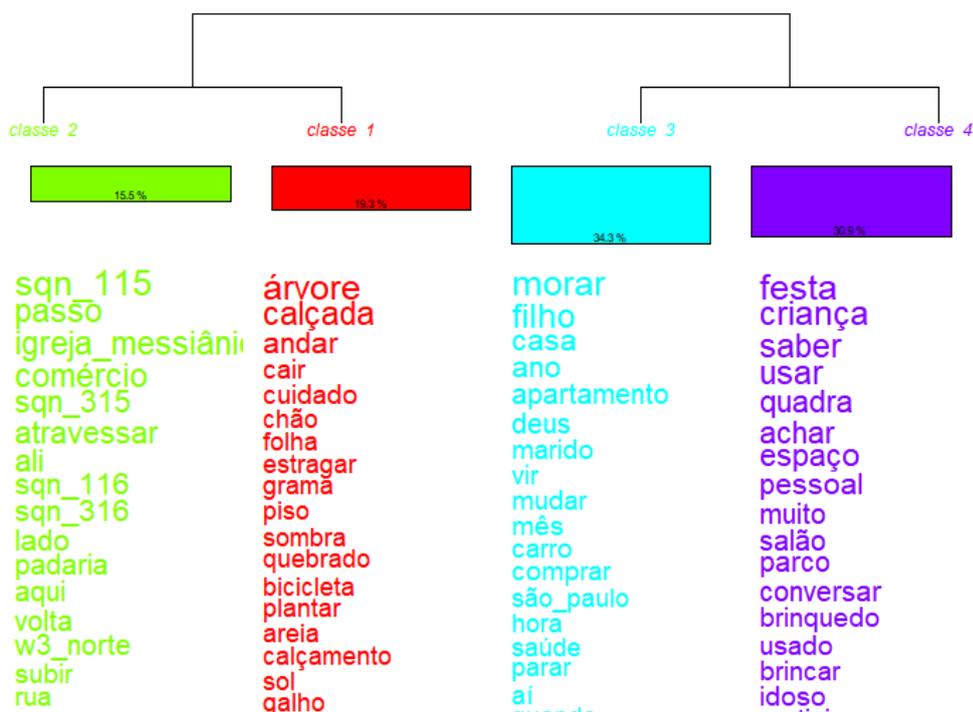


Figura 18 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Idosos - AR-2

Nesse sentido, foram definidas quatro categorias de análise: 1) Pressão Ambiental: representada pela classe 1 (vermelha), incorpora aspectos identificados como obstáculos e que dificultam a acessibilidade e mobilidade dos idosos no ambiente residencial; 2) Recursos: representada pela classe 2 (verde), diz respeito aos serviços disponíveis na área e às possibilidades de serviços a serem oferecidos para tornar o local mais amigável; 3) História e Relações: representada pela classe 3 (azul), engloba as vivências dos idosos no contato com os espaços e as relações com familiares e amigos nesses contextos considerando vivências passadas e vínculos construídos ao longo do tempo de moradia no local e, 4) Affordances: representada pela classe 4 (roxa), faz referências às possibilidades de uso dos espaços apresentados por meio de fotografias e engloba distintas modalidades associadas a observações do dia a dia do que ocorre no entorno do ambiente residencial.

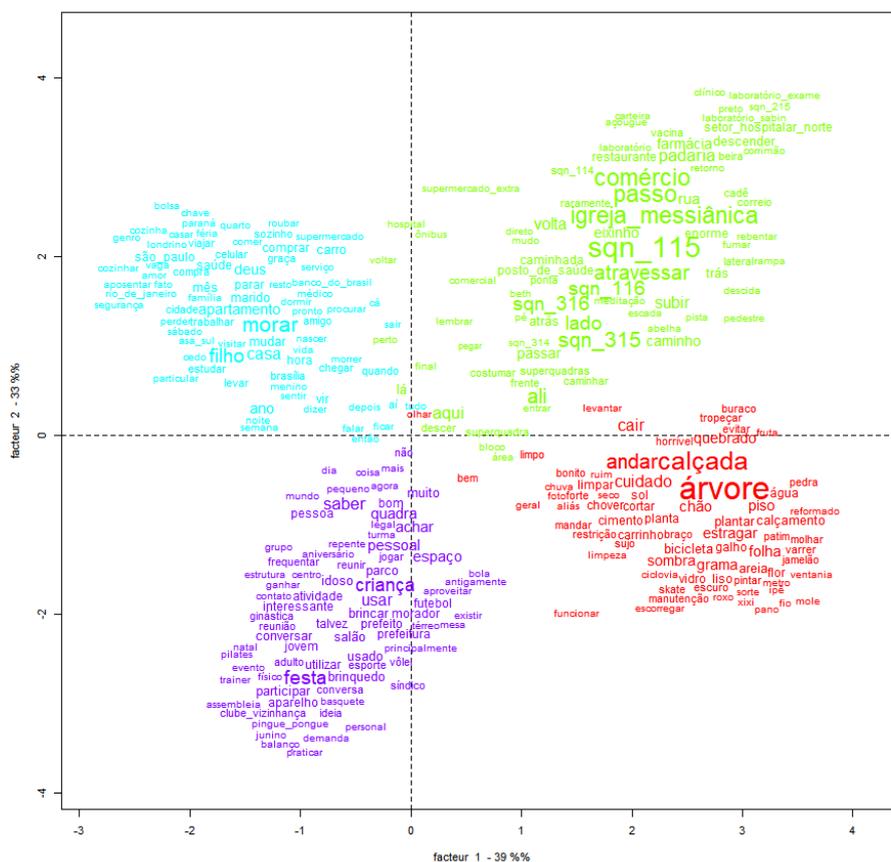


Figura 19 - Representação gráfica do dendrograma em plano cartesiano - Idosos - AR-2

Aspectos associados à pressão ambiental se mostraram presentes em falas como “*essas árvores são muito perigosas, ali na quadra mesmo tem umas que ficam de lado quando está chovendo, daquelas tempestades que a ventania é muito forte, às vezes aparece um monte de*

galho quebrado dentro da quadra” e “o idoso aqui sofre, porque ele tem que andar olhando para o chão, [...] vai olhar para o celular e tropeça, eu mesma não faço isso, eu sempre vou andando e olhando para o chão, onde eu sei que tem os buracos, as árvores, a raiz já tomou conta da calçada, tem pedaço que nem tem mais calçamento”. Sobre os recursos, há o reconhecimento de que a oferta é numerosa como quando a idosa relata *“ela [a superquadra] é privilegiada, porque ela tem duas comerciais, uma aqui próximo ao hospital e outra lá em cima que a gente usa padaria, lanche, restaurante, tudo lá em cima, aqui também, que só aqui pertinho a gente tem pertinho três ou quatro restaurantes, fora isso, cabelereiro, tem uma farmácia lá em cima, padaria...”* e *“às vezes quando eu quero comprar alguma coisa no comércio, às vezes a minha empregada fala que está faltando coentro, não tem, aí eu passo numa mercearia ali que vende verdura, fruta, aí passo lá e compro, padaria, a gente usa muito esse comércio de lá, tem comércio de cá também, a única coisa que eu não frequento é salão de beleza”.* As histórias e relações versam principalmente sobre as mudanças percebidas na área, por exemplo, *“A W3 Norte era vazia assim, a padaria, então, foi muito difícil assim, um choque, aí depois daqui da minha janela eu vi o crescimento de tudo...”* e os vínculos que foram sendo construídos ao longo dos anos que alteraram o perfil dos moradores como quando o idoso destaca que *“são imóveis com 35 a 40 anos de idade, então quem veio para cá nesse período, se veio para cá e ficou aqui até hoje, tem muita gente que veio para cá no começo e está aqui até hoje, já envelheceu, os filhos já saíram de casa, então, eu diria que é uma região predominantemente de idosos”.* E as *affordances* associam-se às atividades observadas nesse cotidiano dos moradores que citam que *“aqui tem muita gente que se encontra lá em baixo, principalmente os pais que deixam as crianças brincando, faz aniversário, quase todo final de semana tem aniversário ali debaixo desse caramanchão, então é muito usado aí”* e *“aqui é atrás da igreja messiânica, ali é um espaço verde bom, ali tem sempre o encontro do pessoal dos cães, cada um desce e às vezes está cheio de gente ali com os cães”.*

4.3.3. ANÁLISES COMPLEMENTARES

Foram realizadas análises complementares com o propósito de verificar similaridades e especificidades entre os grupos envolvidos na pesquisa. As análises que incorporavam os conteúdos das falas das crianças do AR-1 e AR-2 mostraram-se bastante similares, corroborando as categorias identificadas na CHD. Para ilustrar tais similaridades, foram elaboradas nuvens de palavras, recurso disponível no *software Iramuteq* (Figuras 20, 21 e 22). Tal recurso também foi utilizado para visualização das principais palavras presentes nas falas

da população idosa dos dois locais (Figuras 23, 24 e 25), de modo a ilustrar o conteúdo das entrevistas realizadas.

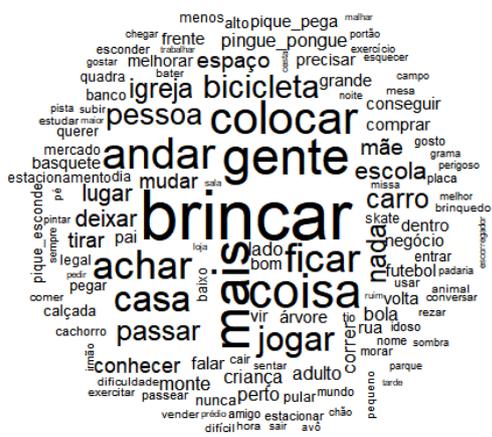


Figura 20 - Nuvem de palavras - Crianças - AR-1

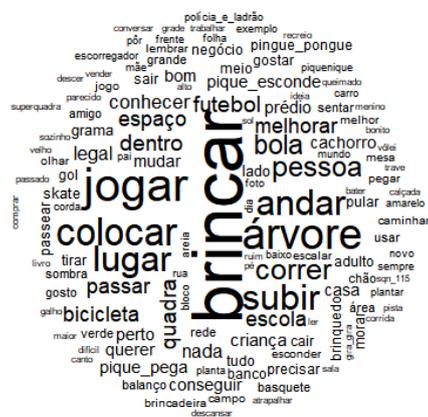


Figura 20 - Nuvem de palavras - Crianças - AR-2

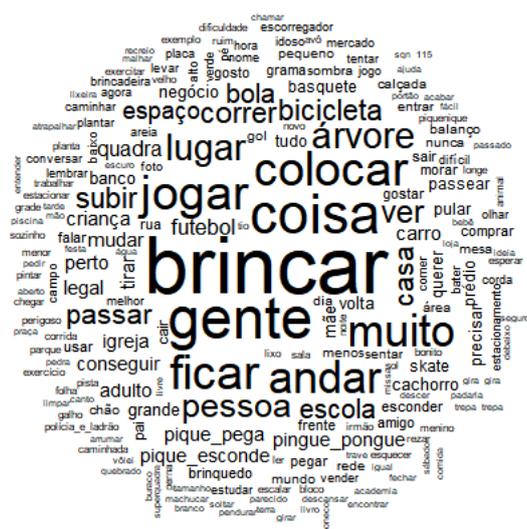


Figura 21 - Nuvem de palavras associadas às entrevistas das crianças do AR-1 e AR-2

Além disso, foram verificadas possibilidades de análise que associassem as falas dos idosos de ambos os locais de estudo, contudo, essa alternativa não se mostrou frutífera, tendo em vista as especificidades das falas desse grupo e suas vivências que se refletem em categorias distintas quando realizada a CHD. Por tais razões, esses dados não serão apresentados, pois considera-se que não contribuem para a discussão ao não fortalecerem a análise dos resultados.

(37%) mostrou-se independente e associada ao grupo 1 representado pelas crianças. As classes 4 (10,6%) e 5 (12,5%) também se mostraram independentes em quadrantes opostos do gráfico da análise fatorial (Figura 27) e incorporaram conteúdos de ambos os grupos.

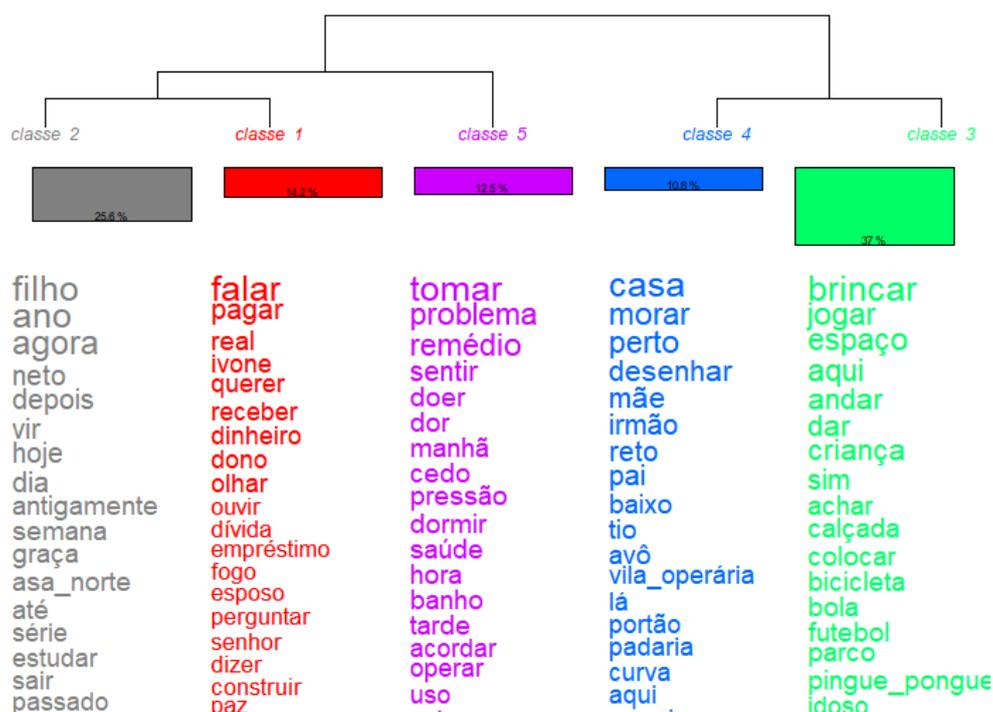


Figura 25 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-1

As quatro categorias identificadas a partir da CHD, foram definidas a partir das classes geradas nas análises anteriores, ficando assim distribuídas: 1) História: representadas pelas classes 1 e 2 (vermelha e cinza), totalizando 39,8% dos segmentos de texto. O conteúdo dessa categoria mostrou-se associado principalmente às falas da população idosa; 2) Affordances: representada pela classe 3 (verde) e associada majoritariamente às falas das crianças do AR-1; 3) Relações e Dia a Dia: representada pela classe 4 (azul) e, 4) Competências: representada pela classe 5 (rosa).

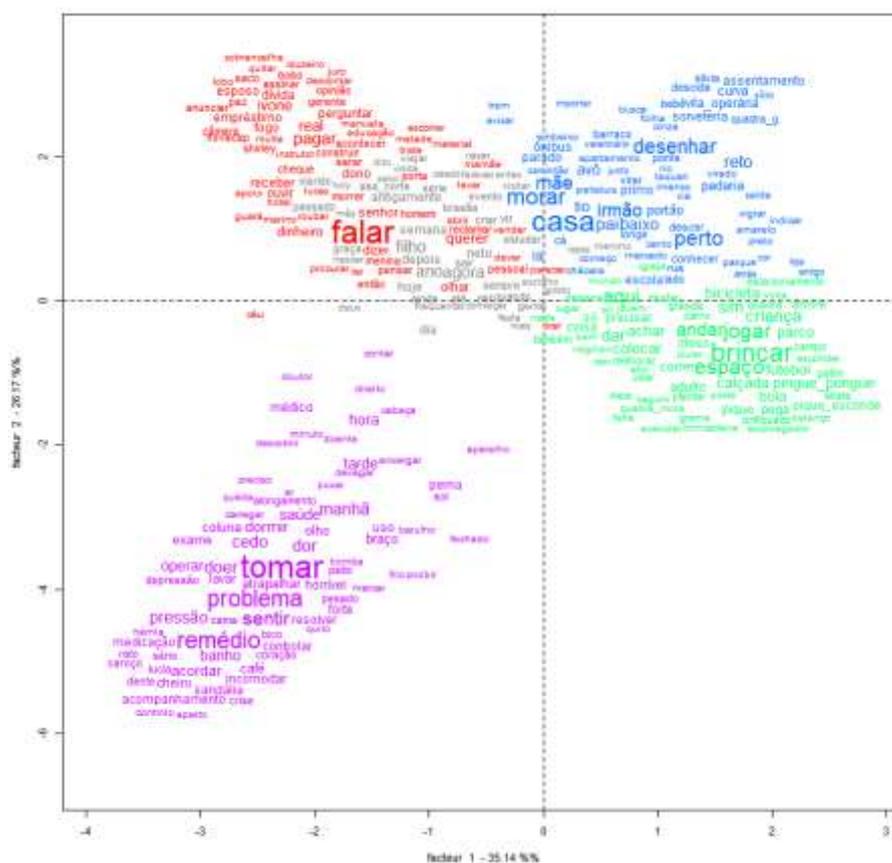


Figura 26 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - AR-1

No que tange à análise das 39 entrevistas dos participantes do AR-2, manifestaram-se cinco classes de segmentos de textos a partir de 137.730 ocorrências, 4135 formas e 1584 hapax (1,15% das ocorrências). As classes foram geradas considerando-se 3848 segmentos que representam 95,44% do *corpus* textual submetido à análise (Figura 28). As classes 1 (23,2%) e 3 (17,1%) mantiveram-se mais próximas espacialmente, mostrando conteúdos similares. A classe 2 (17,5%) mostrou-se mais associada ao grupo 2 representado pela população idosa. As classes 4 (22,6%) e 5 (19,5%) também se mostraram independentes permanecendo em quadrantes distintos, sendo que a classe 5 incorporou mais elementos das falas das crianças do AR-2, conforme análise fatorial (Figura 29).

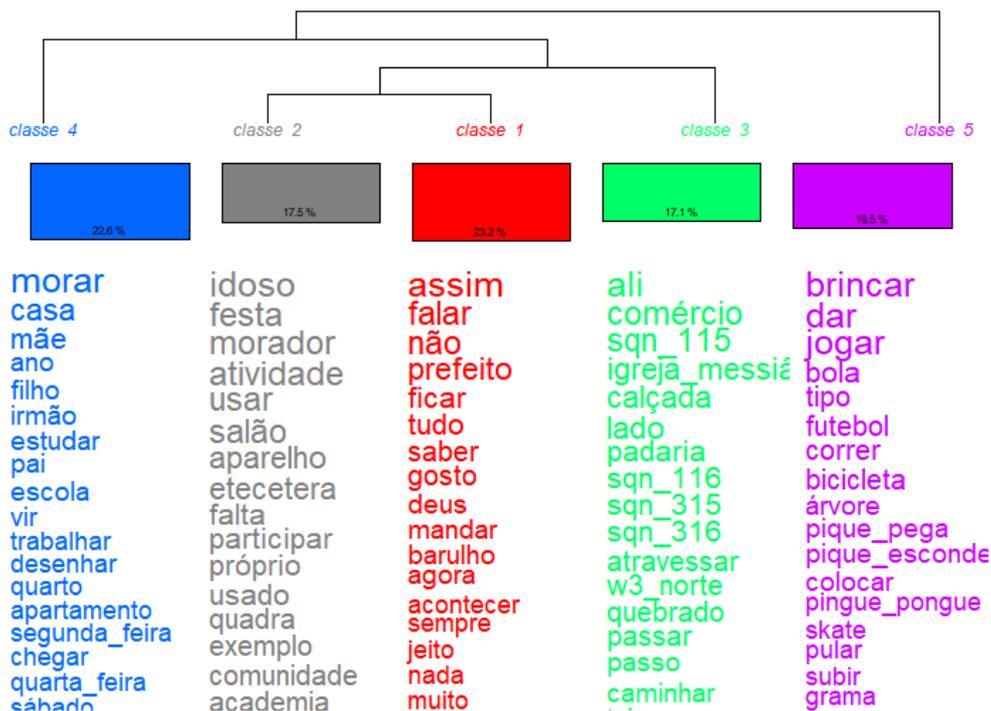


Figura 27 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-2

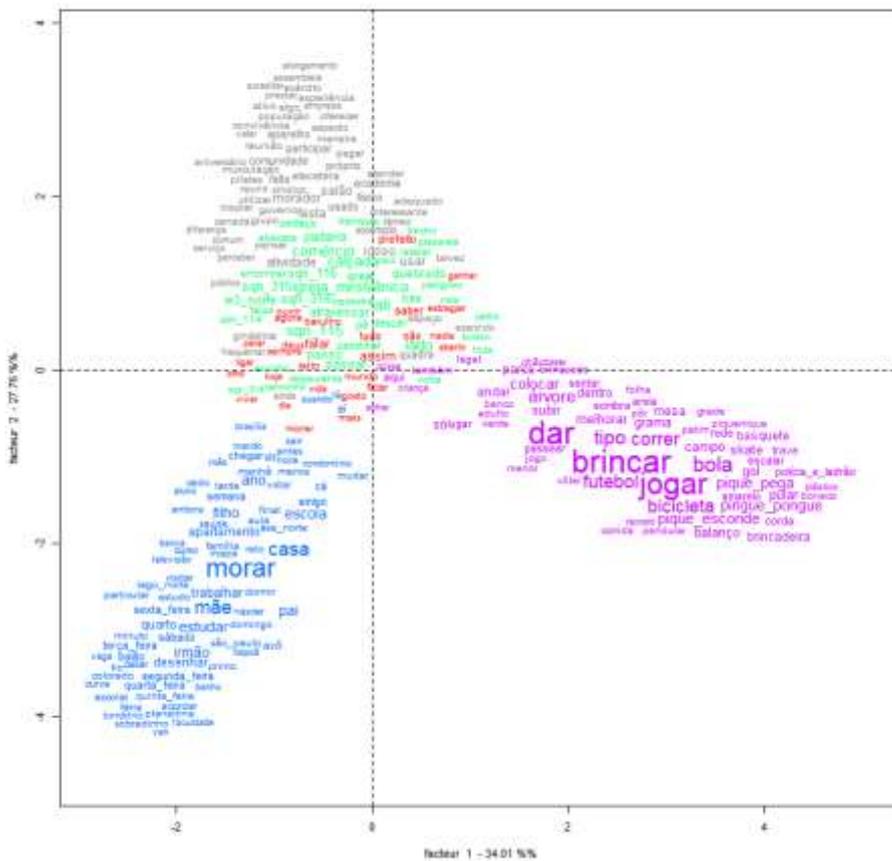


Figura 28 - Representação gráfica do dendrograma em plano cartesiano - AR-2

A partir das classes geradas pela CHD, foram identificadas quatro categorias definidas nas análises anteriores, a saber: 1) Recursos: representadas pelas classes 1 e 3 (vermelha e verde), totalizando 40,3% dos segmentos de texto e incorporando excertos de ambos os grupos de participantes; 2) Pressão Ambiental, representada pela classe 2 (cinza) e associada principalmente às falas da população idosa do AR-2; 3) Relações e Dia a Dia, representada pela classe 4 (azul) e, 4) Affordances: representada pela classe 5 (rosa), fazendo alusão prioritariamente às falas das crianças.

Para finalizar, foi realizada uma análise geral aliando os conteúdos de ambos os grupos (crianças e idosos) dos dois locais de estudo. Da análise das 72 entrevistas apareceram quatro classes a partir de 7051 segmentos de textos, 239.774 ocorrências, 5313 formas e 1954 hapax (0,81% das ocorrências). Foram classificados 5852 segmentos (83%) no processo de construção das classes (Figura 30). As classes 2 (30,8%) e 3 (22,7%) mantiveram-se no mesmo quadrante do gráfico da análise fatorial, porém espacialmente separadas, não sobrepostas. As classes 1 (21%) e 4 (25,4%) são visualizadas em quadrantes distintos e confirmam a independência dos dados (Figura 31).

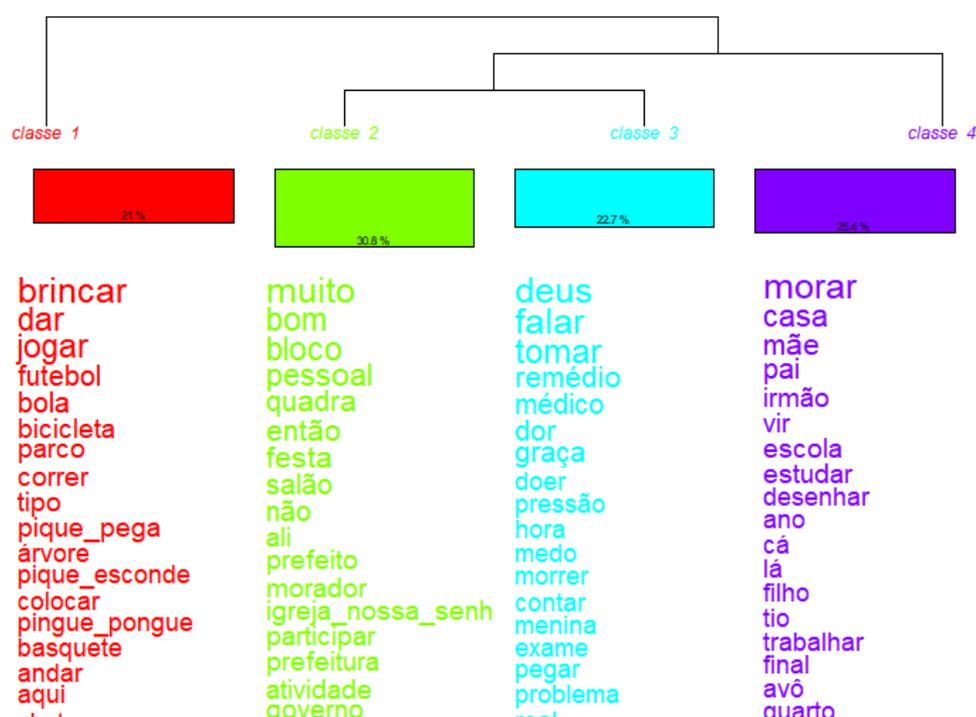


Figura 29 - Dendrograma com segmentos de texto resultantes da CHD - Crianças e Idosos - AR-1 e AR-2

Assim, as quatro categorias definidas após essa CHD também envolvem definições de análises anteriores: 1) Affordances: representada pela classe 1 (vermelha), abrange as falas das crianças de ambas as vizinhanças; 2) Recursos: representada pela classe 2 (verde), inclui principalmente as falas da população idosa; 3) Competências: representada pela classe 3 (azul) e, 4) Relações e Dia a Dia: representada pela classe 4 (roxa). A reafirmação de tais categorias demonstra a representação hierárquica dentro do contexto geral de análise.

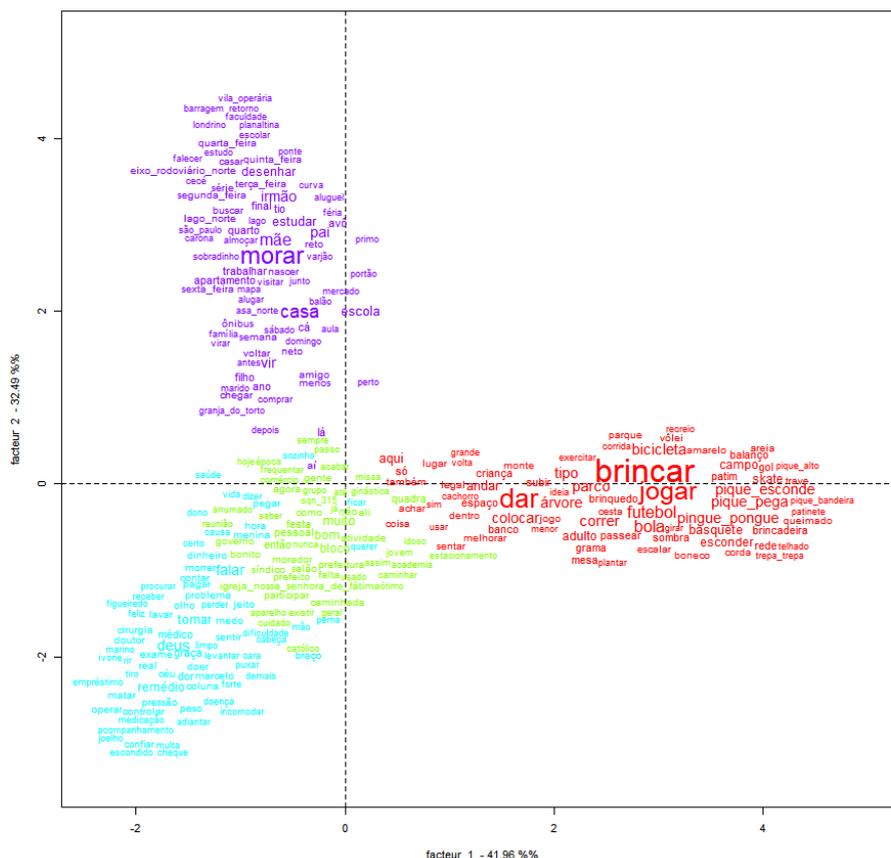


Figura 30 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano - AR-1 e AR-2

5. DISCUSSÃO

Os dois estudos realizados, direcionados pelas técnicas de mapeamento comportamental centrado no lugar e por entrevistas associadas a fotografias, permitiram a análise de dados a partir de fontes distintas de informações que se inter cruzam no momento da discussão. Tais resultados serão discutidos tendo como base a revisão de literatura e cada objetivo específico proposto, apresentando nas considerações finais as conclusões gerais acerca da questão de pesquisa e o objetivo geral do estudo.

5.1. ESTUDO 1 – OBJETIVO ESPECÍFICO 1: Identificar atividades realizadas por crianças e idosos em seus respectivos ambientes residenciais

As observações sistemáticas realizadas em cada ambiente residencial tiveram como objetivo central a identificação das atividades realizadas por crianças e idosos em cada local de estudo. A busca por tais informações conduziu para conclusões similares entre os grupos de cada vizinhança. As crianças do Ambiente Residencial 1 (Granja do Torto) e do Ambiente Residencial 2 (Asa Norte) foram observadas principalmente em atividades de lazer ativo e os idosos em momentos de circulação pela área. Os dados permitem compreender o processo de apropriação dos espaços pelos participantes e suas repercussões em termos da congruência pessoa-ambiente (Kahana, 1982; Perlaviciute & Steg, 2012).

Especificamente, no AR-1, a distribuição das atividades mostrou que 56,9% das crianças observadas estavam envolvidas em atividades de lazer ativo, 18,8% em momentos de circulação e 15,3% em atividades diversas, não enquadradas nas categorias definidas a priori, como conversar, comer e usar o celular. O lazer contemplativo, associado principalmente à função de plateia de jogos de futebol compôs 8,8% das observações e o lazer cultural apenas 0,2%. Em termos de ocupação, as brincadeiras associadas ao lazer ativo ocorreram principalmente no Setor 1 (37%) e no Setor 4 (22,8%). Apesar do Setor 1 ser composto por uma área de estacionamento, foi identificada como uma área ociosa pelos moradores, devido ao fato de permanecer vazia a maior parte do ano, sendo utilizada apenas quando ocorrem eventos no Parque de Exposições. Atualmente, o principal evento que ocorre nesse local é o Capital Moto Week, considerado o maior encontro de clubes de motociclistas da América Latina, sediado em Brasília, no mês de julho. Assim, por permanecer esvaziado a maior parte do tempo, o local é percebido como adequado para a prática de atividades diárias pelos moradores do AR-1. O Setor 4, em contrapartida, é a principal área de lazer identificada na área em termos de infraestrutura, por incluir um parque infantil, mesas de pingue-pongue, aparelhos de ginástica, bancos e mesas distribuídos ao redor dos demais elementos que compõem a praça. O Setor 3 teve nível de ocupação de 14% e envolveu principalmente lazer contemplativo, mas em outros momentos também foi possível observar crianças brincando com bola, ou andando de patins e skate. Nos setores 2 (7,9%), 5 (11,5%) e 6 (6,8%) foram observadas crianças circulando, conversando na área comercial, comendo e usando celular enquanto permaneciam sentadas. Nesses locais também se observou crianças andando de bicicleta.

No caso das crianças observadas no AR-2, 76% estavam envolvidas com atividades de lazer ativo e se concentravam nos setores 1 e 6, locais onde se encontram os parques infantis e as quadras poliesportivas. O nível de ocupação desses dois setores foi de 50,2% e 22,7%, respectivamente. A atividade de circulação foi observada em 15,5% dos momentos, o lazer contemplativo em 3,2% e o lazer cultural em 0,04%. Quanto a outros tipos de comportamentos não elencados inicialmente, estes representaram 5,26% dos momentos observados e incluíram as mesmas categorias observadas no AR-1. A ocupação no Setor 5 representou 17,8% por ser a área onde se localiza a escola e durante os intervalos das aulas é comum observar crianças brincando em frente à escola, subindo nas árvores, jogando futebol, conversando, comendo, usando o celular, ou apenas sentadas contemplando as demais crianças. Nos setores 2 (3,8%), 3 (1,9%) e 4 (3,6%) os níveis de ocupação mostraram-se mais reduzidos por serem percebidos mais como espaços de circulação, com poucas possibilidades de uso pelas crianças.

As preferências ambientais apresentadas pelas crianças reiteram o estudo de Aragonez, Amérigo e Perez (2017), no qual se constatou maior atratividade infantil por espaços amplos e de lazer. Fatores como suporte, estimulação e manutenção, identificados por Lawton e colaboradores (1991) como centrais para a docilidade ambiental, foram percebidos pelo grau de interação das crianças com os setores de observação e pela variedade de atividades desenvolvidas. A ampliação do espaço do brincar das crianças nos intervalos das aulas no AR-2 para além da área interna da escola, permitiu a exploração do entorno e o contato com elementos naturais que direcionam a novas *affordances*, como por exemplo, subir em árvores (Machado, Schubert, Albuquerque & Kuhnen, 2016). Porém, em termos gerais, as crianças do AR-2 concentraram-se em locais de infraestrutura urbana, tendo o brincar mediado por brinquedos presentes em parques infantis, quadras, bolas e mesas de pingue-pongue. Nessa perspectiva, ressalta-se uma redução das oportunidades de estimulação criativa, pois a apropriação do espaço se restringiu aos locais em que as *affordances* estavam postas de tal maneira que pouco estimularam novas habilidades (Broberg, Kytta & Fagerholm, 2013; Valentine, 2004).

Quando Martha Muchow (Mey & Günther, 2015) explorou a extensão do raio de ação das crianças em seus estudos, ressaltou que em cidades pequenas as vivências se tornam mais significativas, propiciando intergeracionalidade e inclusão. Ao se considerar cada local de estudo como uma pequena cidade, essas nuances apontadas por Muchow se apresentaram de maneira mais evidente no dia-a-dia observado das crianças do AR-1. Apesar de apresentarem

menos recursos urbanos de lazer, a área de estacionamento (Setor 1) apresentou-se como um palco para exploração e realização dos mais variados tipos de atividades, com poucas restrições no que concerne à autonomia e independência infantil (Lopes & Fichtner, 2017).

Em seus estudos com crianças em ambiente escolar, Fernandes e Elali (2008) concluíram que espaços abertos permitem a construção de significados e delineiam as relações, potencializando avaliações e percepções positivas do ambiente. Níveis de bem-estar, percepção de segurança e autoestima positiva também foram identificados como mais elevados entre crianças que se envolviam em maior número de atividades externas na Itália (Migliorini & Cardinali, 2011). Tais afirmações dialogam com as autoavaliações positivas das crianças em relação a seus estados de saúde, já que das 39 crianças entrevistadas, 33 afirmaram sentirem-se bem ou muito bem fisicamente e relataram o modo como isso coopera para a relação com familiares, pares e com o entorno.

No que se refere aos idosos do AR-1, a atividade de circulação compôs 38,6% dos momentos observados e ocorreu principalmente nos setores 1, 5 e 6. Novamente, a área do estacionamento surgiu como central para os moradores. É o local onde também se observou os idosos realizando a prática de caminhada, andando de bicicleta e utilizando os aparelhos de ginástica localizados no PEC, atividades que compuseram o lazer ativo, observado em 12,7% dos momentos registrados. O lazer contemplativo, presente em 14,6% das observações reflete uma postura mais passiva dos moradores da área, o que pode estar associado às autoavaliações de saúde. Quanto aos demais comportamentos observados, indicados por 34,1% dos registros, incluíram ações como conversar, comer e comprar, que ocorreram majoritariamente no dia de feira ao ar livre, demonstrando a capacidade atrativa desse tipo de atividade para a população idosa da área e a promoção de processos de apropriação de espaços ociosos, como a área de estacionamento. O nível de ocupação dos setores reafirmou o Setor 1 como o mais frequentado por crianças e idosos, representando 42,9%. Os setores 5 e 6 apresentaram 25,4% e 14,4% de ocupação respectivamente, por serem principalmente áreas de circulação para acesso ao comércio. No setor 4 (14,2%) foi possível observar idosos caminhando em direção à igreja, sentados na praça contemplando os demais, conversando e sentados aguardando na parada de ônibus. Nos setores 2 (1,4%) e 3 (1,7%) foram vistos idosos apenas circulando, mas em quantidade bastante reduzida.

A circulação também se mostrou como a principal atividade realizada pelos idosos no AR-2, representando 53,6% dos momentos observados. O lazer contemplativo (8,3%) e o lazer

ativo (7,6%) apresentaram baixas porcentagens, pois foram observados poucos idosos realizando atividades mais intensas como exercício físico, por exemplo, ou sentados observando a movimentação na Superquadra. O lazer cultural também se mostrou restrito, perfazendo apenas 0,2%. Em contrapartida, outros comportamentos não listados como comprar, conversar, comer, limpar, incluídos na categoria Outros, envolveram 30,3% e foram observados principalmente no momento de feira ao ar livre e nos períodos da manhã, quando era comum observar serviços de manutenção no Setor 1. A utilização dos setores em termos de ocupação, mostrou o Setor 1 como o mais ocupado (26,7%). Contudo, comparativamente às crianças, houve maior distribuição entre os setores, tendo em vista que os idosos circularam mais entre os setores para acessar os serviços e caminhar. Assim, os níveis de ocupação dos setores 2, 3, 4 e 6 foram aproximados, sendo 15,9%, 23%, 16% e 14%. Apenas o setor 5 mostrou nível mais reduzido de ocupação (4%).

As experiências de idosos em termos de preferências ambientais estão mais associadas a espaços internos (Lopez, Felipe & Kuhnen, 2012), o que pode ter contribuído para um número menor de observações envolvendo esse grupo em ambos os locais de estudo. Os comentários nas entrevistas enfatizaram que a quantidade de idosos é significativa no AR-2 e que muitas das crianças observadas na área vêm de outros locais para utilizar a infraestrutura local, contudo, é comum os idosos fazerem seus deslocamentos de carro e também permanecerem tempos mais longos em seus apartamentos. Esse isolamento é percebido de maneira mais contundente entre os moradores do AR-1, pois a área em si em que residem é mais distanciada do centro urbano e as opções de transporte público disponíveis não satisfazem as necessidades da população.

Sendo a circulação o comportamento mais frequente da população idosa nos dois locais observados, evidenciou-se a importância da acessibilidade no ambiente residencial para acesso aos serviços. Infraestrutura e mobiliário adequados, direcionados às demandas de mobilidade dos moradores são considerados determinantes para uma avaliação positiva e satisfatória da vizinhança (Capone, 2001). Além disso, algumas soluções ambientais podem tornar o local mais atrativo e agradável, dentre elas, a presença de comércio e feiras ao ar livre, aspecto presente no AR-1 e no AR-2, constituindo-se como fator de atração dos idosos para ocupação dos espaços nos dias em que as feiras ocorrem. O investimento nessas estruturas se mostrou como alternativa bastante eficaz para a apropriação dos espaços e para torná-los mais seguros para a população que por ali circula, pois se constitui como um mecanismo de vigilância natural, além de estimular a integração social (Newman, 1995).

A identificação de fatores preditores para a caminhada por Wang e Lee (2010), reforça os achados desse estudo, tendo em vista que a percepção de segurança e a qualidade das calçadas mostraram-se como primordiais para realização dos deslocamentos diários. Complementarmente, são características que contribuem para tornar o ambiente mais amigável ao idoso e mais dócil, reduzindo os níveis de pressão ambiental, estimulando o uso e ofertando suporte para realização das atividades de vida diária (Weenberg, Hyden & Stahl, 2010). Os resultados desse estudo trazem à tona a necessidade de agregar elementos ao ambiente que possam fortalecer não somente essa docilidade, mas também a proatividade da população idosa para maior engajamento em atividades de lazer ativo, o que pode contribuir para promover envelhecimento bem-sucedido, inter-relacionando competências individuais, envolvimento comunitário e recursos ambientais (Rowe & Kahn, 1997; Tomasini & Alves, 2007).

As observações sistemáticas realizadas por setores permitiram conceber um comportamento mais saliente em cada um desses *behavior-setting* (Pinheiro, 2011; Wicker, 2002), remetendo às conclusões de Barker e Wright quando realizaram observações em uma pequena cidade americana. Assim, cada setor organizado a partir de elementos específicos, direciona o comportamento das crianças e dos idosos para determinados tipos de comportamentos, observados de tal maneira a compor um roteiro em que a brincadeira (lazer ativo) surge como central na infância e a caminhada (circulação) como mais saliente/potente para a população idosa. Evidentemente, a brincadeira e a caminhada não são as únicas *affordances* possíveis nesses setores, contudo, suas frequências foram mais altas, demonstrando a importância para cada grupo e evidenciando que os setores observados facilitam e sugerem a realização de tais tipos de comportamentos, ainda que outros sejam possíveis.

5.2. ESTUDO 2 – OBJETIVO ESPECÍFICO 2: Diferenciar a avaliação de ambientes residenciais por crianças e idosos considerando suas capacidades individuais frente às demandas ambientais

Em termos de avaliação dos ambientes residenciais por cada grupo de crianças e idosos nos dois locais de estudo, foram identificadas similaridades e especificidades pertinentes para discussão dos objetivos específicos propostos. No contexto geral, foram identificadas sete categorias de análise que permitem tecer aproximações com a literatura em estudos de psicologia e gerontologia ambiental.

As categorias definidas pelas crianças dos AR-1 e AR-2 se igualaram, incluindo a identificação de *affordances*, dos obstáculos e das possibilidades de alterações dos espaços de

modo a torná-los mais amigáveis e na descrição das relações e atividades do dia-a-dia. Porém, comparativamente, as crianças do AR-1 apresentaram mais conteúdo relativo à categoria das relações e dia-a-dia (41,1%), demonstrando maior importância atribuída aos vínculos estabelecidos e às atividades diárias. As *affordances* representaram 37,9% das falas e remetem principalmente às brincadeiras (pique-pega, pique-esconde, polícia e ladrão, jogar bola, andar de bicicleta, usar os brinquedos do parquinho, correr, subir em árvores, dentre outras) percebidas como possíveis de ocorrer em cada espaço apresentado por meio das fotografias. A categoria relacionada aos obstáculos e alterações, composta por 21% das falas, remete principalmente às dificuldades como a utilização dos aparelhos de ginástica do PEC, que são considerados altos e de difícil compreensão em termos de função, o alcance das mesas de pingue-pongue na área da praça e da cesta de basquete na quadra poliesportiva. Outro obstáculo são os carros, percebidos como fator de risco para o tráfego de bicicleta, patins ou skate entre as ruas, já que as calçadas não permitem esse tipo de atividade, devido às condições precárias de manutenção.

As crianças do AR-2 atribuem maior importância aos obstáculos e possibilidades de alterações, que incorporam 45,4% das falas. É importante ressaltar que, nesse caso, a maioria das crianças não possuía contato direto com os espaços apresentados por meio das fotografias, dessa forma, foram indicadas inúmeras alterações que se vinculavam ao microsistema de cada uma delas, como a inclusão de mais brinquedos nos parquinhos, manutenção das calçadas, ampliação da área de lazer da escola, plantação de árvores e grama ao redor dos prédios, bem como, melhorias em seus locais de moradia de modo a ficarem mais similares aos espaços apresentados. Quanto às *affordances*, foram citadas em 27,9% das falas analisadas e, além das brincadeiras mencionadas pelas crianças do AR-1, também foram incluídas a possibilidade de piquenique, brincar de boneca, andar de patins, skate e praticar *parkour*, atividade presente no cotidiano das crianças do AR-2, pois algumas citaram realizar aulas com essa modalidade de exercício no contraturno das aulas. A categoria sobre relações e dia-a-dia englobou 26,7% do discurso dos entrevistados.

A relação das crianças com seus locais de moradia demonstrou uma apropriação do espaço mais ampla a partir das percepções dos participantes do AR-1, o que se justifica pela relação de proximidade com os espaços citados nas entrevistas. Essas diferenças podem estar relacionadas ao fato de as crianças do AR-2 não residirem no local da pesquisa, mas também por aspectos socioeconômicos. Enquanto as crianças do AR-1 vão para a escola a pé ou de bicicleta, em sua maioria, as crianças do AR-2, por residirem longe do local, costumam vir de

ônibus escolar subvencionado pelo governo, van privada ou carro particular, trazidas pelos pais ou responsáveis. Nesse sentido, a apropriação do espaço do entorno da escola se dá de maneira distinta, permitindo a incorporação de um número maior ou menor de elementos que compõem os cenários estudados (Depeau, 2017).

Os tipos de brincadeiras citados são influenciados pela condição financeira à medida que as crianças do AR-1 propõem brincadeiras mais simples, que dependem quase que exclusivamente de suas competências individuais e as crianças do AR-2 incorporam mais elementos e recursos ambientais em seus exemplos. Isso ainda se deve ao fato das crianças do AR-2 participarem de cursos, clubes e atividades privadas que lhe proporcionam essas vivências. Nesse sentido, Leventhal & Brooks-Gun (2000) ressaltam que a disponibilidade de recursos físicos exerce impacto sobre o desenvolvimento saudável das crianças.

Desse modo, as vivências foram caracterizadas de maneira mais próxima e pautadas na realidade cotidiana entre as crianças do AR-1 e as crianças do AR-2 definiram suas falas a partir das percepções construídas no momento de visualização das fotografias. A promoção da mobilidade infantil também se mostrou mais presente entre as crianças do AR-1, o que estimulou a proposição de melhorias mais próximas à realidade dos espaços (Kytta, 2004). Os modos de deslocamento também contribuem para essa mobilidade, pois enquanto as crianças do AR-1 movimentaram-se mais a pé e de bicicleta entre os setores, as crianças do AR-2, por não residirem na área e também por questões socioeconômicas, transitam mais de carro, o que se constitui como fator de influência para a satisfação com o ambiente residencial (Aragonez, Amérigo & Perez-Lopez, 2017).

Além dos aspectos físicos, Korpela (2002) enfatizou a relevância da dimensão subjetiva para a criança em termos de experiências afetivas associadas aos vínculos estabelecidos em seu cotidiano. As crianças do AR-1 demonstraram valorização dessa afetividade ao apresentar como categoria central suas relações e vivências diárias. Nesse contexto, características sociais se mostram mais relevantes para as crianças do AR-1 e características funcionais foram mais acentuadas nas falas das crianças do AR-2. Para processos de planejamento urbano colaborativo, tais características exercem influência direta na satisfação residencial dos moradores (Fornara, Bonaiuto e Bonnes, 2010).

Diferentemente do que se verificou entre as crianças, na fala da população idosa os discursos remeteram a aspectos vivenciais de maneira mais contundente em ambas as vizinhanças. Os idosos do AR-1 citaram aspectos históricos das suas relações com o ambiente

residencial em 31,6% das falas e em 26,4% delas relataram os vínculos e as atividades diárias. A identificação de *affordances* não se apresentou como categoria nesse contexto, tendo sido percebida uma dificuldade dos idosos do AR-1 em verbalizar possibilidades de ações, atividades ou envolvimento comunitário na realidade atual de seu ambiente residencial. Quando tais possibilidades eram citadas, remetiam a momentos passados, em que cursos ou atividades de ginástica foram promovidas de forma pontual, mas devido à baixa adesão dos moradores, foram encerradas. Os atributos físicos foram representados pelos serviços e recursos citados em 25,3% das falas e os atributos individuais articulados às competências foram destaque em 16,7% do conteúdo das entrevistas.

Assim como a população idosa do AR-1, no AR-2 a principal categoria citada trouxe elementos associados à história com o ambiente residencial e os vínculos construídos ao longo dos anos (34,3%). Todavia, as *affordances* surgiram de maneira clara em 30,9% das falas desse grupo, indicando atividades e usos observados no dia-a-dia do ambiente residencial. Os moradores relataram os dias em que a quadra é utilizada pelas crianças para jogar futebol, o uso do caramanchão para realização de confraternizações, o uso do comércio local para compras diárias, ida à academia ou outros tipos de atividades físicas e a circulação de pessoas entre os blocos de apartamentos. A pressão ambiental, presente em 19,3% das falas, trouxe à tona problemas ligados à infraestrutura local que dificultam a acessibilidade e mobilidade dos moradores. Apesar do reconhecimento da proximidade dos recursos e serviços na área, destacado em 15,5% das falas, os moradores reiteraram a dificuldade de acessar a pé tais serviços em decorrência da percepção de insegurança e das condições precárias das calçadas em alguns trechos da área.

Aspectos socioeconômicos também repercutiram nas diferenciações entre os locais de estudo quando são consideradas as entrevistas com a população idosa. A renda familiar entre os idosos do AR-1 em torno de três salários mínimos e do AR-2, entre seis e dez salários mínimos. A escolaridade dos moradores do AR-1 é ensino fundamental, por muitas vezes, incompleto, e a dos moradores do AR-2 situa-se entre ensino médio e ensino superior. Nesse sentido, considera-se a necessidade de refletir sobre esses aspectos ao discutir os dados. Por exemplo, os moradores do AR-2 relataram frequentar academias e clubes para prática de exercícios físicos, aspecto relatado nas entrevistas, o que pode justificar o número reduzido de observações de lazer ativo ao ar livre. Além disso, fazem uso dos hospitais e clínicas particulares localizados no Setor Hospitalar Norte, adjacente à Superquadra, por possuírem planos de saúde. Dessa forma, a facilidade de acompanhamento médico repercute na

autoavaliação positiva da qualidade de vida, representada por 13 dos 17 entrevistados que afirmaram ter saúde boa ou muito boa. A realidade no AR-1 é distinta nesse sentido, pois os idosos entrevistados não relataram a prática diária de exercícios físicos, admitiram dificuldades no acesso ao serviço público de saúde e 7 dos 16 entrevistados avaliaram sua saúde como nem boa, nem ruim ou ruim. No AR-1 há um posto de saúde que presta serviços odontológicos e de atenção primária, mas sua infraestrutura é considerada bastante deficiente pelos moradores, sobrepondo-se ao atendimento de qualidade prestado pela equipe multiprofissional.

A ênfase dada aos aspectos históricos e relacionais pela população idosa recupera a relevância das características sociais citada pelas crianças do AR-1 no contexto de avaliação da satisfação residencial (Fornara, Bonaiuto & Bonnes, 2010) e suscitou a identidade e o apego ao lugar. Esses conceitos, ligados às percepções e afetos associados ao entorno, foram fortalecidos por afirmações que pressupõem um enraizamento com o ambiente residencial, destacando-se a necessidade de envelhecer ali (Lewicka, 2011; Scannell & Gifford, 2010; Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983). O tempo de moradia é outro ponto que se agrega a essa dimensão subjetiva e ainda envolve a historicidade humano-ambiental, pois os moradores relataram as alterações que foram ocorrendo ao longo dos anos e o quanto esse cronossistema repercutiu nos demais sistemas de relações envolvidos (Bronfenbrenner, 1999). A dimensão temporal mostrou-se mais saliente para a população idosa em decorrência desse tempo de moradia, mas também pelo desenvolvimento pessoal e profissional atrelado, afinal, esses idosos não nasceram na cidade, contudo, em dado momento, migraram e constituíram-se como novos sujeitos, em arranjos espaciais completamente distintos de suas origens e se adaptaram, moldando-se a essa nova configuração, mas também moldando-a de acordo com as suas necessidades.

A identidade e o apego ao lugar fortalecem a concepção de *ageing-in-place* (Iecovich, 2014; Lima, 2011; Wiles, Leibing, Guberman, Reeve & Allen, 2011) e combinam com altos níveis de satisfação residencial, refletindo em menor interesse por outros locais e número reduzido de deslocamentos pela população idosa (Fornara & Manca, 2017). Essas questões vão ao encontro da demanda por recursos, ponto bastante citado pela população idosa entrevistada. O estudo de Capone (2001) demonstrou sua relevância novamente nesse sentido, por indicar que a disponibilidade de serviços no entorno da moradia está intimamente relacionada à docilidade ambiental, por ser elemento de suporte aos moradores. Portanto, configura-se como catalisador para tornar o ambiente mais amigável ao envelhecimento.

Considerando o modelo ecológico de envelhecimento proposto por Lawton e Nahemow (1973) e o modelo multidimensional de qualidade de vida (Lawton, 1991), destaca-se que os idosos do AR-1 valorizaram em suas falas as competências comportamentais e suas repercussões para se relacionar com o entorno. Em contraposição, os idosos do AR-2 evidenciaram aspectos do ambiente físico nesse inter-relacionamento. Em ambos os casos, a centralidade da casa foi evidenciada (2003).

Desse modo, quando são analisadas as dimensões geradoras de pressão conforme a subdivisão proposta pelo modelo, o ambiente pessoal surgiu na descrição dos vínculos estabelecidos com outros moradores, familiares e comerciantes, o ambiente grupal foi definido pelo compartilhamento dos espaços, o ambiente suprapessoal se definiu a partir das características dos grupos pesquisados (AR-1 x AR-2; crianças x idosos; baixa renda x alta renda), o ambiente sociocultural envolveu a realidade de cada contexto com suas nuances pautadas na cultura brasiliense mesclada às influências migratórias e o ambiente físico englobou tanto a estrutura de cada local (apartamentos x casas) e sua organização espacial, como os recursos disponíveis. Em suma, foram contempladas as dimensões necessárias para se ter um panorama da congruência pessoa-ambiente nesses contextos.

5.3. ESTUDO 2 – OBJETIVO ESPECÍFICO 3: Propor melhorias nos locais pesquisados sob a ótica dos participantes de modo a potencializar a qualidade de vida dos residentes de cada área

A proposição de melhorias prevista para responder ao terceiro objetivo específico também está associada ao conteúdo das entrevistas. Assim, os locais citados corresponderam aqueles apresentados nas fotografias, sendo oito espaços em cada ambiente residencial pesquisado.

Os participantes entrevistados no AR-1 e AR-2 apresentaram propostas de melhorias similares, mas considerando as especificidades locais, as Tabelas 11 e 12 trazem as descrições das proposições dos moradores (crianças e idosos) conforme os espaços observados em cada uma das fotografias apresentadas durante a entrevista.

Tabela 11 - Propostas de melhorias por fotografia apresentada aos participantes do AR-1

Fotografias	Propostas de Melhorias para a Granja do Torto:
1. PEC	a) construção de cobertura para proteção contra o calor e a chuva nos momentos de uso dos aparelhos de ginástica; b) manutenção do caramanchão para ser utilizado como área de descanso; c) inclusão de brinquedos/parque infantil na área ao lado do PEC para as crianças usarem enquanto os adultos e idosos utilizam os aparelhos de ginástica; d) inclusão de um bebedouro ou estrutura que permita se refrescar após o uso do PEC; e) manutenção do bicicletário e, f) contratação de profissional que possa orientar os moradores quanto ao uso adequado dos aparelhos de ginástica;
2. Estacionamento	a) redução da área de estacionamento para inclusão de infraestrutura que possa ser utilizada pelos moradores (parque infantil, escola/centro de ensino, salão de eventos, supermercado, posto policial, quadra poliesportiva, dentre outros); b) inclusão de sinalização na área de estacionamento, definindo os diferentes tipos de vagas, velocidade permitida, demarcação de área para pedestre e para ciclista; c) manutenção do Parque de Exposições para inclusão dos moradores nas atividades desenvolvidas e, d) promoção de atividades intergeracionais;
3. Escola	a) expansão da escola para inclusão de crianças após o quinto ano do ensino fundamental; b) inclusão de outra entrada em rua paralela para os moradores da Vila Operária; c) manutenção do parque infantil; d) poda das árvores, e) manutenção do campo de futebol localizado atrás da escola que é considerada área ociosa e, f) promoção de atividades e cursos que possam incluir os moradores da área;
4. Praça	a) inclusão de bancos ao redor do parque infantil; b) plantação de árvores para aumento da área sombreada; c) manutenção dos bancos, das mesas, dos brinquedos do parque infantil e do bicicletário e, d) manutenção da área de acesso à praça, devido à precariedade das calçadas;
5. Igreja	a) redução da área de estacionamento para ampliação da praça e, b) manutenção da fonte de água em frente à igreja;
6. Comércio	a) manutenção das calçadas; b) pintura dos quebra-molas nas ruas para facilitar sua visualização; c) manutenção das fachadas dos prédios; d) deslocamento da rotatória em frente à oficina mecânica para facilitar o tráfego; e) aumento das opções de comércio e demais serviços e, f) inclusão de sinalização sobre limite de velocidade dos carros;
7. Quadra	a) inclusão de bancos ao redor da quadra; b) manutenção das grades e piso da quadra; c) inclusão de postes de iluminação na área e, d) promoção de atividades intergeracionais;
8. Ruas/Calçadas	a) manutenção das calçadas; b) pintura dos quebra-molas para facilitar a visualização de motoristas e pedestres e, c) inclusão de sinalização sobre limite de velocidade dos carros.

No AR-2, o número de propostas foi mais reduzido, pois várias demandas têm sido encaminhadas pela prefeitura comunitária local e pelos síndicos dos blocos de apartamentos da Superquadra. Apesar de também haver prefeitura comunitária no AR-1, não há contribuição financeira mensal regular, como ocorre no AR-2, o que dificulta o investimento na manutenção e melhoria dos espaços.

Tabela 12 - Propostas de melhorias por fotografia apresentada aos participantes do AR-2

Fotografias	Propostas de Melhorias para as quadras SQN 115 e 315 (Asa Norte):
1. Térreo dos Blocos	a) inclusão de bancos, por não ser algo presente em todos os blocos de apartamentos; b) inclusão de estrutura para as crianças brincarem; c) manutenção dos jardins no entorno dos blocos; d) redução das restrições de uso desse espaço (em alguns é proibido o uso de bicicleta, patins e skate, por exemplo) e, e) construção de espaço para reuniões e confraternizações (também é algo presente em alguns blocos);
2. Praça	a) manutenção da área de acesso à praça; b) poda das árvores; c) promoção de atividades intergeracionais e eventos como o Natal promovido durante alguns anos que envolvia os moradores na decoração da área e, d) manutenção das mesas e bancos;
3. Quadra	a) inclusão de bebedouro ao lado da quadra ou estrutura que permita aos usuários se refrescar e, b) manutenção do calçamento no entorno da quadra e dos bancos;
4. Percurso entre blocos	a) manutenção da área de circulação, pois muitos blocos de concreto encontram-se levantados pelas raízes das árvores; b) poda das árvores, principalmente aquelas que despejam frutos na área de circulação e tornam o local escorregadio; c) inclusão de postes de iluminação; d) manutenção dos aparelhos de ginástica e da quadra localizada entre a área de circulação e o bloco residencial, pois se encontra ocioso e, e) inclusão de mecanismos que possam aumentar a percepção de segurança local, principalmente no período noturno;
5. Escola	a) manutenção da área de circulação no entorno da escola; b) promoção de atividades e cursos que possam incluir os moradores da área; c) inclusão de brinquedos na área interna da escola para crianças dos quarto e quinto anos e, d) inclusão de campo ou quadra em frente à escola para uso dos alunos nos intervalos das aulas;
6. Gramado entrequadras	a) inclusão de uma área com aparelhos de ginástica (PEC) para uso dos moradores de ambas as Superquadras; b) inclusão de infraestrutura que possa ser utilizada pelos moradores (praça, clube, centro de ensino, dentre outros) e, c) promoção de atividades intergeracionais;
7. Parque infantil	a) inclusão de brinquedos para uso de um maior número de crianças e, b) manutenção da área no entorno do parquinho;

8. Percurso entre blocos e igreja	a) manutenção da área de circulação; b) poda das árvores; c) inclusão de postes para melhoria da iluminação e, d) manutenção ou deslocamento do parque infantil localizado entre a área de circulação e o bloco residencial, percebido como ocioso pelos moradores.
-----------------------------------	---

Lawton e Simon (1968) já afirmavam que as pessoas tomam consciência do ambiente à medida que a pressão instaura a necessidade de ajuste e adaptação. Esse ajuste se dá em consonância com os níveis de manutenção e suporte às demandas pessoais (Oswald, Wahl, Martin & Mollenkopf, 2003). A eliminação de obstáculos e barreiras do ambiente físico promovem acessibilidade e mobilidade e permitem a atuação dos indivíduos dentro de sua zona ideal de desempenho (Silva & Elali, 2015). Essas referências dialogam com as demandas e proposições mencionadas pelos participantes do estudo.

As demandas por melhorias nas áreas de circulação e manutenção das calçadas, poda de árvores e pintura de quebra-molas, por exemplo, podem trazer efeitos similares aos discutidos por Weenberg, Hyden e Stahl (2010) em sua pesquisa sobre retirada de barreiras físicas de espaços públicos, otimizando o uso e a mobilidade dos idosos. A pavimentação das calçadas também é referenciada como facilitadora do caminhar por Wang e Lee (2010), bem como o cuidado com a arborização e a estética local por serem potencializadores de bem-estar e possibilitadores de restauro (Wells & Rollings, 2012). Outras demandas como a promoção de atividades, a inclusão de espaços públicos de lazer e a necessidade de manutenção desses espaços são indicadas por Spencer e Wooley (2000) em levantamento realizado na Finlândia, Suécia e Itália.

A agenda que versa sobre as “*Age and Child Friendly Cities*”, pautada nas mudanças sociodemográficas da atualidade, permite tecer aproximações com os resultados desse estudo e direcionar reflexões acerca da necessidade de processos de planejamento participativo (Hart, 1979) com interlocutores de distintos setores (agentes públicos, membros da sociedade civil e colaboradores financeiros), na busca por referenciais para ações eficazes no contexto urbano. A concepção de cidades amigáveis entrelaçada às diretrizes do desenho universal pode ser um caminho a ser fortalecido para se criar estratégias de redução de elementos que geram pressão ambiental e fortalecimento de mecanismos de suporte, estimulação e manutenção, voltados para os distintos níveis de adaptação em que se enquadram as competências individuais dos cidadãos (Bernardi & Kowaltowski, 2005; Dorneles & Ely, 2012; Leite, 2016; Mustaquim, 2015).

Do ponto de vista teórico, poucos estudos têm explorado o envelhecimento tendo como base um modelo ecológico (Amâncio, 2018) e dentro das ideias concebidas por Lawton e colaboradores, poucos têm se dedicado a um aprofundamento que permita a utilização de suas hipóteses em um contexto mais amplo (Günther & Elali, 2018), o que vai em direção oposta a uma perspectiva transacional defendida pelos estudos pessoa-ambiente e pelas próprias discussões dialógicas em psicologia do desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre psicologia ambiental e psicologia do desenvolvimento tem se mostrado bastante frutífero, tendo contribuído mais uma vez para a compreensão de aspectos da relação pessoa-ambiente, considerando-se o modelo ecológico de envelhecimento proposto por Lawton e colaboradores na década de 70. Os desdobramentos de sua proposta teórica citados por Kahana, Moos e Lemke, Rowles, Oswald e Hunter, Schooler e Carp e Carp reafirmam os componentes do modelo pressão-competência, com renomeações que incluem congruência e estresse, nomenclaturas que em suas definições remetem às ideias iniciais do modelo de Lawton e colaboradores, direcionando nosso posicionamento teórico para a manutenção das dimensões humano-ambientais defendidas por esse grupo.

Os elementos envoltos nas avaliações dos ambientes residenciais identificados por esse estudo, permite-nos considerar que, assim como o processo geral de adaptação descrito por Baltes, reconhecido hoje como aplicável ao curso de vida da infância à velhice, as hipóteses de docilidade e proatividade ambiental, também podem ser ampliadas para se pensar como os processos de seleção, otimização e compensação operam em distintos períodos do desenvolvimento humano. Ao invés de pensar em um envelhecimento bem-sucedido, as perspectivas contemporâneas propõem a ideia de um desenvolvimento bem-sucedido, tendo em vista, as especificidades de cada período, contudo, permitindo afirmar que as alterações desenvolvimentais não cessam na infância ou na adolescência, mas se estendem até o fim da vida.

Onde em nós a casa mora? Os resultados desse estudo, fundamentados em sua transversalidade, relevam que a casa reside nas relações e vivências diárias, na historicidade local, nas *affordances* percebidas e nos recursos destinados ao lazer, à interação social, à segurança e à oferta de suprimentos. Facilitadores e barreiras se intercalam nesses cotidianos, exigindo usos alternativos dos espaços e modificações de cenários a fim de torná-los mais amigáveis. As crianças e os idosos participantes mostraram que, apesar de se encontrarem em

momentos distintos de desenvolvimento, compartilham da busca por independência e autonomia no uso dos espaços, em graus variados, de acordo com as suas habilidades para lidar com as situações.

As observações e entrevistas realizadas consentiram um mergulho sobre a realidade de cada local, com o resgate de informações que se entremeiam. Ainda assim, algumas limitações podem ser identificadas, com o intuito de contribuir para estudos futuros que visem explorar essa temática em diferentes contextos. A estratégia de recrutamento das crianças por meio das escolas localizadas em cada ambiente residencial estudado mostrou-se ineficaz no AR-2, estendendo o período de coleta de dados e compondo um grupo de participantes que apresentou poucas vivências associadas ao local de pesquisa. Além disso, a realização das entrevistas no ambiente escolar restringiu o tempo de contato com as crianças que necessitavam retornar para a sala de aula em tempo hábil a fim de não prejudicar o acompanhamento das atividades. A quantidade inicialmente prevista de participantes (n=120) também não foi alcançada. No caso das crianças, nem todos os pais e/ou responsáveis retornaram o TCLE assinado autorizando a entrevista e, no caso do AR-1, a quantidade de crianças na faixa etária escolhida era pequena e as das demais turmas estavam envolvidas em outro estudo em andamento. Sobre os idosos, alguns foram recrutados a partir de convite durante atividades que ocorriam no local e pela própria indicação entre eles, porém, nem todos os indicados se mostraram disponíveis. O número de participantes envolvidos não despontou como fator de relevante prejuízo para a análise dos dados, mas é importante salientar que outras formas de recrutamento podem ser pensadas para o engajamento desse grupo, principalmente no que tange ao público masculino, bastante reduzido entre a população idosa incluída na pesquisa.

Estudos futuros podem ainda incluir outros tipos de comportamentos ao observar sistematicamente o cotidiano de contextos residenciais. As categorias presentes no roteiro de observação utilizado nessa proposta, podem ser ampliadas de maneira a abarcar a conversa, o uso do comércio e de equipamentos tecnológicos, e diferentes tipos de brincadeiras e/ou exercícios físicas, de acordo com o público de abrangência.

As proposições apresentadas pelos moradores para melhoria das áreas de estudo mostram a faceta prática que a pesquisa no campo da psicologia ambiental pode sustentar, conduzindo as informações a agentes sociais interessados em processos de planejamento participativo pautados no levantamento de necessidades locais. O papel das prefeituras comunitárias, por exemplo, se mostrou essencial para o encaminhamento de demandas dos

moradores à administração de Brasília e aos demais órgãos competentes, contudo, o engajamento comunitário também é fonte de fortalecimento para concretização de mudanças. Os trabalhos desenvolvidos pelas prefeituras comunitárias ainda são isolados, pois não estão presentes em todas as localidades, mas surgem como alternativa para se pensar em estratégias interventivas reguladas pelas comunidades e mediadas por especialistas, englobando características do planejamento urbano, vínculos sociais, disponibilidade e qualidade dos serviços e possibilidades de uso locais, sobremaneira para elevar os níveis de satisfação residencial e promover o desenvolvimento no próprio ambiente residencial, sem a necessidade de maiores deslocamentos e aumento de males urbanos, como o estresse.

Portanto, o caráter desafiador contido nos resultados e na discussão dos dados dessa pesquisa, tem como propósito instigar novos olhares sobre as perspectivas de desenvolvimento humano e dos estudos pessoa-ambiente, na tentativa de preencher lacunas teóricas e metodológicas ainda presentes. Possíveis desdobramentos oriundos da tese podem colaborar no enfrentamento das mudanças sociodemográficas vigentes e subsidiar atualizações de diretrizes das agendas da OMS e da UNICEF no que concerne às discussões sobre cidades amigáveis e a agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) que versa sobre os objetivos de desenvolvimento sustentável, incluindo entre eles a garantia de promoção a cidades sustentáveis, tendo como base vários dos fatores mencionados ao longo desse estudo.

Em suma, os objetivos propostos foram alcançados e permitiram a ampliação das hipóteses de docilidade e proatividade ambiental para além do campo do envelhecimento. Os resultados apresentados dialogam com a literatura e com a realidade de cada local, o que nos permite a proposição de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, D. S. & Higuchi, M. I. G. (2015). Implicações socioafetivas do jovem com o local de moradia. In F. V. Machado, G. M. Massola, & M. A. T. Ribeiro (Orgs.). *Estado, Ambiente e Movimentos Sociais* (pp. 264-283). Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora, Edições do Bosque CFH/UFSC.
- Algase, D. L., Beattie, E. R. A., Antonakos, C., Beel-Bates, C. A., & Yao, L. (2010). Wandering and the physical environment. *American Journal of Alzheimer's Disease & Other Dementias*, 25(4), 340-346. doi: 10.1177/1533317510365342
- Amâncio, D. A. R. (2018). Docilidade Ambiental: Espaços de convivência na promoção de qualidade de vida de idosos. Manaus. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas.
- Amérigo, M. (2002). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Org.). *Psicologia Ambiental* (pp. 173-193). Madrid: Ediciones Pirámide.
- Aragonés, J. I., Amérigo, M. & Pérez-López, R. (2017). Residential Satisfaction and Quality of Life. In G. Fleury-Bahi, E. Pol & O. Navarro (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research* (pp. 311-328). Switzerland: Springer. DOI: 10.1007/978-3-319-31416-7
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626.
- Batistoni, S. S. T. (2014). Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 17(3), 647-657. doi:10.1590/1809-9823.2014.13088
- Ben-Arieh, A. (2005). Where are the children? Children's role in measuring and monitoring their well-being. *Social Indicators Research*, 74, 573-596. DOI: 10.1007/s11205-004-4645-6
- Bernardi, N., & Kowaltowski, D. C. C. K. (2005). Reflexões sobre a aplicação dos conceitos de desenho universal no processo de projeto de arquitetura. *Anais do Encontro Nacional e Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído (ENCAC/ELACAC)*, Maceió, AL. Disponível em: <<http://www.dkowaltowski.net/991.pdf>>.

- Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e Afetividade: Estima e Construção de Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC.
- Bonaiuto, M., Bonnes, M. & Continisio, M. (2004). Neighborhood evaluation within a multiplace perspective on urban activities. *Environment & Behavior*, 36, 41-69. DOI: 10.1177/0013916503251444
- Bonaiuto, M. & Alves, S. (2012). Residential places and neighbourhoods: Toward healthy life, social integration, and reputable residence. In S. D. Clayton (Ed.). *The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology* (pp. 221-247). Oxford: University Press. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199733026.013.0013
- Brasil (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico do Brasil. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/panorama> >
- Bristol, K. G. (1991). The Pruitt-Igoe Myth. *The Journal of Architectural Education*, 44(3), 163-171. DOI: 10.1080/10464883.1991.11102687
- Broberg, A., Kytta, M. & Fagerholm, N. (2013). Child-friendly urban structures: Bullerby revisited. *Journal of Environmental Psychology*, 35, 110-120. DOI: 10.1016/j.jenvp.2013.06.001
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.). *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Capone, V. C. (2001). Satisfação de idosos em ambientes de vizinhança de duas regiões do Distrito Federal. Brasília. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- Carp, F. M. (1976). User Evaluation of Housing for the Elderly. *The Gerontologist*, 16(2), 102-111. DOI: 10.1093/geront/16.2.102
- Carp, F. M. & Carp, A. A. (1984). A complementary/congruence model of well-being or mental health for the community elderly. In I. Altman, M. P. Lawton & J. F. Wohwill (Eds.) *Elderly People and Environment (Human Behavior and Environment)* (pp. 279-336). Boston, MA: Springer

- Cartier, R., Barcellos, C., Hubner, C. & Porto, M. F. (2009). Vulnerabilidade socioambiental e risco ambiental: uma abordagem metodológica para avaliação de injustiça ambiental. *Cad. Saúde Pública*, 25(12), 2695-2704.
- Christensen, D. L., Carp, F. M., Cranz, G. L., & Wiley, J. A. (1992). Objective housing indicators as predictors of the subjective evaluations of elderly residents. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 225-236.
- Depeau, S. (2017). Children in cities: The delicate issue of well-being and quality of urban life. In G. Fleury-Bahi, E. Pol & O. Navarro (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research* (pp. 345-368). Switzerland: Springer. DOI: 10.1007/978-3-319-31416-7
- Dorneles, V. G. & Ely, V. H. M. B. (2012). Estratégias de ensino de desenho universal: uma experiência didática no curso de arquitetura da UFSC. *Ação Ergonômica*, 7(3), 18-33.
- Elali, G. A. (2006). Uma contribuição da psicologia ambiental à discussão de aspectos comportamentais da avaliação pós-ocupação. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, 20, 158-169. ISSN 2317-2762
- Elali, G. A. & Pinheiro, J. Q. (2013). Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. In S. B. Villa & S. W. Ornstein (Orgs.). *Qualidade Ambiental na Habitação: Avaliação Pós-Ocupação* (pp. 15-35). São Paulo: Oficina de textos. ISBN: 978-85-7975-076-2
- Felippe, M. L. (2009). Ambiente Pessoal: o papel da personalização na construção de espaços saudáveis. In A. Kuhnen, R. M. Cruz, & E. Takase (Orgs.). *Interações Pessoa-Ambiente e Saúde* (pp. 117-136). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, O. S. & Elali, G. A. (2008). Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: o que aprendemos observando as atividades das crianças. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 41-52. ISSN: 1982-4327
- Fischer, G. (s.d.). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fitzgerald, K. G. & Caro, F. G. (2014). An overview of Age-Friendly Cities and Communities around the world. *Journal of Aging & Social Policy*, 26(1-2), 1-18. DOI: 10.1080/08959420.2014.860786

- Fornara, F., Bonaiuto, M. & Bonnes, M. (2010). Cross-validation of abbreviated perceived residential environmental quality (PREQ) and neighborhood attachment (NA) indicators. *Environment and Behavior*, 42(2), 171-196. DOI: 10.1177/0013916508330998
- Fornara, F. & Manca, S. (2017). Healthy Environments for the Elderly. G. Fleury-Bahi, E. Pol & O. Navarro (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research* (pp. 441-468). Switzerland: Springer. DOI: 10.1007/978-3-319-31416-7
- Freitas, E. R., Barbosa, A. J. G., Scoralick-Lempke, N., Magalhães, N. C., Vaz, A. F. C., Daret, C. N., Perez, F. S. & Carvalho, M. F. (2013). Tarefas de desenvolvimento e história de vida de idosos: Análise da perspectiva de Havighurst. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 809-819.
- García-Míra, R. (1997). *La ciudad percebida: una psicología ambiental de los barrios de La Coruña*. Universidad de La Coruña.
- Gatersleben, B. & Griffin, I. (2017). Environmental Stress. In G. Fleury-Bahi, E. Pol & O. Navarro (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research* (pp. 469-485). Switzerland: Springer. DOI: 10.1007/978-3-319-31416-7
- Gibson, J. J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. New York and London: Taylor and Francis Group.
- Gifford, R. (2002). *Environmental Psychology: Principles and practices*. 3rd ed. Colville, WA: Optimal Books.
- Gitlin, L. N. (2003). Conducting research on home environments: Lessons learned and new directions. *The Gerontologist*, 43(5), 628-637. DOI: 10.1093/geront/43.5.628
- Günther, H. & Rozestraten, R. J. A. (2005). *Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino* (Série: Textos de Psicologia Ambiental n° 10). Brasília, DF: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia Ambiental.
- Günther, H., Elali, G.A., & Pinheiro, J.Q. (2008). A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In J.Q. Pinheiro & H. Günther (Org.) *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 369-396). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Günther, H. (2011). Affordance. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 21-27). Petrópolis: Vozes.
- Günther, I. A. & Elali, G. A. (2018). Docilidade Ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 47-59). Petrópolis: Vozes.
- Günther, I. A. & Fragelli, T. B. O. (2011). Estresse Ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 191-197). Petrópolis: Vozes.
- Günther, I. A. (2011). Pressão Ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 290-295). Petrópolis: Vozes.
- Hart, R. (1979). *Children's Experience of Place*. New York: Irvington Publishers, Inc. ISBN: 0-470-99190-9
- Havighurst, R. J. (1956). Research on the developmental-task concept. *The School Review*, 64(5), 215-223.
- Hauge, A. L. (2007). Identity and Place: A critical comparison of three identity theories. *Architectural Science Review*, 50, 44-51. DOI:10.3763/asre.2007.5007
- Higuchi, M. I. G. (2003). A socialidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. *Revista de Ciências Humanas*, 33, 49-70.
- Iecovich, E. (2014). Aging in place: From theory to practice. *Antropological Notebooks*, 20(1), 21-33.
- IPHAN (2015). *Superquadra de Brasília: preservando um lugar de viver*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência do IPHAN no Distrito Federal. Organização e Coordenação de Carlos Madson Reis, Sandra Bernardes Ribeiro e Francisco Ricardo Costa Pinto – Brasília, DF.
- Kahana, E. (1982). A congruence model of person-environment interaction. In M. P. Lawton, P. G. Windley, & T. O. Byerts (Eds.). *Aging and the environment: Theoretical approaches* (pp. 97-121), New York: Springer.

- Kahana, E., Lovegreen, L., Kahana, B. & Kahana, M. Person, Environment, and Person-Environment fit as influences on residential satisfaction of elders. *Environment and Behavior*, 35(3), 434-453. DOI: 10.1177/0013916503251447
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. New York: Cambridge University.
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (2011). Well-being, Reasonbleness and the natural environments. *Applied Psychology: Health and well-being*, 3(3), 304-321. DOI: 10.1111/j.1758-0854.2011.0105.xj
- Klein, C. (2016). Experiências afetivas urbanas: a relação dos habitantes com sua praça central. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Santa Catarina, Florianópolis – SC.
- Korpela, K. (2002). Children's Environment. In R. B. Betchel, & A. Churchman. *Handbook of Environmental Psychology*. (p. 363-373). John Wiley & Sons Inc. New York. ISBN: 0-471-40594-9
- Kytta, M. (2004). The extent of children's independent mobility and the number of the actualized affordances as criteria for child-friendly environments. *Journal of Environmental Psychology*, 24(2), 179-198. DOI: 10.1016/S0272-4944(03)00073-2
- La Taille, Y., Oliveira, M. K. & Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Lawrence, R. J. (2002). Healthy Residential Environments. In R. B. Betchel, & A. Churchman. *Handbook of Environmental Psychology*, (pp. 394-412). John Wiley & Sons Inc. New York. ISBN: 0-471-40594-9
- Lawton, M. P., & Simon, B. (1968). The ecology of social relationships in housing of the elderly. *The Gerontologist*, 108-115.
- Lawton, M.P., & Brody, E.M. (1969). Assessment of older people: Self-maintaining and instrumental activities of daily living. *The Gerontologist*, 9(3), 179-186.
- Lawton, M. P. & Nahemov, L. (1973). Ecology and the aging process. In C. Eisdorfer, & M. P. Lawton (Eds.). *The psychology of adult development and aging* (pp. 619-674). Washington, DC: American Psychological Association.

- Lawton, M. P. (1985). The elderly in context: Perspectives from Environmental Psychology and Gerontology. *Environment and Behavior*, 17, 501-519. DOI: 10.1177/0013916585174005
- Lawton, M. P. (1986). *Environment and Aging*. Center for Study of Aging, Albany, New York. ISBN: 0-937829-00-5
- Lawton, M. P. (1991). A multidimensional view of quality of life in frail elders. Em J. E. Birren, J. E. Lubben, J. C. Rowe, & D. E. Deutchman (Eds.). *The concept and measurement of quality of life in the frail elderly* (pp. 3-27), New York: Academic Press.
- Leite, M. A. L. (2016). A NBR 9050 e o Design Universal: um estudo sobre o banheiro. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN.
- Lemos, J. A. (2010). Vivendo a transição do ambiente de moradia: um estudo com moradores do Parque Residencial Manaus – PROSAMIM. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM.
- Leventhal, T. & Brooks-Gunn, J. (2000). The neighborhoods they live in: The effects of neighborhood residence upon child and adolescent outcomes. *Psychological Bulletin*, 126, 309-337. DOI: 10.1037/0033-2909.126.2.309
- Lewin, K. (1951). *Field theory in social science*. New York: Harper & Row.
- Lewicka, M. (2011). Place attachment: How far we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207-230. DOI: 10.1016/j.jenvp.2010.10.001
- Liberalino, C. C. (2011). Praça: Lugar de Lazer – relações entre características ambientais e comportamentais na Praça Kalina Maia – Natal, RS. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN.
- Lima, A. B. R. (2011). Ambiente Residencial e Envelhecimento Ativo: Estudos sobre a relação entre bem-estar, relações sociais e lugar na terceira idade. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília – DF.

- Lopes, J. J. M. & Fichtner, B. (2017). O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Martha Muchow às crianças e suas espacialidades. *Rev. Educ. Públ.*, 26(63), 755-774.
- Lopez, M., Felipe, M. L., & Kuhnen, A. Lugares favoritos no envelhecimento: Explorando estudos e conceitos. *Psicologia Argumento*, 30(71), 639-649. ISSN 0103-7013
- Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. A., Alves, S. M., & Nóbrega, T. S. (2008). O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 441-449. DOI: 10.1590/S1413-294X2003000200012
- Machado, Y., Schubert, P. M. P., Albuquerque, D. S. & Kuhnen, A. (2016). Brincadeiras Infantis e Natureza: Investigação da interação criança-natureza em parques verdes urbanos. *Temas em Psicologia*, 24(2), 655-667. DOI: 109788/TP2016.2-14Pt
- Maddox, G. L. (2001). Housing and Living Arrangements: a transactional perspective. In R. H. Binstock, & L. K. George (Eds). *Handbook of Aging and the Social Sciences* (pp. 426-443). Fifth Edition. Academic Press.
- Migliorini, L. & Cardinali, P. (2011). Children in the neighborhood: Sense of safety and well-being. In M. Bonaiuto, M. Bonnes, A. M. Nenci, & G. Carrus (Eds.). *Urban Diversities – Environmental and Social Issues* (pp. 215-225). Advances in People Environment Studies. Volume 2 (IAPS), Ed. Hogrefe.
- Mey, G. & Günther, H. (2015). The life space of the urban child: Perspectives on Martha Muchow's classic study. Transaction Publishers, New Brunswick, New Jersey.
- Milgram, S. (1970). The experience of living in cities: Adaptations to urban overload create characteristic qualities of city life that can be measured. *Science*, 167, 1461-1468.
- Moore, K. D., VanHaitsma, K., Curyto, K., & Saperstein A. (2003). A pragmatic environmental psychology: A metatheoretical inquiry into the work of M. Powell Lawton. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 471-482. DOI:10.1016/S0272-4944(02)00116-0
- Moore, K. D. (2005). Using place rules and affect to understand environmental fit: A theoretical exploration. *Environment & Behavior*, 37(3), 330-363. DOI: 101177/0013916504272657

- Moos, R. H., & Lemke, S. (1984). Supportive residential settings for older people. Em I. Altman, M. P. Lawton, & J. F. Wohlwill (Eds.). *Elderly people and the environment* (pp. 159-188), New York: Plenum.
- Moser, G. (2009). *Psychologie environnementale. Les relations homme-environnement*. Bruxelles: De Boeck, Collection.
- Mustaquim, M. M. (2015). A study of Universal Design in everyday life of elderly adults. *Procedia Computer Science*, 67, 57-66. DOI: 10.1016/j.procs.2015.09.249
- Nascimento, D. M. & Tostes, S. P. (2011). Programa Minha Casa Minha Vida: a (mesma) política habitacional no Brasil. *Arquitextos*, 12(133.03), Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3936>>.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14, 17-34. ISSN 1413-389X
- Newman, O. (1972). *Defensible space*. New York: Macmillan.
- Newman, O. Defensible Space: A new physical planning tool for urban revitalization. *Journal of the American Planning Association*, 61(2), 149-155. DOI: 10.1080/01944369508975629
- Oswald, F., Wahl, H., Martin, M. & Mollenkopf, H. (2003). Toward measuring proactivity in person-environment transactions in late adulthood: The housing-related control beliefs questionnaire. In R. J. Scheidt & P. G. Windley (Eds.). *Physical environments and aging: Critical contributions of M. Powell Lawton to the theory and practice* (pp. 135-152). The Haworth Press, Inc.
- Perlaviciute, G. & Steg, L. (2012). Calidad de vida en entornos residenciales. *Psychology*, 3(3), 271-286. ISSN: 2171-1976.
- Pinheiro, J. Q., Elali, G. A. & Fernandes, O. S. (2008). Observando a interação pessoa-ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In J.Q. Pinheiro & H. Günther (Org.) *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinheiro, J. Q. (2011). Behavior Setting. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 83-97). Petrópolis: Vozes.

- Polonia, A. C., Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2008). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (orgs.) *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K. & Kaminoff, R. (1983). Place identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57-83.
- Rabinovich, E. P. (1992). A casa dos sem-casa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 12(3-4), 16-23. DOI: 10.1590/S1414-98931992000300004
- Rabinovich, E. P. (1994). Ensaio psicossociológico das relações entre a prática-teoria no lócus da moradia: arrumação e organização tempo-espaial. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.*, IV(2), 18-24.
- Rabinovich, E. P. (1998). Modos de morar no Brasil e contexto de desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, 6(2), 105-115.
- Ramírez, B. F. (2002). El medio urbano. In J. I. Aragonés & M. Américo (Coords.). *Psicología Ambiental* (pp. 259-280). Madri: Ediciones Pirámide.
- Ríos, M. L. & Moreno-Jímenez, M. P. (2012). Identidad con el lugar y satisfacción residencial: diferencias en población autóctona e inmigrante. *Psyecology*, 3, 15-26. ISSN: 2171-1976.
- Rivlin, L. G. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 215-220.
- Robba, F. & Macedo, S. S. (2003). *Praças Brasileiras*. São Paulo: EDUSP.
- Rowe, J. & Kahn, R. (1997). Successful aging. *The Gerontologist*, 37(4), 433-440.
- Rowles, G. D., Oswald, F. & Hunter, E. G. (2004). Interior living environment in old age. In H. W. Wahl, R. Scheidt & P. G. Windley (Eds.) *Aging in context: sociophysical environments (Annual Review of Gerontological and Geriatrics)* (pp. 167-193). New York: Springer.

- Saegert, S. (1985). The role of housing in the experience of dwelling. In I. Altman, & C. M. Werner (Eds.). *Home environments* (pp. 287-309). London: Plenum.
- Scannell, L. & Gifford, R. (2010). Defining Place Attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology, 30*, 1-10.
DOI: 10.1016/j.jenvp.2009.09.006
- Schooler, K. K. (1975). Response of the elderly to environment: a stress-theoretical perspective. In P. G. Windley, T. O. Byerts & F. G. Ernst (Eds.). *Theory development in environment and aging*. Washington: The Gerontological Society.
- Scopelliti, M. & Giuliani, M. V. (2004). Choosing restorative environments across the lifespan: A matter of place experience. *Journal of Environmental Psychology, 24*, 423-427. DOI: 10.1016/j.jenvp.2004.11.002
- Silva, E. A. R., & Elali, G. A. (2015). O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10*(2), 382-396.
- Silva, I. R. & Günther, I. A. (2000). Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 31-40. DOI: 10.1590/S0102-37722000000100005
- Simmel, G. (1967). A metrópole e a vida mental. In G. O. Velho (Org.). *O fenômeno urbano* (pp.10-24). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Sixsmith, J. A. (1986). The meaning of home: An exploratory study of environmental experience. *Journal of Environmental Psychology, 6*, 281-298.
- Smith, S. G. (1994). The essential quality of a home. *Journal of Environmental Psychology, 14*, 31- 46.
- Spencer, C. P. & Wooley, H. (2000). Children and the city: A summary of recent environmental psychology research. *Child Care Health and Development, 26*(3), 181-197. DOI: 10.1046/j.1365-2214.2000.00125.x
- Tomasini, S. L. V., & Alves, S. (2007). Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. *RBCEH, 4*(1), 88-102.

- Torres, A. L. L., & Elali, G. A. (2015). Docilidade Ambiental para idosos: condição de qualidade de vida para todos. *Cadernos PROARQ*, 24, 174-188. ISSN: 1679-7604
- Torres, A. L. L. (2015). O papel do ambiente residencial na qualidade de vida de idosos: um estudo exploratório em Cabedelo, Paraíba. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN.
- Valentine, G. (2004). 'I can handle it': Children and Competence. In G. Valentine. *Public Space and the Culture of Childhood* (pp. 53-68). Ashgate.
- VanderPas S., Schaap, L.A., Castell, M.V., Cooper, C., Denkinger, M., Edwards, M.H., Herbolzheimer, F., Maggi, S., Sánchez-Martinez, M., Pedersen, N.L., Peter, R., Zambon, S., Wieggersma, S. B., Dekker, J., Dennison, E. M., & Deeg, D. J. H. (2016). Availability and use of neighborhood resources by older people with osteoarthritis: Results from the European Project on OsteoArthritis. *Health & Place*, 37, 1-7. DOI: 10.1016/j.healthplace.2015.10.006
- Van Leuwen, K. M., Malley, J., Bosmans, J. E., Jansen, A. P. D., Ostelo, R. W., Van Der Horst, H. E., & Netten, A. (2014). What can local authorities do to improve the social care-related quality of life of older people adults living at home? Evidence from the Adult Social Care Survey. *Health & Place*, 29, 104-113. DOI: 10.1016/j.healthplace.2014.06.004
- Vidal, T., Pol, E., Guàrdia, J. & Però, M. (2004). Um modelo de apropiación del espacio mediante acuaciones estructurales. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 1y2(5), 27-52.
- Wahl, H. W., Iwarsson, S. & Oswald, F. (2012). Aging well and the environment: Toward an integrative model and research agenda for the future. *The Gerontologist*, 52(3), 306-316. DOI: 10.1093/geront/gnr154
- Wang, Z., & Lee, C. (2010). Site and neighborhood environments for walking among older adults. *Health & Place*, 16, 1268-1279. DOI:10.1016/j.healthplace.2010.08.015
- Weenberg, H., Hyden C., & Stahl A. (2010). Barrier-free outdoor environments: Older people's perceptions before and after implementation of legislative directives. *Transport Policy*, 17, 464-474. DOI:10.1016/j.tranpol.2010.04.013

- Wells, N. M. & Rollings, K. A. (2012). The Natural Environment in Residential Settings: Influences on Human Health and Function. In S. D. Clayton (Ed.). *The Oxford Handbook of Environmental and Conservation Psychology* (pp. 611-628). Oxford University Press. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199733026.013.0027
- Wicker, A. W. (2002). Ecological psychology: Historical contexts, current conception, prospective directions. In R. B. Betchel, & A. Churchman. *Handbook of Environmental Psychology*. (p. 114-126). John Wiley & Sons Inc. New York. ISBN: 0-471-40594-9
- Wiles, J. L., Leibing, A., Guberman, N., Reeve, J., & Allen, R. E. S. (2011). The meaning of “Ageing in Place” to older people. *The Gerontologist*, 1-10. DOI: 10.1093/geront/gnr098
- Wirth, L. (1967). O urbanismo como modo de vida. In G. O. Velho (Org.). *O fenômeno urbano* (pp.89-112). Rio de Janeiro: Guanabara.

APÊNDICE A

TRECHOS DE ENTREVISTAS REPRESENTATIVOS DAS CATEGORIAS IDENTIFICADAS

1. CRIANÇAS – AR-1

a) Affordances:

“Dá para brincar de pique_esconde de starwars, tipo, é só você procurar um lugar desses aqui para ser uma nave”

“Eu acho que dá para brincar de pique_esconde, pique_pegá dá para correr”

“Dá para correr bastante brincar andar de bicicleta por causa que aqui é um espaço bem aberto e não tem nada impedindo”

“Já andei de bicicleta aqui, fiquei andando de bicicleta. Eu acho que dá para todo mundo usar, dá para os adultos correrem também, fazer caminhada”

“dá para correr brincar pular dá para brincar de pique_pegá estrelinha pique_esconde não pique_esconde não dá porque não tem lugar para esconder dava para brincar de pique_pegá pique_esconde pique_cola”

“Na escola dá para brincar lancha estudar um monte de coisa dá para brincar de pique_pegá é coelhinho sai da toca um monte de coisa sim”

“Aqui [na praça] as pessoas podem jogar pingue_pongue podem sentar aqui para conversar e uma pessoa aqui falando para elas pode estacionar a bicicleta e deixar ela trancada aqui ir para a igreja pode sentar aqui no banco”

“O que não pode fazer aqui na igreja é fazer coisa errada também não pode vir sem camisa, não pode vir descalço”

“As pessoas podem orar pedir para Deus não deixar nada de ruim acontecer com elas, dá para orar e se confessar para o padre e só, aqui é o estacionamento dá para os carros se estacionar”

“Eu venho comprar coisas e só, as pessoas estacionam carros andam de carros e elas também podem comprar coisas [nos mercados]”

“Aqui dá para passear colocar o cachorro para brincar por aí soltar um pouco dá para correr não é perigoso correr só aqui na passarela esse lugar não é bom para brincar só para passear, se tiver uma corda dá para pular mas outra coisa não dá só de pular corda”

“Aqui é a quadra aqui tem um monte de casas aqui pode jogar futebol jogar basquete”

“Dá para morar aqui brincar é dá para brincar de pique_pegá essas coisas, dá para andar de bicicleta aqui na rua na calçada é ruim porque tem mato”

b) Obstáculos e Alterações:

“Esse [aparelho] aqui eu não consigo pegar no negócio porque é muito alto e nesse aqui que é o grande, no pequeno eu consigo, no grande eu não consigo porque meu braço não vai até lá em cima, só isso, os adultos conseguem. Eu não mudaria nada aqui porque eu acho que está bom. Para melhorar eu acho que esse [aparelho] podia ficar um pouquinho baixo e esse também para eu conseguir fazer”

“Eu ia colocar muitos brinquedos aqui [no estacionamento] tirar isso aqui e colocar muitos brinquedos aqui é o gramado eu ia molhar ele todo para ficar verde”

“Eu colocaria mais árvores porque aí [PEC] tem muito sol eu não consigo ficar aí, só isso”

“Não tenho dificuldade, eu consigo usar todos [os aparelhos] sem nenhuma dificuldade, só o tamanho mesmo eu acho que esse da bicicleta mais ou menos, é, o meu pé não alcança muito bem assim, só um pouquinho, ele é um espaço mais para os adultos”

“Podia por mais postes e mais árvores eu acho que de noite fica escuro [na quadra]”

“Para melhorar tinha que tirar essa árvore aqui [da frente da escola], não tirar, botar outra árvore mais alta e uma árvore aqui para ter sombra, essa aqui não faz essa aqui faz, lá atrás tem sombra, lá tem um campo e uma árvore que faz sombra. Tem que arrumar aqui a calçada na frente, aqui tem umas linhas que está quebrada lá para frente, aí arrumasse para deixar reto”

“Eu tenho um pouco de medo de subir naquele brinquedo [do parque] lá que eu esqueci o nome que a gente escala assim que é cheio de quadrado que eu esqueci o nome, é muito alto, é muito alto, o balanço é meu preferido, eu sinto que eu estou voando quando eu estou balançando eu só não gosto de balançar muito forte, é muito legal esse parquinho”

“Porque aqui [na igreja] tinha uma fonte, aí a fonte quebrou e poderia consertar a fonte também, só às vezes que sai água da fonte do lado de fora não precisa melhorar nada”

“Não, está bom assim, só colocar mais vagas para idosos e para deficientes, quando eu vou é difícil algumas vezes porque fica muito lotado”

“Não, aqui não dá para brincar porque é perigoso um carro atropelar alguma pessoa e alguma criança e porque se a criança brincar aqui no meio da pista é perigoso ela morrer por isso que o espaço é bem, bem pequeno, eu acho que não dá para brincar aqui porque tem muitos carros que passam, tem várias pessoas que quando não tem carro elas passam por aqui, não sei, mas tem os ciclistas também que podem passar por aqui”

“Na quadra nada só tinha que pintar o chão e pintar isso daqui que tá pichado, só tem que dar uma melhorada aqui nessas partes colocar grades para fechar, às vezes algumas pessoas jogam bola à noite e é seguro, não é muito seguro aqui na Granja do Torto...”

“A cesta [de basquete] tá muito alta, o gol é muito grande e ela está mais grande ainda, eu ia colocar um gramado lindo aqui, colocar uma piscina debaixo dessa árvore aqui, colocar um banco também porque tem muita sombra e ia colocar um monte de poste ao redor dessa quadra”

c) Relações e dia-a-dia:

“Eu e meu irmão a gente ficava assim fingindo que estava apostando corrida muito legal e sempre gostei desse [aparelho] daqui também que a criança fica mexendo os pés, fica em pé, ajuda a exercitar e tem aquele com as mãos também eu gosto muito desses tipos”

“Esse lugar [PEC] não é para criança, quando eu fui aí eu fiquei conversando com o meu pai, a minha mãe e a minha tia”

“Às vezes quando a gente era da tia Rosane e da tia Simone também, elas davam o giz sabe, daqueles de riscar no chão, aí a gente adorava, aí o papai, ele falou: “gente vamos lá para o parque passear”, que é esse parque aqui, a gente “vamos”, aí às vezes quando eu ia com o giz a gente fazia os desenhos, às vezes a gente até desenhava amarelinha”

“Esse aqui é aquele estacionamento que eu te falei lá que tem a padaria que eu já fui muitas vezes lá, minha mãe já estacionou assim na frente ali ela entra por ali e dá a volta no estacionamento”

“Eu já entrei várias vezes [na igreja], eu vim aqui na missa, às vezes nesse espaço aqui tem festa, às vezes tem aqui no estacionamento da igreja, eu já fui em uma delas e eu encontrei a Duda, uma amiga minha que estuda na minha sala, na mesma sala é muito legal aqui também na igreja eu gosto muito da igreja”

“Onde eu moro [Vila Operária], tem um cara lá que eu falei que tinham desenhado no portão dele, aí ele avisa todo mundo, ele tem whatsapp de todo mundo, ele avisa todo mundo quando tem perigo vindo para a nossa casa”

“Eu passo com a minha mãe às vezes, eu passo, a gente às vezes a mamãe sobe para vir nesse mercado onde tem a arara, a gente já foi várias vezes nesse mercado eu sempre vou com a minha mãe e aqui do lado assim abriu uma sorveteria a gente já foi tomar sorvete é muito gostoso...”

“Conheço sim, é perto da casa da minha avó, mas é para cá e não para lá, tem outra curva que vai para a casa da minha avó mas eu só vou até aqui tia porque é onde eu pego a bomba de bicicleta”

“Eu já passei por aí, a minha mãe faz tanta entrega, entrega roupa, ela está fazendo bazar na casa da minha avó no hotel, está vendendo um monte de coisa lá no bazar dela e ela está tirando aos poucos lá do bazar e levando para as casas, porque tem pessoa que não gosta de sair de casa aí, ela está indo de casa em casa”

“Eu ando de bicicleta com meu pai lá no parque aí ontem que eu vim para cá para ir para prefeitura, para ir para a padaria, para ir para casa, aí eu passei nesse lugar entendeu?”

“Conheço, para cá tia é o trabalho do meu pai e bem aqui é a igreja, aqui é o estacionamento, aqui é a loja que você estava falando lá, aqui é onde às vezes aqui em baixo, perto dessa árvore é onde eu deixo o Davi e a Alice, os bebês que eu fico cuidando quando a minha mãe fica trabalhando muito e aqui é uma construção que o meu pai trabalha também às vezes”

2. CRIANÇAS – AR-2

a) Relações e dia-a-dia:

“Às vezes eu venho de carro, às vezes eu venho a pé e às vezes eu venho com a minha mãe de bicicleta, tem o campinho, o campo bem ali onde pode levar os cachorros, a gente fica brincando com os cachorros, eu tenho cachorro, o campinho fica bem aqui perto não sei muito bem explicar nem todo dia eu vou lá, mas eu vou com a minha mãe”

“Eu já tentei subir nessa [árvore] daqui e eu consegui, só não consegui ir até o topo mas eu subi pelo menos até aqui a metade dela, a minha mãe estava perto, ela estava me olhando”

“A coisa que eu gosto mesmo é de ir na banquinha de comprar as figurinhas que tem lá que eu estou colecionando álbum agora, mas perto de lá também não tem muita coisa legal não, é só tem ela de bom porque perto eu moro um pouco mais longe daqui, eu costumo frequentar mais aqui do que lá porque minha mãe trabalha aqui na SQN 315 na SQN 314”

“Já fui lá quando eu fui lá foi no carnaval e teve uma, um bloco de pessoas que estava lá na praça aí eu fui lá, eu, minha mãe e meu irmão”

“Isso aqui são os pilotis do bloco, aí eu acho que meu pai mora mais ou menos aqui no terceiro andar. Isso aqui é quando eu estou saindo da superquadra, não é muito longe, esse caminho eu faço de carro, mas aí a pé eu ando um pouquinho e aqui é a escola. Da casa da minha mãe para escola agora, minha mãe mora mais longe com certeza”

“Não sei, mas aqui é perto daquela igreja_messiânica, já passei ali, sempre que eu estou vindo aqui para a escola eu passo por aqui por essa superquadra”

“Ah, eu já andei aqui quando minha mãe ia me buscar a gente subia bem aqui é bem perto da escola é só subir aqui”

“Na banca da comercial para comprar figurinha eu costumo ir, eu vou andando com meus pais e com meus cachorros, todo fim de semana mais ou menos a gente sai para ir lá...”

“A gente vai jogar na quadra aí fica mais ou menos o dia inteiro tanto é que eu e o Pedro que é lá da sala roxa a gente ficou o dia inteiro jogando”

“Sim eu conheço aqui, é a escola no mapa, SQN 314 era onde minha amiga morava, SQN 215, na SQN 214 eu tenho Kumon, eu conheço essa parte”

“Aqui é legal, tem uma feira de produtos orgânicos e a gente vem aqui várias vezes e fica olhando os produtos, da escola mesmo a gente sai, começa a olhar e anotar o preço dos produtos e é legal”

“Eu acho que eu conheço esse lugar, eu acho que é lá perto do trabalho da minha mãe, eu acho que é, não sei não, ela trabalha bem ali indo para a w3_norte”

“Ah eu já fui nesse espaço várias vezes, eu tenho uma amiga que mora nesse prédio, é a SQN 316, eu brincava aqui, eu brinco aqui eu sempre venho com adulto em todo lugar da Asa Norte”

b) Obstáculos e Alterações:

“A rua ela é meio quebrada, então para quem é, quem é, quem usa mochila de rodinha para ficar melhor porque a mochila fica travando fica indo para um lado e para o outro”

“Podia ser um pouquinho mais limpo, aqui não está muito verde, eu sou muito louca por planta”

“Podia colocar mais brinquedo, podia colocar um escorregador próprio que não seja assim uma casinha podiam colocar um gira_gira, tá podiam colocar dois gira_gira porque esse aqui é muito alto e podiam colocar um pequeno para as crianças menores”

“Bem aqui bem do lado tem, eu não sei se melhorou porque faz tempo que eu não saio, mas antes era tudo rachado aí dá para melhorar é a parte da calçada que estava quebrada, não sei se melhoraram porque faz tanto tempo que eu não saio, dá aqui dá para a gente subir só que a diretora não deixa mais a gente subir, dá para subir na grade também”

“Tem um pé de amora bem ali e tem um parquinho bem ali do lado quando você tirou a foto não pegou o parquinho, já brinquei, não está muito legal, a terra, a areia está cheia de folha, não pega muito sol e os brinquedos estão praticamente todos estragados e acho que dá para melhorar e colocar mais fora ou tirar ou mudar o parquinho de lugar que ali cai muita folha, eu acho melhor tirar ele de lá e colocar em outro lugar”

“A gente poderia limpar, melhorar as coisas, tem muitas plantas mortas por aqui que a gente pode tirar e plantar outras e o pessoal parar de pichar que você já vê aqui né?”

“Tipo, tem um campo só que não tem os gols, tem duas árvores assim e as duas árvores são gols isso é o que podia melhorar, colocava um gol, ali tem uma quadra ali subindo ali para cima mas aqui pertinho da escola não”

“Para ficar mais legal poderia colocar alguns bancos em baixo do bloco, andar de bicicleta eu acho que não poderia aqui, é dá para andar só que não pode”

“Aqui nos bancos podia ter uma sombra e um lugar para malhar podia ser tipo onde fica o ônibus, sabe, aí fica aqui, só isso me esconder aqui é difícil é tudo muito aberto”

“Porque um dia eu caí de uma árvore e fiquei traumatizado, agora eu não subo mais, sim eu me machuquei, agora eu fico na sala na maioria das vezes, eu acho que os adultos podiam colocar até o sexto ano ou mais [na escola]”

“Eu acho que não precisa melhorar aqui dentro, mas podia colocar um parquinho tipo aqui fora tipo para maiores porque o que tem é para crianças menores e fica muito difícil, aí se tivesse outro assim lá fora para pessoas maiores seria mais legal”

“Qual o nome disso daqui mesmo? Dessa coisa de jogar basquete? A cesta, obrigada por me lembrar, a gente podia diminuir só para quem quiser só jogar nem muito baixa nem muito alta para quem quiser jogar os pequenos se quiser jogar lá dentro consegue na altura que está aí é difícil, eu posso acrescentar mais uma coisa? ah tá obrigada, uma luminária em volta só isso mesmo”

c) Affordances:

“Eu ando aqui de patins, de patinete, esse lugar é ótimo porque é um lugar grande com um espaço grande e que crianças gostam de ir que é um lugar onde você tem prazer de ir eu gosto é bom entendeu, é um lugar agradável para as crianças, adultos, por exemplo, aqui tinha uma mesa de pingue_pongue, enquanto as crianças estão brincando no parquinho os adultos podem estar conversando”

“Aqui é a quadra do lado do parquinho, dá para você brincar, por exemplo, basquete, futebol, pique_pega, tem um espaço grande para poder brincar”

“Esse aqui é, eu sei onde que é, é onde eu sempre passo quando os cachorros estão brincando e aqui para mim é tudo perfeito, aqui dá para brincar, dá para levar o seu cachorro para passear”

“O parquinho aqui da parte de cima aqui da escola aqui dá para brincar no parquinho, dá para você caminhar na área verde aqui de cima, dá para você usar, dá para você brincar de amarelinha, sentar, correr, brincar de novo, subir na barra que tem aqui, adulto pode ficar aqui brincando com as crianças, pode levar o cachorro para ele ficar brincando aqui nessa área de cimento aqui”

“Dá para andar de bicicleta, de skate, dá para subir nessas árvores aqui, essas são mais fáceis de subir é e dá para brincar aqui no prédio que tem tenho certeza que aqui é um prédio”

“Aqui eu conheço que é a escola, dá para brincar, dá para correr, dá para ir no parquinho, dá para brincar de polícia_e_ladrão, de pega_pega, também dá para brincar de queimada, os meninos brincam de futebol ali, dá para brincar de várias coisas dentro e fora da escola, dá para fazer várias coisas”

“Dá para todo mundo usar, é, dá para botar árvore aqui, um pouco de árvore aqui e se a quadra fosse tampada, assim que se chutasse a bola a bola não ia para fora e não pegaria nos carros”

“Ah, aqui é a escola, dá para jogar bola aqui nesse espaço aqui de fora, dá para jogar bola, dá para brincar de polícia_e_ladrão, dá para brincar de pique_pega, pique_esconde também aqui”

“É um prédio aqui e aqui tem um parquinho dá para brincar de pique_esconde no prédio embaixo do bloco e no parquinho pode inventar alguma brincadeira, um adulto pode plantar aqui e passear com o cachorro”

“Dá para jogar bola aqui dentro, é, dá para subir em árvore que tem várias árvores aqui dá para inventar alguma brincadeira para brincar aqui dentro...”

“Dá para ir na igreja dá para comprar coisas nessa feira que tem aqui dá para caminhar nessa calçada morar nesse prédio aqui atrás dá para dirigir esses carros que tem aqui é e tirar essas folhas que estão no chão”

3. IDOSOS – AR-1

a) Recursos:

“É assim, porque já tem o parquinho, já tem muitas coisas já arrumadas e eu acho que não precisa mais nada não, já arrumaram o colégio, o que tinha que arrumar já arrumou”

“Aqui precisava de um lugar, um espaço para a gente ter uma dança, um forró para os idosos um lugar assim um salão para os idosos porque tem muitos idosos e aqui não tem lugar para sair às vezes a gente quer sair eu acho bonito assim”

“No parque_de_exposições eu acho que dá dava para fazer um salão, alguma coisa para os idosos só que é meio longe, mas eu acho, porque o espaço é bem grande”

“Aí eu não sei, atividade assim se tivesse uma, um também nem adianta fazer porque já tem um lá negócio de fazer ginástica, não adianta o que precisava de fazer ginástica já tem, então eu nem sei mais o que não precisa mais, acho que só aquele mesmo já está bom, não eu acho que não precisa melhorar eu acho que para mim não precisa”

“Não, não falta atividade para os jovens porque tem o campo de futebol ali também, aí sempre tem muitos aqui que vai e joga futebol aqueles velhos casados, aqueles coisas, aí final de semana”

“Bom, uma loja de móveis faz muita falta aqui, móveis, eletrodomésticos, essas coisas...”

“Aqui a gente está precisando de mais polícia, mais polícia aqui está uma vergonha aqui eu posso falar que está uma vergonha”

“Eu acho que precisava de outras opções e agora eu acho que tem criança que passa o dia inteiro parece que está assim, é, precisaria de evoluir mais, acho que sim, algum curso, alguns cursos eu acho que já teve curso de corte e costura lá, se eu não me engano não sei se foi lá [na escola], se foi aqui nesse espaço da prefeitura ali, no posto_de_saúde, naquelas salas não estou lembrada direito, tem tanto tempo, acho que sim eu acho que sim eles só usam para a escola mesmo podia ser usada à noite”

“Olha, eu gostaria muito que assim como eu não ando, eu gostaria muito que o ônibus passasse por dentro, pelas ruas, porque, por exemplo, se o ônibus passasse aqui tinha uma parada ali, ficava bem mais fácil, é só isso mesmo, e que tivesse um curso assim para o idoso porque aqui não tem nada para passar um tempo, para ir eu precisaria de ajuda, uma cadeira de rodas”

“Conheço essa área, tinha que fazer mais comércio porque aqui só tem uma padaria, as lojas aqui são poucas, eu assim acho que tinha que ter mais comércio, mais mercado tem pouca opção hoje em dia”

“Pois é, mas é bom, comércio sempre que eu procuro o que falta aqui que eu vou lá sempre encontro assim nunca precisei de nada que não tivesse aí não, é, pelo menos as que eu preciso até agora atende e o pessoal é muito bom, eu gosto do pessoal daqui, todo mundo gente fina não tenho nada contra ninguém aqui”

b) História:

“Meus filhos estavam todos pequenos quando eu morava na barragem, depois que o Marcelo que ele virou prefeito que ele começou a fazer [o parquinho], meus filhos já estavam grandes, já estavam tudo criado, que quando eu cheguei, quando eu mudei para cá a minha filha que mora aqui do lado ela já estava morando aqui e aqui que eu construí que não tinha nada só tinha tronco de pau, aí eu vinha com o meu marido, limpava o lote todo, depois que a gente construiu, mas os meus filhos estavam tudo pequenos naquela época lá em baixo, aí depois que vai crescendo, crescendo aí fica tudo rapaz, moça”

“Hoje está menos seguro, antes a gente nem tinha medo de nada, hoje a gente já tem, antigamente eu ficava aqui até as 11 horas quando o meu marido saía, que voltava às 11 horas assim, eu ficava sozinha, hoje eu não fico, 8 horas eu já não fico sozinha entendeu então não é tão bom”

“Sou muito caseira, aqui na Granja do Torto só [vou] à feirinha e ao barzinho lá do meu filho, a escola eu estudei nela e trabalhei também, estudei quando era criança, era mais difícil antigamente, a gente morava lá em baixo na barragem aí tinha que subir para ir para a escola, era perigoso antigamente que só era muito mato eu acho que hoje é mais tranquilo”

“Eu acho até mais moderno do que antigamente que não tinha nada, hoje em dia já tem bastante coisa, eu gostaria mais de como era antes, mais sossegado, mas é assim mesmo evoluiu, os filhos da gente vai também evoluindo, antes era mais tranquilo”

“Não, eu achava tranquilo para andar, agora que está começando a ter mais movimento porque hoje em dia quase todo mundo tem carro, tem os carros tem tudo, mas antigamente era bom não tinha tanto”

“Porque antigamente tinha uma aula, tinha uma professora que dava escola, dava aula à noite, até que eu comecei a frequentar, eu mais uma amiga, mas depois acabou, aí acabou não tem mais assim, essas coisas tudo eu frequentava lá [na escola], participava assim mesmo, dos netos mesmo, meu neto mesmo às vezes tinha festinha lá quadrilha essas coisas que eles iam dançar aí eu ia e participava também mas faz tempo já, agora acabou tudo só as crianças”

“Está tendo festa agora dos motoqueiros, antigamente tinha muita, no tempo do [governador] Roriz, mas agora, no tempo do Roriz tinha mais curtidão, mas hoje em dia não tem mais só tem essa festa dos motoqueiros”

“Eu moro aqui há mais de 60, uns 60 anos por aí, desde o começo da Granja do Torto que eu moro aqui, criei meus filhos tudo aqui, casei, eu morava aqui no balão depois vim embora para cá, criei meus filhos tudo aqui, aqui nessa casa é há menos tempo, nós morávamos lá em baixo, aí houve o assentamento e a gente veio para cá, fizemos, construímos aqui e viemos para cá, aqui em cima deve ter uns 20 e poucos anos, vim criança, cresci aqui, casei aqui meus irmãos todos cresceram aqui, veio a família toda veio, nós viemos para cá em 1958 foi muito antes de inaugurar Brasília ainda estava só em construção”

c) Competências:

“Já, eu já caí, eu descobri numa queda, eu descobri um câncer por uma queda que eu levei, aí tinha uma amiga da gente eu fui fazer uma caminhada com ela”

“Às vezes eu vou com dor porque eu tenho um problema seríssimo de coluna, eu tenho bico de papagaio, eu tenho desvio, aí eu vou ruim [para as reuniões], vou com as pernas doendo, mas eu volto boa, está fazendo muito bem”

“Tenho dificuldade, só quando eu estou com muita dor quando está inflamado aí não tem como, tenho hipotireoidismo, tomo remédio para depressão também, para depressão eu tomo três remédios diferentes, depressão meu deus, tenho pressão alta também, sou hipertensa e tenho [remédio] para os ossos, a menopausa, são muitos remédios acho que uns 5 ou 6 comprimidos por dia porque tem uns que é esporádico só quando está em crise”

“Tomo remédio também para a perna que eu estou até hoje com problema na perna que eu não posso andar, se eu ando daqui até ali em cima dez passos eu já não dou conta mais de dor, minhas pernas doem demais essa noite mesmo eu tive que pôr os travesseiros assim para pôr a perna porque dói muito minha perna”

“Às vezes eu tomo remédio, eu não tomo todo dia porque se não acostuma, então eu tomo remédio para dormir no dia que eu estou sem sono algum, eu tomo remédio para dormir mas mesmo assim ainda demoro para conseguir dormir, tem eu tenho os olhos, estou com um problema sério nos olhos para enxergar e os meus filhos, um que mora em Ceilândia e outro que mora no Guará estão todos perdendo a visão, mas um é diabético, é remédio de pressão, é remédio das pernas, é remédio para dormir, é muito remédio que eu tomo, muito remédio, é sulfato ferroso que eu tomo para anemia que a minha anemia é muito forte”

“Caminhar eu caminho pouco porque me dá falta de ar”

“Tenho problema de saúde porque eu sofro de uma hérnia e não tem jeito de operar, então eu tomo remédio controlado quando aparece a dor, aí eu tomo remédio controlado, para controlar a dor porque por causa da minha idade não opera mais”

“Eu quase não faço exercício porque eu canso muito por causa da asma porque eu tenho asma então exercício físico desencadeia como é que fala é isso mesmo, desencadeia a asma aí dá a crise então eu evito fazer alguma coisa assim mais teria que ter acompanhamento então eu faço caminhada mas outros exercícios eu evito aqui em casa também eu tenho bicicleta”

“Esse ano eu senti desde abril eu passei muito mal com os problemas da labirintite não me senti bem a saúde foi muito abalada, mas agora eu estou sentindo melhora”

“Glaucoma não tem cura mais não, tenho problema no coração também e só, já fui operada, tomo medicação, tenho problema no sangue também, meu sangue engrossa demais, tomo remédio, tomo sete tipos de remédios”

“Faço, sempre faço meu acompanhamento aqui no posto_de_saúde e lá em Sobradinho eu tenho meu médico, eu sempre tenho meu médico para medicar de seis em seis meses eu tenho que estar no médico para renovar a receita”

d) Relações e dia-a-dia:

“Estou muito satisfeita, eu tenho as minhas amizades graças a Deus tem umas pessoas legais, só que aqui sempre tem muita gente de fora, muitas assim muita gente de fora está vindo morar aqui”

“Eu passo, bom dia, boa tarde, oi fulano, oi ciclano, eu faço a minha caminhada às vezes paro bato um papo assim, e venho embora para casa, tranquilo agora eu tenho uns amigos que sempre elas estão vindo aqui principalmente fim de semana, eu gosto, a gente bate aquele papo aí fica bom”

“Porque a gente costuma sair e falar com o vizinho, eu saio, eu falo com a vizinha, por favor olha a minha casa aí, qualquer coisa estranha que você ver chama a polícia”

“Mas eu tenho uma pessoa que fica comigo das 8 às 2 horas [da tarde], aí quando chega 4 horas meu filho vem e toma café, fica até as 5 horas, depois vai embora e a minha filha vem à noite e fica um pouco até a menina chegar que tem uma menina que dorme comigo então é, não moro muito sozinha não, sempre tem uma pessoa”

“Conheço todo mundo sim, isso é bom, os vizinhos ajudam sim eu posso contar com os vizinhos e eles podem contar comigo”

“Sempre a minha filha fala, mãe se aquiete dentro de casa à noite, não saia de casa à noite pelo amor de Deus, eu sou teimosa, mas quando eu não venho de dia aqui, eu venho de noite para cá para a casa da Dona Maria, porque sair ali da minha casa para cá é tranquilo”

“De vez em quando eu vou pegar comida lá no Vitão [restaurante], pego quando a mulher está com cisma de não fazer almoço aqui, aí eu vou buscar lá é tranquilo, para caminhar aqui é tranquilo”

“A única casa que eu vou é na casa da Aparecida, aquela que mora na esquina ali, ela chegou bem mais tarde, ela ficou viúva há pouco tempo mas ela mora na esquina ali em cima, aquela que puxa da perna ali de frente para o estacionamento, pois é, ela ficou viúva e quando ela está, eu falo com ela, a única que eu falo por telefone é a Ieda que ela mora na outra rua também que está até viajando agora também, mas eu falo sempre, eu ligo para a minha tia em Taguatinga a gente conversa”

“Eu não vou na casa de um vizinho para bater papo, antigamente eu ia hoje mesmo eu estava falando parece que eu estou pegando assim um mal de Alzheimer porque eu não saio assim para bater papo com ninguém, é só aqui dentro de casa e é assim eu tenho um problema sério esqueço tudo também eu estou muito esquecida”

“Eu vou umas 5 horas, o sol já está baixo aí eu fico lá [no PEC], aí eu vou com a Noêmia, eu combino com ela aí vamos, a Ivone, aí a gente fica conversando, jogando conversa fora e fazendo exercício é bom é legal sim, são bons os aparelhos eu não dava nada por eles, falavam e eu não acho que esses aparelhos não resolvem, mas eu comecei e meu braço começou a melhorar e foi bom, mas é porque eu não faço muito, porque está muito flácido, eu acho que eu emagreci...”

4. IDOSOS – AR-2

a) Pressão Ambiental:

“Todas as calçadas precisam melhorar porque eles melhoraram isso aqui há pouco tempo nem todas estão assim eu acho que Brasília já devia ter umas calçadas boas, toda Brasília, não só das quadras, é calçada que paraplégico possa andar com cadeira de rodas, criança no carrinho inclusive, lisa, não assim que fica trepidando, passar um cimento em cima para ficar lisa para não fazer esses barulhos, não ficar fazendo depressões”

“Essas árvores são muito perigosas, ali na quadra mesmo tem umas que ficam do lado quando está chovendo, daquelas tempestades que a ventania é muito forte, às vezes aparece um monte de galho quebrado dentro da quadra”

“Eles já fizeram bastante coisa, fizeram os calçamentos, fizeram inclusive o negócio de cego, tem aquela coisa mais saltada para os cegos andar, já fizeram bastante coisa aí agora eu vejo, só pela chuva mesmo não tem como controlar”

“Tem lugar que não está em boas condições, tem lugar que a árvore levanta a calçada, o calçamento ali, mas ultimamente parece que a quadra andou, não sei se foi o prefeito que mandou, andou arrumando alguns que estavam soltando aí, mas em geral é bom”

“Os espaços aqui não são muito cuidados não, eu acho que no caso seria [responsabilidade] do governo cuidar, mas por exemplo, passa muito caminhão, então o próprio caminhão do governo sobe ali e quebra toda a calçada”

“Às vezes eu saio com a minha neta no carrinho e por ser esse tipo de calçada de pedra porque você vê que elas tem uma divisória, então o carrinho vai trepidando, você não consegue andar reto, teria que ser essa lateral aqui do bloco, ela é reta, mas porque eles fizeram uma reforma quebrou toda a calçada eles refizeram, então eles refizeram uma calçada reta seria o caso de fazer ela toda assim mas como Brasília é tudo assim então isso é assim aí é original, então é ruim por isso”

“Eu vou sempre a pé, eu acho que a quadra ainda quando você vai caminhar tem muitos lugares que estão péssimos que estão precisando de arrumar, de manutenção, mas em relação ao calçamento até que já andaram arrumando por aí”

“O idoso aqui sofre porque ele tem que andar olhando para o chão, não pode andar com celular na mão não porque tropeça, vai olhar para o celular e tropeça, eu mesmo não faço isso eu sempre vou andando e olhando para o chão onde eu sei que tem os buracos, as árvores já a raiz tomou conta da calçada tem pedaço que nem tem mais calçamento”

“Eu acho que poderia modificar, arrumar aqui são as calçadas muito quebradas, as árvores tem muita se bem que eles andaram podando, mas tem árvores aí por dentro que eles não podaram, que são árvores velhas e tem perigo de cair e as calçadas muito quebradas para você andar aqui”

“Eu tenho medo de cair ali, eu me sinto insegura ali por conta de escorregar, eu tenho medo de bater o pé no coisa como é que fala do piso quebrado o calçamento”

b) Recursos:

“Agora para ir na padaria essas coisas eu subo essas escadas aqui e atravesso e vou assim, acho melhor porque tem o corrimão na escada eu vou me segurando no corrimão”

“No posto_de_saúde na SQN 315, na área onde fica o posto_de_saúde, lá tinha coisas que os idosos faziam além dessa ginástica a massagem do lado de fora”

“Aí eu subo aqui, atravesso, aí faço vou lá pela frente das lojas até a padaria farmácia tudo que eu precisar por ali”

“Ah, é praticamente tudo viu, tudo porque nós temos a SQN 116, ela é privilegiada porque ela tem duas comerciais, uma aqui próximo ao hospital e outra lá em cima que a gente usa padaria, é lanche, restaurante tudo lá em cima e aqui também que só aqui a gente tem pertinho três ou quatro restaurantes, fora isso, cabelereiro, tem uma farmácia lá em cima, a padaria”

“Uso o serviço de saúde, eu tenho o meu plano de saúde, eu posso usar o hospital_santa_lúcia aqui e o hospital_santa_helena, então eu às vezes é engraçado, às vezes eu passo mal alguma coisa eu vou a pé no pronto socorro é uma coisa impressionante”

“Aqui em baixo é o setor_hospitalar_norte, por aqui, olha, eu sempre vou ao comércio local aqui na SQN 115, o comércio local da SQN 115, SQN 116, vou sempre almoçar, fazer alguma compra que precisa, é aqui por aqui eu ando tudo eu vou a pé até para o Supermercado_Extra que é aqui do lado”

“Eu costumo ir no restaurante, aqui tem vários restaurantes desse lado aqui da comercial, é farmácia, é padaria é, tem restaurante do lado de cá também, padaria na superquadra 100 e a gente frequenta”

“É, às vezes quando eu quero comprar alguma coisa no comércio às vezes a minha empregada fala que está faltando coentro não tem aí eu passo numa mercearia ali que vende verdura, fruta, aí passo lá e compro, padaria, a gente usa muito esse comércio de lá, tem comércio de cá também a única coisa que eu não frequento é salão de beleza”

“Então tem uma lotérica ali eu sempre vou ali, aqui do lado tem self-service que a gente sempre almoça no final de semana então é basicamente isso e do outro lado ali tem padaria que a gente vai às vezes”

“Olha, aqui na região eu costumo é ir basicamente à farmácia, banco, porque eu tenho conta em um banco aqui perto, laboratório de exames clínicos, tem o laboratório Sabin, tem o laboratório_Exame ali logo na 516 é basicamente é isso”

“Eu acho que aqui tem uma estrutura melhor, eu acho que aqui é melhor, eu acho que aqui é melhor, SQN 116 eu não sei, na SQN 316 não sei, na SQN 116 não, vejo assim não eu acho que aqui é melhor”

c) História e Relações:

“Tanto no posto_de_saúde como aqui no comércio a gente é tudo uma família tudo uma família porque vira quantos anos tem aqui a distribuidora mesmo deve ter uns 35 anos, a padaria tem 38 anos”

“Olha, eu tenho várias amigas, mas eu quase não tenho tempo, é só quando tem alguma coisa aí eu vou e visito, quando estão doentes ou tem alguma coisa assim que eu visito porque nem elas tem tempo nem eu também então fica sempre mais em casa resolvendo as coisas quando a gente se encontra é festa às vezes a gente telefona, muitas que moravam aqui que eu frequentava assim muito a casa delas saiu da quadra e está morando mais distante, fica mais difícil minha vizinha vem muito aqui e eu vou lá na casa dela a gente toma um café juntas ou almoça juntas de vez em quando”

“A W3 Norte era vazia assim, a padaria, então foi muito difícil foi assim, um choque, aí depois daqui da minha janela eu vi o crescimento de tudo, foi bem meus filhos tiveram assim, a juventude deles criança adolescência foi assim maravilhosa pena que agora os jovens os adolescentes as crianças já não podem ter o que os meus filhos tiveram porque foi assim uma benção mesmo”

“A minha caminhada pega eu saio daqui do meu bloco e subo aqui debaixo das árvores, passo por debaixo das árvores e vou para a SQN 316, SQN 116, SQN 115, eu faço assim, o inverso e volto ali na igreja_messiânica e retorno, dou outra volta subo dou outra volta na quadra, todos os dias não segunda-feira a sexta-feira, final de semana eu descanso”

“A gente faz aqui, até ganhou uma época a prefeita anterior, ela que começou essa história de enfeitar com garrafas pet, iluminar tudo aí tinha ali o presépio então eu não sei se era uma dessas emissoras de televisão aí que dava um prêmio, eu acho que ela ganhou umas duas vezes o prêmio com essa iluminação, aí o rapaz do táxi disse, foi antes de tirar a iluminação, ele disse, essa é a quadra mais bonita de Brasília eu falei está certo obrigada”

“São imóveis com 35 a 40 anos de idade, então quem veio para cá nesse período se veio para cá e ficou aqui até hoje tem muita gente que veio para cá no começo e está aqui até hoje, já envelheceu, os filhos já saíram de casa, então, eu diria que é uma região predominantemente de idosos”

“Esse aqui é o da SQN 115, é o parquinho que fica em frente ao bloco G, eu sei disso porque é em frente ao bloco da minha filha e ela liderou na época um grupo que restaurou esse parquinho eu acompanhei bem de perto”

“Eu moro aqui desde 1988, mês que vem vai fazer 31 anos desde que nós nos mudamos da SQN 210 para essa quadra, para esse apartamento isso exatamente, antes a gente morava na Asa Sul na SQS 302, a gente nessa época há alguns anos atrás a gente estava ainda no começo de vida a gente não tinha o nosso imóvel próprio, a gente já tinha imóvel mas não de moradia, aí a gente morava de aluguel, aí aluguel é sempre tem alguns problemas, aí a gente morou em vários endereços até que a gente comprou aqui e aí pronto a gente foi ficando. A gente não veio com a ideia de ficar muito tempo aqui porque há 31 anos atrás em 1988 a quadra era desprovida de muitos recursos a comercial só tinha um bloco”

d) Affordances:

“Nossa, fim de semana fica lotado, hoje o pessoal usa [o caramanchão] para fazer festa de aniversário, eles fazem tudo lá em baixo, a prefeitura tem banheiro e cede a área lá para colocar as coisas, elas colocam as mesinhas alugam inclusive brinquedos aqueles infláveis para a criançada brincar, é uma área bem legal porque bem assim aproveitada digamos assim as pessoas aproveitam bastante dessa área aí bem legal mesmo”

“Em baixo dos blocos geralmente não tem nada não, em baixo dos blocos tem sempre criança brincando, mas adulto assim não tem nada não, tem mais criança brincando, vira e mexe tem alguém que se encontra assim e fica conversando, mas atividade mesmo assim não tem não”

“Eu acho que todo mundo pode usar [a quadra], tem dia inclusive que eu vejo às vezes eu fico bordando aqui perto da janela por causa da claridade e tem um casal que acho que vem um personal trainer vem, aí fica aqui debaixo desse negócio aqui aí passa uns exercícios aí fica quase uma hora ali fazendo nos aparelhos lá deles ele vem de carro e fica ali fazendo atividade física para esse casal”

“Aqui tem muita gente que se encontra lá em baixo principalmente os pais que deixam as crianças brincando, faz aniversário, quase todo final de semana tem aniversário ali debaixo desse caramanchão então é muito usado isso daí”

“É bem antigo, é a quadra de esportes, usam demais, principalmente os rapazes para jogar bola, aí tem também de manhã mas eu acho que não é todo dia não tem o professor que dá aula de futebol lá aí vem muita gente de fora assim, os rapazes que vêm jogar bola que nem é daqui sabe principalmente final de semana enche mesmo à noite vem que a luz fica até as 10 horas ligada aí os refletores então vem muita gente”

“Aqui é atrás da igreja_messiânica, ali é um espaço verde bom ali tem sempre o encontro do pessoal dos cães, cada um desce e às vezes está cheio de gente ali com os cães”

“Uma coisa assim não sei de artesanato alguma vez assim tendas porque ela [a quadra] é toda aberta, mas no mais às vezes, uma vez ou outra mas eu não vou muito para lá não tem gente jogando bola lá mas pois é se tivesse alguma atividade assim para idoso mas aí teria que ser muito cedo também porque é aberto tudo aí é difícil mas se tivesse alguma atividade assim para nossa idade até mesmo aqueles como é que chama aqueles de fazer exercícios para os idosos como é que chama aquilo aqueles aparelhos o PEC aqui não tem só tem longe”

“Os vizinhos descem, fica ali, conversa com um, conversa com outro, alguns vão para essas mesas daqui de xadrez, mesinha com desenhos de tabuleiro, tomar sol, alguns vizinhos, eu tomo sol na hora da caminhada, diariamente tem movimentação”

“Muitas, muitas crianças, porque já houve uma troca, porque essa quadra aqui era toda de funcionários do Banco do Brasil, então à medida que vão aposentando alguns foram embora de Brasília, outros mudaram de quadra, aí entra a nova geração que tem as crianças, tem muita gente jovem aqui também, bastante criança, uns dez apartamentos são ocupados por pessoas mais jovens”

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Seção 1: Elaboração do desenho do ambiente residencial

Instrução: Gostaria que você elaborasse um desenho da área em que você mora, considerando o que é mais importante para você. À medida que você for desenhando, poderá ir explicando os elementos que compõem o desenho e porque são importantes no seu local de moradia.

Seção 2: Apresentação das fotografias:

- a) O que as pessoas que moram aqui podem fazer nesse local?
O que tem nesse local que permite às pessoas fazer tais coisas?
- b) O que as pessoas que moram aqui poderiam fazer nesse local, mas não conseguem? Por quê?
- c) O que você poderia fazer no seu dia-a-dia para tornar esse local mais agradável para você e os demais moradores?

Seção 3: Apresentação das fotografias:

- a) Que atividades você consegue realizar nesse local?
O que permite a você realizar tais atividades?
- b) Que atividades você gostaria, mas não consegue realizar nesse local?
O que não permite que você realize tais atividades?
- c) O que poderia ser feito nesse local para auxiliar você a realizar as atividades que hoje você não consegue fazer?

Seção 4: Dados sociodemográficos:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Tempo de residência:

Mora com quem:

Tipo de moradia: () casa () apartamento

Percepção de saúde: () muito ruim () ruim () nem boa, nem ruim () boa () muito boa

Doenças:

Principais atividades diárias:

APÊNDICE C

FOTOGRAFIAS PARA O ROTEIRO DE ENTREVISTA

AMBIENTE RESIDENCIAL 1

Foto 1: Ponto de Encontro Comunitário



Foto 2: Estacionamento do Parque de Exposições



Foto 3: Escola Classe



Foto 4: Praça da Amizade



Foto 5: Igreja Católica



Foto 6: Área Comercial



Foto 7: Quadra Poliesportiva



Foto 8: Área final da Vila



AMBIENTE RESIDENCIAL 2

Foto 1: Térreo dos blocos



Foto 2: Área de lazer na SQN 315



Foto 3: Quadra Poliesportiva



Foto 4: Percurso entre quadra comercial e residencial



Foto 5: Escola Classe



Foto 6: Gramado nas entrequadras



Foto 7: Parque infantil na SQN 115



Foto 8: Área verde entrequadras



APÊNDICE D

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR

Ficha de Observação n° _____

Sistema: Revezamento entre os setores em um intervalo de 2 horas

N° da Sessão:	Local:		Observador:	Data:	Dia:	Temp.:	Hora Início:	Hora Final:																							
Usos	Comportamentos		Setor 1				Setor 2				Setor 3				Setor 4				Setor 5				Setor 6				Total				
			1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4					
Vazio	-	-																													
		-																													
Circulação (Circular, Cruzar)	Crianças																														
	Idosos																														
Lazer Contemplativo (Contemplar, Observar)	Crianças																														
	Idosos																														
Lazer Ativo (Brincar, Praticar atividades esportivas)	Crianças																														
	Idosos																														
Lazer Cultural (Dançar, Atuar, Tocar, Ler, Escrever)	Crianças																														
	Idosos																														
Outros (Conversar, Comer, Limpar, entre outros)	Crianças																														
	Idosos																														
TOTAL																															

Observações:

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO apresentado aos pais e/ou responsáveis

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”, conduzida pela pesquisadora Dayse Albuquerque como parte de sua tese de doutorado na Universidade de Brasília.

O estudo tem como objetivo avaliar a relação de crianças e idosos com seus locais de moradia, tendo em vista as atividades realizadas no dia-a-dia e o uso de espaços públicos em seu entorno.

O(a) Senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome e o de seu(sua) filho(a) não aparecerão, sendo mantido sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-los(as).

A participação de seu(sua) filho(a) se dará por meio de uma entrevista a ser realizada em seu domicílio ou em local que lhe seja mais conveniente, conforme sua disponibilidade. Iremos usar um gravador de áudio para registrar essa conversa. Os riscos decorrentes da participação de seu(sua) filho(a) são mínimos e ele(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar em qualquer momento sem nenhum prejuízo. A participação é voluntária, não há pagamentos ou despesas relacionadas à pesquisa.

Ao autorizar a participação de seu(sua) filho(a), estará contribuindo para que possamos entender o que ele(a) pensa sobre sua vizinhança, suas prioridades e o que pode ser feito para melhorar a área em que vocês moram. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente, sem a divulgação de informações sobre os participantes. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador.

Caso tenhas qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dayse Albuquerque, na Universidade de Brasília, nos telefones (61) 3107-6919 ou (61) 98179-8373. A pesquisadora também poderá ser contatada via e-mail albuquerquepsi@hotmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, _____, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) para participar da pesquisa “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”. Entendi as informações que me foram prestadas e recebi uma cópia do termo por mim assinado. Forneço telefone a fim de que a pesquisadora entre em contato para combinar dia, horário e local para realização da pesquisa: _____.

Brasília, _____ de _____ de 2018

Assinatura do responsável

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE F

TERMO DE ASSENTIMENTO apresentado às crianças

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”. Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participe. Queremos saber o que as crianças pensam sobre o local onde moram de acordo com as atividades que realizam e os espaços que frequentam.

As crianças que irão participar dessa pesquisa estudam na mesma escola que você e estão cursando o terceiro ou quarto ano. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não haverá nenhum problema se em algum momento você decidir desistir de participar.

A pesquisa será feita no local definido por seus pais e/ou responsáveis, assim, poderemos nos encontrar na sua escola, na sua casa ou apartamento ou no local que eles considerarem mais adequado em dia e horário definidos. Iremos usar papel e lápis para fazermos um desenho do local onde você mora e conversaremos sobre algumas fotografias de lugares que talvez você já conheça e já tenha frequentado perto da sua casa. Caso não se sinta à vontade para responder algo ou tiver alguma dúvida, é só nos informar ou perguntar.

Esperamos contribuir para que o local onde você mora possa se tornar mais agradável para você, seus amigos, seus pais e demais familiares.

Ninguém saberá que você está participando dessa pesquisa. Não falaremos para outras pessoas e não forneceremos seus dados a estranhos. Suas respostas serão armazenadas com as de outras crianças, sem incluir seus nomes.

Caso ainda haja alguma dúvida ou queira nos procurar, ligue para (61) 98179-8373 ou envie um e-mail para albuquerquepsi@hotmail.com. Falar com a pesquisadora Dayse da Silva Albuquerque.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa intitulada “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”. Entendi o objetivo e como será feita a pesquisa. Recebi as informações, as li e concordo. Entendi que posso participar, mas que posso desistir quando quiser se julgar necessário. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com o meu responsável que autorizou minha participação.

Brasília, _____ de _____ de 2018

Assinatura da criança

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE G

TERMO DE CONSENTIMENTO apresentado aos idosos

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar da pesquisa intitulada “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”, conduzida pela pesquisadora Dayse Albuquerque como parte de sua tese de doutorado na Universidade de Brasília.

O estudo tem como objetivo avaliar a relação de crianças e idosos com seus locais de moradia, tendo em vista as atividades realizadas no dia-a-dia e o uso de espaços públicos em seu entorno.

O(a) Senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o seu nome não aparecerá em nenhum momento, sendo mantido sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-los(as).

A sua participação se dará por meio de uma entrevista a ser realizada em seu domicílio ou em local que lhe seja mais conveniente, conforme sua disponibilidade. Iremos usar um gravador de áudio para registrar essa conversa. Os riscos decorrentes de sua participação nessa pesquisa são mínimos e o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. A participação é voluntária, isto é, não há pagamento pela colaboração e também não há despesas relacionadas à pesquisa.

Ao aceitar participar, o(a) Senhor(a) estará contribuindo para que possamos entender o que você pensa sobre sua vizinhança, suas prioridades e o que pode ser feito para melhorar a área em que mora. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente, sem a divulgação de informações dos participantes. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador.

Caso tenhas qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dayse Albuquerque, na Universidade de Brasília, nos telefones (61) 3107-6919 ou (61) 98179-8373. A pesquisadora também poderá ser contatada via e-mail albuquerquepsi@hotmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa intitulada “**A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**”. Entendi as informações que me foram prestadas e recebi uma cópia do termo por mim assinado. Forneço telefone a fim de que a pesquisadora entre em contato para combinar dia, horário e local para realização da pesquisa: _____.

Brasília, _____ de _____ de 2018

Assinatura do participante ou familiar

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 1

TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DO AR-1



Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações – PSTO/UnB

Laboratório de Psicologia Ambiental – LPA/UnB

TERMO DE ANUÊNCIA

Prezada Gestora,
Escola Classe Granja do Torto

Venho através desta solicitar autorização para convidar os(as) alunos(as) dos 3º e 4º anos letivos a participar da pesquisa “A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos” conduzida por Dayse Albuquerque como parte de sua tese de doutorado.

O estudo tem como objetivo avaliar a relação de crianças e idosos com seus locais de moradia, tendo em vista as atividades realizadas no dia-a-dia e o uso de espaços públicos em seu entorno.

A escola foi selecionada para participar da pesquisa, na qual, as crianças, por meio do convite em sala de aula receberão um termo de consentimento que deverá ser entregue aos pais. Dessa forma, a pesquisadora visitará as salas de aula para fazer os convites e entregar os termos e, posteriormente retornará para recolhê-los, verificando assim àqueles que poderão ser contatados. É possível que algumas das entrevistas ocorram no espaço da escola, a critério dos pais e/ou responsáveis que irão definir o local para realização da entrevista. Caso isso ocorra, a escola será contatada previamente para que possamos definir um horário e local adequados.

Os riscos decorrentes da participação das crianças na pesquisa são mínimos e eles(as) podem se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. A participação é voluntária.

Ao autorizar, você estará contribuindo para que possamos entender o que as crianças pensam sobre suas vizinhanças, suas prioridades e o que pode ser feito para melhorar a área em que moram. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente, sem a divulgação de informações dos participantes. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador.

Caso tenha qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dayse Albuquerque, na Universidade de Brasília, nos telefones (61) 3107-6919 ou (61) 98179-8373. A pesquisadora também poderá ser contatada via e-mail albuquerquepsi@hotmail.com. Agradecemos sua cooperação no sentido de auxiliar na autorização e no contato com os alunos(as).

CONSENTIMENTO PÓS INFORMACÃO

Eu, Marcilene Campos Barros, gestor(a) da escola C.G. Torto, fui informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa “A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos” a ser desenvolvida com os alunos(as). Atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Brasília, 19 de fevereiro de 2018

Marcilene Campos Barros
Vice-Diretora - Matr. 20.508-7
DDEE 01 Pq. - Tde 02/01/17
E.C.C. do Torto

Assinatura do Gestor(a)

Dayse Albuquerque
Assinatura da Pesquisadora

ANEXO 2

TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA DO AR-2



Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações - PSTO/UnB
Laboratório de Psicologia Ambiental - LPA/UnB

TERMO DE ANUÊNCIA

Prezada Gestora,

Sra. Marta Regina Marques Almeida (Escola Classe 115 Norte)
Caldas

Venho através desta solicitar autorização para convidar os(as) alunos(as) dos 3º e 4º anos letivos a participar da pesquisa "A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos" conduzida por Dayse Albuquerque como parte de sua tese de doutorado.

O estudo tem como objetivo avaliar a relação de crianças e idosos com seus locais de moradia, tendo em vista as atividades realizadas no dia-a-dia e o uso de espaços públicos em seu entorno.

A escola foi selecionada para participar da pesquisa, na qual, as crianças, por meio do convite em sala de aula receberão um termo de consentimento que deverá ser entregue aos pais. Dessa forma, a pesquisadora visitará as salas de aula para fazer os convites e entregar os termos e, posteriormente retornará para recolhê-los, verificando assim aqueles que poderão ser contatados. É possível que algumas das entrevistas ocorram no espaço da escola, a critério dos pais e/ou responsáveis que irão definir o local para realização da entrevista. Caso isso ocorra, a escola será contatada previamente para que possamos definir um horário e local adequados.

Os riscos decorrentes da participação das crianças na pesquisa são mínimos e eles(as) podem se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo. A participação é voluntária.

Ao autorizar, você estará contribuindo para que possamos entender o que as crianças pensam sobre suas vizinhanças, suas prioridades e o que pode ser feito para melhorar a área em que moram. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente, sem a divulgação de informações dos participantes. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador.

Caso tenha qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dayse Albuquerque, na Universidade de Brasília, nos telefones (61) 3107-6919 ou (61) 98179-8373. A pesquisadora também poderá ser contatada via e-mail albuquerquepsi@hotmail.com. Agradecemos sua cooperação no sentido de auxiliar na autorização e no contato com os alunos(as).

 CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, Marta Regina Marques Almeida gestor(a) da escola EC 115 N, fui informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa "A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos" a ser desenvolvida com os alunos(as). Atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.
Brasília, 15 de fevereiro de 2018

Marta Regina Marques Almeida

Assinatura do Gestor(a) Marta Regina M. Caldas
Escola Classe 115 Norte
Distrito - Matr. 33.081-7
DOCF nº 01, Pág. 23, 02/01/2017

Dayse da Silva Albuquerque

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO 3

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos

Pesquisador: Dayse da Silva Albuquerque

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 93582218.5.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.894.872

Continuação do Parecer: 2.894.872

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 14 de Setembro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br